

FABIANA PARPINELLI GONÇALVES FERNANDES

**O SUJEITO TRADUTOR E INTÉRPRETE NA REDE DIGITAL DE
SOCIALIZAÇÃO *ORKUT***

**Dissertação apresentada à Universidade de
Franca como exigência parcial para
obtenção do título de Mestre em Linguística.**

**Orientadora: Profa. Dra. Maria Regina
Momesso.**

**FRANCA
2009**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

FABIANA PARPINELLI GONÇALVES FERNANDES

**O SUJEITO TRADUTOR E INTÉRPRETE NA REDE DIGITAL DE
SOCIALIZAÇÃO *ORKUT***

**COMISSÃO JULGADORA DO PROGRAMA DE MESTRADO
EM LINGUÍSTICA**

Presidente: Profa. Dra. Maria Regina Momesso
Universidade de Franca

Titular 1: Profa. Dra. Maria José Rodrigues Faria Coracini
Universidade Estadual de Campinas

Titular 2: Profa. Dra. Marina Célia Mendonça
Universidade de Franca

Franca, 21/08/2009

DEDICO este trabalho aos pilares da minha vida...

Antonio Carlos e Arlete, meus pais.

Alex, meu marido.

Diego e Pietro, meus filhos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, sempre, em primeiro lugar, que tudo abençoou tornando em realidade mais um sonho;

ao meu marido, Alex, pela paciência, carinho e amparo nos momentos mais difíceis;

aos meus filhos, Diego e Pietro, que nos momentos de estudo estiveram privados do carinho materno;

aos meus pais, Antonio Carlos e Arlete, pelo incentivo aos estudos;

ao meu irmão, Affonso Celso e minha cunhada, Cynthia, pelo carinho e apoio à distância;

à minha irmã, Vanessa e meu cunhado, Danilo, pelo carinho e apoio presencial;

à minha orientadora, Maria Regina Momesso, pelo incentivo para ingressar no Mestrado, por suas valiosas contribuições e pela dedicação, paciência e confiança. Obrigada por compartilhar seus conhecimentos;

a UNIFRAN, pelos auxílios concedidos;

aos professores que aceitaram participar da minha Banca de Qualificação, Maria Silvia Olivi Louzada e Marina Célia Mendonça, pela contribuição no aprimoramento e aprendizado da primeira etapa deste trabalho;

aos professores Marina Célia Mendonça e Maria José Rodrigues Faria Coracini que gentilmente aceitaram participar e colaborar com este trabalho fazendo parte da Banca de Defesa;

aos professores e coordenadora do Programa de Mestrado em Linguística da Unifran, pelos ensinamentos e incentivo;

a todos os amigos e familiares que de uma forma ou de outra me estimularam e contribuíram para a realização desta dissertação de mestrado.

Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir.

Michel Foucault.

RESUMO

FERNANDES, Fabiana Parpinelli Gonçalves. **O sujeito tradutor e intérprete na rede digital de socialização orkut.** 2008. 155 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca, Franca.

Objetivamos, com esta dissertação, analisar as práticas discursivas e identitárias de sujeitos tradutores e intérpretes em uma comunidade do *orkut* – uma rede digital de comunicação e socialização onde circulam discursos, ideologias, simulações, jogos de relações e interesses. O *corpus* de análise constituiu-se de *uma* comunidade digital do *orkut* intitulada *Tradutores/Intérpretes BR* formada por 8.820 membros, número que cresce a cada nova consulta, cuja finalidade é debater sobre a formação profissional e o mercado de trabalho de tradutores e intérpretes brasileiros que possuem a língua portuguesa (do Brasil) como uma de suas línguas de trabalho. A fundamentação teórica centrou-se na Análise de Discurso francesa a partir de suas fontes - Pêcheux e Foucault – principalmente nas leituras de Foucault (1987, 1992, 1998) sobre as práticas discursivas, práticas de subjetivação, sua concepção acerca do arquivo e técnicas de si; em Lévy (1996, 1999) e Lemos (2000, 2004) quanto ao ciberespaço; Hall (2002), Bauman (1998, 2001, 2007) e Baudrillard (1981, 1997, 2003) nas questões sobre identidade e contemporaneidade; Castells (1999) no que tange à comunicação; Coracini (2006, 2007), no que diz respeito ao impacto das novas tecnologias e à identidade do tradutor; e em autores que contribuíram com as reflexões sobre pós-modernidade e contemporaneidade, novas tecnologias e seus efeitos de sentido. Os resultados apontam para a observação de que o *orkut* pode ser visto como um espaço em que o sujeito tradutor busca a sua identidade ou identidades profissionais e pessoais, tenta compreender quem ele é e quem são os outros sujeitos envolvidos. Dessa forma o *orkut* deixa de ser apenas uma rede de socialização para ser um importante espaço de prática discursiva e social com vistas à formação identitária do internauta tradutor. As práticas discursivas e identitárias analisadas apontam para um sujeito multifacetado, conflitante e descontínuo que procura estabelecer sua identidade profissional ressaltando flexibilidade, dinamicidade, competitividade, competência e o domínio não só da língua como também das novas tecnologias de informação, portanto falando de um lugar social moderno e virtual simulado pelo suporte que acolhe o discurso. Observamos que a subjetividade do tradutor e intérprete é construída por meio de discursos já institucionalizados pelo mercado globalizado. As práticas discursivas e identitárias dentro do espaço virtual expõem toda angústia de um sujeito desejante por estabelecer um lugar e um *status* de “profissional de tradução” reconhecido e valorizado pela sociedade. Portanto, o *orkut* passa a ser um instrumento de *marketing*, um lugar em que o sujeito tradutor/intérprete pode criar simulacros identitários e ganhar visibilidade dentro do mercado e junto à comunidade.

Palavras-chave: Discurso; Identidade; Tradutor e Intérprete; Redes Digitais; *Orkut*.

ABSTRACT

FERNANDES, Fabiana Parpinelli Gonçalves. *The translator and the interpreter in the digital social network: orkut*. 2008. 155 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca, Franca.

The aim of this work is to examine the discursive and identity practices of translators and interpreters in an orkut community, a digital social network where discourses, ideologies, simulation, relationships and interest games flow. The corpus of analysis consisted of a digital community on orkut called *Tradutores/Intérpretes BR* constituted by 8,820 members, a number that grows each new consultation, which purpose is to discuss the professional learning and the labor market of Brazilian translators and interpreters who have the Portuguese Language (from Brazil) as one of their working languages. The theoretical foundation focused on the French Analysis of Discourse from its sources - Pêcheux and Foucault - especially on readings of Foucault (1987, 1992, 1998) on the discursive practices, practices of subjectivity, archive and techniques of self; in Lévy (1996, 1999) and Lemos (2000, 2004) on the cyberspace; Hall (2002), Bauman (1998, 2001, 2007) and Baudrillard (1981, 1997, 2003) about identity and contemporaneity; Castells (1999) regarding the communication; Coracini (2006, 2007), regarding the impact of new technologies and the translator's identity; and in authors who contributed to the discussions on post-modernity and contemporaneity, new technologies and their effects of sense. The results point to the observation that the orkut can be seen as an area in which the translator looks for his/her professional and personal identity or identities, tries to understand who he/she is and who the other involved subjects are. Thus, orkut is no longer a digital social network to be an important area of discursive and social practice regarding to the identity formation to the translator. The discursive and identity practices analyzed point to a multifaceted, conflicting and non-continuous subject who tries to establish his/her professional identity emphasizing flexibility, dynamics, competitiveness, competence and mastery not only of language but also of new information technologies, so speaking of a modern and virtual social place simulated by the virtual hosts that support the discourse. We observed that the translator and interpreter's subjectivity is constructed through discourses already institutionalized by the global market. The discursive and identity practices within the virtual place show the anxiety of a subject who desire to establish a place and a status of "translation professional" recognized and valued by the society. Therefore, the orkut becomes a marketing tool, a place where the translator and interpreter can create identities simulacrum and gain visibility within the market and in the community.

Keywords: Discourse; Identity; Translator-Interpreter; Digital Networks; Orkut.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 DISCURSO E IDENTIDADE: perspectiva teórica	15
1.1 ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA: quadro geral	15
1.2 ARQUIVO, FORMAÇÃO DISCURSIVA E MEMÓRIA	22
1.3 PRÁTICAS DISCURSIVAS E IDENTITÁRIAS	30
2 (IN)VISIBILIDADE DA TRADUÇÃO E DO TRADUTOR NO BRASIL: de Paulo Rónai ao <i>orkut</i>	43
2.1 PANORAMA DA HISTÓRIA DA TRADUÇÃO BRASILEIRA.....	43
2.2 A INVISIBILIDADE DO TRADUTOR E INTÉRPRETE E SUA BUSCA PELA VISIBILIDADE.....	52
2.3 A TRADUÇÃO, O TRADUTOR E A TECNOLOGIA.....	61
3 CONTEMPORANEIDADE E NOVAS TECNOLOGIAS	68
3.1 CIBERESPAÇO E CIBERCULTURA	68
3.2 MODERNIDADE LÍQUIDA E SUJEITO LÍQUIDO-MODERNO.....	76
3.3 IMPACTO IDENTITÁRIO DAS NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO.....	80
4 ANÁLISE DO ARQUIVO DIGITAL	87
4.1 DESCRIÇÃO DO OBJETO DISCURSIVO: A rede digital de socialização <i>Orkut</i>	87
4.2 AS PRÁTICAS DISCURSIVAS E IDENTITÁRIAS DO TRADUTOR E INTÉRPRETE NA COMUNIDADE TRADUTORES/INTÉRPRETES BR.....	99
4.3 EFEITOS DE SENTIDO.....	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS	125

REFERÊNCIAS	127
GLOSSÁRIO DE TERMOS DA INFORMÁTICA E INTERNET.....	137
ANEXO A - Página de apresentação do <i>orkut</i>	144
ANEXO B - Página de perfil de usuário do <i>orkut</i>	145
ANEXO C - Página da comunidade <i>Tradutores/Intérpretes BR</i>	146
ANEXO D - Resultado de pesquisa sobre “tradução”	148
ANEXO E - Resultado de pesquisa sobre “tradutor” e “tradutores”.....	149
ANEXO F - Página de regras da comunidade <i>Tradutores/Intérpretes BR</i>	150
ANEXO G - Página de <i>FAQ (Frequent Asked Questions)</i>	151
ANEXO H - Página de aviso de privacidade do <i>orkut</i>	152
ANEXO I – CBO (Classificação Brasileira de Ocupações)	153
ANEXO J – <i>E-mail</i> do SINTRA sobre número de tradutores filiados	154
ANEXO K – Dados demográficos do <i>orkut</i>	155

INTRODUÇÃO

Vivemos a chamada era da pós-modernidade que, nas palavras de Lipovetsky (2004), são os “tempos hipermodernos”, ou segundo Bauman (2001), a fase da “Modernidade Líquida”, ou ainda, para Giddens (2002), “modernidade alta ou tardia”. Todas estas terminologias não são consensuais quanto ao término da modernidade e o início deste “novo”¹ período, entretanto, Coracini (2006, p.134) afirma que, apesar dos diferentes olhares de cada uma das nomenclaturas acima, “algo resta da modernidade, já que ela se acha, inclusive, presente na própria nomenclatura, modificada por um prefixo [...] ou por um adjetivo [...]”.

Bauman (2001) afirma que estamos passando por um processo de “liquefação” das estruturas e instituições sociais, ou seja, passando da fase “sólida” para a fase “fluida”, a chamada Modernidade Líquida e que os fluidos são assim chamados, pois não conseguem manter a forma por muito tempo, continuam mudando sob influência das menores forças. Por compartilharmos desta mesma visão, utilizaremos a nomenclatura Modernidade Líquida quando mencionarmos a contemporaneidade onde o mundo é dominado pela tecnologia que afeta o modo de ser, ver, sentir, viver e agir do ser humano.

Com o advento da Internet, novas práticas discursivas e de articulações sociais ocorreram, entre elas, o *e-mail*, *blogs*, *chats*, *youtube*, *orkut*, *msn*, *webcams*, *podcast*, *videologs*, *fotologs* e *second life*, promovendo um compartilhamento social mediado pela tecnologia.

O *orkut*², uma das principais redes digitais de socialização³ do século XXI, tem por objetivo viabilizar as relações sociais envolvidas em ambiente virtual. Na página de apresentação, o próprio *site* se autodenomina de várias formas:

¹ Neste trabalho utilizaremos as palavras “novo” e “nova” entre aspas com o sentido de (re)significação, uma vez que para análise de discurso francesa nenhum discurso é novo, original, sempre há um *já dito*, um *já lá*, um repetível, determinando os deslocamentos promovidos pelo sujeito nas fronteiras de uma formação discursiva (interdiscurso). No entanto, esse *já dito*, esse *já lá*, nunca é repetido da mesma maneira, portanto, carrega em si (re)significações.

² A palavra *orkut* será escrita em letra minúscula neste trabalho para se diferenciar do nome de seu criador Orkut Büyükkökten, escrito em letra maiúscula. No próprio site, a palavra *orkut* aparece em toda a plataforma (sistema operacional) em letra minúscula.

³ O conceito de socialização utilizado nesta pesquisa encontra-se em Bauman (1997, p.138). O autor afirma que “a socialização (pelo menos na sociedade moderna) visa a criar um ambiente de ação feito de escolhas passíveis de serem ‘desempenhadas discursivamente’, que se concentra no cálculo racional de ganhos e perdas”.

comunidade *online*, rede social, rede de amigos, rede digital, rede de relacionamento (veja Anexo A). Neste trabalho optamos pela utilização do termo “rede digital” para definirmos o *orkut*, *corpus* de análise desta pesquisa⁴.

O *orkut* é composto por duas partes: as páginas pessoais dos usuários, também chamadas de “perfis” (veja Anexo B) e as comunidades (veja Anexo C).

Neste espaço virtual repleto de perfis e comunidades, o indivíduo se (re)constrói como sujeito ou sujeitos por meio de suas práticas discursivas, uma vez que a virtualidade pode projetar sua subjetividade de forma real ou imaginária, porém, o impacto identitário das novas tecnologias de socialização ainda são pouco conhecidos.

O número de comunidades no *orkut* é imenso, bem como a diversidade de assuntos abordados. Para esta pesquisa foi necessária uma busca para sabermos quantas comunidades no *orkut* tinham como tema a “tradução”, área de interesse da pesquisadora devido à sua formação acadêmica e atuação no mercado de trabalho. Em uma primeira busca obteve-se um resultado de 892 comunidades⁵ (veja Anexo D). Em uma segunda busca com o assunto “tradutor” e posteriormente “tradutores”, chegou-se, respectivamente, a 130 e 72 comunidades⁶ (veja Anexo E). Dessa forma, para a análise dessa dissertação, foi necessário escolher uma entre tantas comunidades disponíveis.

Tendo visitado e analisado diversas dessas comunidades, observamos que seus objetivos também eram diversos, tais como: comunidades de tradução juramentada, de textos religiosos, audiovisual (dublagem e legendagem), de músicas, literária, científica, de RPG, de Mangás, dos livros do Harry Potter, de ferramentas de auxílio ao tradutor, de estudos da tradução, de protestos a traduções mal feitas, além de tradutores vinculados a instituições de ensino superior.

Com tantas opções de escolha optamos pela comunidade intitulada *Tradutores/Intérpretes BR*⁷, por ser a maior e a mais antiga comunidade de tradução encontrada no *orkut*, formada por 8.820 membros⁸ e, por tratar-se de uma comunidade de tradutores e intérpretes brasileiros que trabalham com a língua

⁴ Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/About.aspx>>. Acesso em: 20 abr. 2008.

⁵ Pesquisa realizada no campo de busca por comunidades no *orkut* em 15 de maio de 2007.

⁶ Ibid.

⁷ Disponível em <<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=50302>>. Acesso em: 15 maio 2007.

⁸ No início da pesquisa (março/2007) o número de membros da comunidade era de 6.017, número que cresce a cada nova consulta à comunidade. O resultado de 8.820 foi obtido em 14 de julho de 2009.

portuguesa (do Brasil) como uma de suas línguas (fonte ou alvo), cuja finalidade é debater sobre a formação profissional e o mercado de trabalho (veja Anexo C).

A pesquisadora, como usuária do *orkut* há cerca de 4 anos com perfil próprio e membro de algumas comunidades, sejam elas de tradução ou de interesses diversos, tem conhecimento sobre o manuseio deste espaço. Pôde perceber, ao longo desses anos, as mudanças ocorridas no *layout* do *site*, na configuração do usuário, na criação de novos recursos para a construção de perfis e comunidades (adição de vídeos; uso de itálico, negrito e cores na formatação do texto; aumento na capacidade de adição de fotos (10.000 atualmente); criação do aplicativo “*BuddyPoke*”; disponibilização do serviço de bate-papo *online*; entre tantos outros), bem como a recente preocupação do *site* com questões sobre privacidade por meio de dicas de segurança e recursos de restrição de informações no perfil do usuário. Esse trabalho, portanto, deve ser tomado como fruto do contato cotidiano com o *corpus* de pesquisa.

Os dados coletados foram analisados na perspectiva metodológica do trajeto temático, e, para isso, foi escolhido um tema que nos pareceu mais significativo para a prática profissional destes sujeitos: a questão da formação profissional, seja ela, acadêmica ou informal. Uma vez que a área de tradução e interpretação não é regulamentada, isto é, não requer formação acadêmica para a atuação profissional no mercado de trabalho; que universidades oferecem cursos de tradução em diferentes níveis (graduação e pós-graduação), que existem cursos livres para a capacitação destes profissionais; e que a comunidade se propõe a discutir a formação profissional e o mercado de trabalho, imaginamos que debates sobre este tema sejam recorrentes.

Diante deste quadro, justifica-se a escolha deste “arquivo” digital como *corpus* de análise sobre as práticas discursivas e identitárias do tradutor e intérprete em redes digitais de socialização. O conceito de arquivo encontra-se em *A Arqueologia do Saber* de Michel Foucault, publicado em 1969, e será abordado no tópico 1.2.

Na fase arqueológica de Foucault, o filósofo tenta construir uma história dos saberes onde o centro de sua investigação é a relação entre o discurso, a história, os sujeitos e a produção de sentidos (GREGOLIN, 2007a, p. 73). Na arqueologia, Foucault não busca encontrar nos discursos a atividade consciente do sujeito, ou seja, aquilo que ele teve intenção de falar. Pelo contrário, ele busca

interrogar “as condições que propiciaram o aparecimento de um determinado enunciado e não outro em seu lugar” (NAVARRO-BARBOSA, 2004, p. 111), o que nos faz crer que os discursos encontrados na comunidade *Tradutores/Intérpretes BR* inscrevem-se em um mesmo arquivo e no interior de uma mesma formação discursiva, pois surgiram em função de “um jogo de relações” e de “regularidades específicas” (FOUCAULT, 1987, p. 149), o que os tornam passíveis de investigação nesta dissertação.

Um dos questionamentos que norteou a pesquisa foi o de verificar quem é o sujeito tradutor/intérprete da contemporaneidade e como ele se constitui nas redes digitais de socialização, neste caso, em uma comunidade do *orkut*. Assim, o objetivo geral foi refletir sobre a noção de sujeito e sobre as práticas discursivas e identitárias na contemporaneidade. Os objetivos específicos referem-se a questões como: a) pensar a noção de sujeito a partir da perspectiva da análise de discurso francesa; b) verificar que práticas discursivas e identitárias se fazem no espaço virtual da comunidade analisada; c) identificar quais efeitos discursivos se fazem acerca das subjetividades do profissional tradutor/intérprete na mídia digital, proporcionando uma visão mais crítico-reflexiva da atual realidade da profissão de tradutor e intérprete.

Buscamos compreender esse processo de subjetivação, não a partir de grandes linhas de pesquisa sustentadas por embasamentos teóricos que foram ao longo dos tempos construídos, quase sempre de forma distinta, mas sim a partir dos “discursos” produzidos em suas práticas cotidianas, de forma a “acolher o discurso em sua irrupção de acontecimentos” (FOUCAULT, 1987, p. 28). Logo, a fundamentação teórica centra-se na Análise de Discurso francesa (AD) a partir de suas fontes: Michel Pêcheux, seu fundador e Michel Foucault (1987, 1992, 1998) sobre as práticas discursivas, práticas de subjetivação, sua concepção acerca do arquivo e técnicas de si - são nos princípios de convergência entre ambos que esta pesquisa está fundamentada; em Lévy (1996, 1999) e Lemos (2004), quanto a cibercultura; Hall (2002), Bauman (2001, 2007) e Baudrillard (1981, 2003) nas questões sobre identidade e contemporaneidade; Castells, no que tange à comunicação; Coracini (2006, 2007), no que diz respeito ao impacto das novas tecnologias e à identidade do tradutor; e em autores que contribuíram com as reflexões sobre pós-modernidade, novas tecnologias e seus efeitos de sentido.

Assim a pesquisa é de cunho qualitativo e de caráter histórico-bibliográfico fundamentando-se em autores de comprovada autoridade e relevância, estabelecendo-se a relação entre conceitos como novas tecnologias, ciberespaço, cibercultura, subjetividade, discurso, tradução, entre outros.

A reflexão analítica estabelecida com os autores foi baseada na perspectiva teórica da Análise do Discurso. Utilizamos o método dedutivo-bibliográfico, ou seja, partindo da amostragem dos dados coletados, foram feitas as análises e chegamos a possíveis conclusões a respeito de quem seja o tradutor e intérprete internauta, usuário de uma comunidade digital de socialização, portanto, pertencente à modernidade líquida.

A dissertação divide-se em cinco partes. Na primeira parte abordamos os pressupostos teóricos da análise do discurso francesa, bem como os conceitos relevantes para a análise do *corpus* escolhido, entre eles, arquivo, formação discursiva, memória discursiva, práticas discursivas e identitárias, sujeito, discurso e técnicas de si. Na segunda parte apresentamos um panorama da história da tradução do Brasil e questões sobre a invisibilidade do tradutor e intérprete e sua busca pela visibilidade. Na terceira parte abordamos questões a respeito do ciberespaço, da cibercultura, da modernidade líquida, do sujeito líquido moderno, bem como do impacto identitário das novas tecnologias de informação e comunicação. Na quarta parte analisamos o arquivo digital por meio das práticas discursivas e identitárias do tradutor e intérprete em uma comunidade digital e seus efeitos de sentido. Por último, em nossas considerações finais, pretendemos mostrar uma perspectiva de análise que pode ser explorada, aplicando-se os pressupostos teóricos, ou mesmo, instigando outros pesquisadores a buscarem no espaço virtual instrumentos de aplicabilidade das teorias discursivas e da constituição da identidade do sujeito tradutor e intérprete na contemporaneidade.

1 DISCURSO E IDENTIDADE: perspectiva teórica

Nenhuma voz individual se pode aí distinguir; só o conjunto se impõe ao ouvido.

Michel Foucault.

A primeira parte desta dissertação tem como objetivo central apresentar o espaço teórico no qual nos colocamos para fazer nossas análises: a Análise do Discurso de linha francesa.

1.1 ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA: quadro geral

O campo do saber que rege este estudo é o da Linguística, mas, por existir no interior deste campo do conhecimento muitas linhas de pesquisas que se sustentam em diversos embasamentos teóricos, torna-se necessário delimitar que área da Ciência da Linguagem foi por nós escolhida. Nosso olhar não está voltado apenas para os sons, as palavras, as frases, os textos ou linguagens, mas para tudo isso, com o intento de chegarmos à observação específica do discurso.

Análise do Discurso, doravante AD, foi escolhida para nos guiar neste trajeto, pois concebe o discurso como um novo objeto de análise, diferente do enunciado e do texto, e que não pode ser pensado separado da história.

Nesta pesquisa, achamos relevante iniciarmos nossas reflexões analisando o que o surgimento de uma ciência, que acreditava só ser possível perceber os sentidos em suas “movências” (GREGOLIN, 2001), representou para os estudos da linguagem.

A AD francesa surge no final dos anos 1960, em um período marcado por intensas atividades políticas como o Movimento de Maio de 1968⁹ na França,

⁹ Na Europa ‘libertada’ (França, Alemanha, Itália), a fúria juvenil contra um sistema que só se fazia fortalecer com a prosperidade econômica e que invadia a orgulhosa cultura local com produtos de qualidade duvidosa, vai desembocar em movimentos e manifestações diversas de rebelião nos meios

pelo estruturalismo na Europa¹⁰, e pelas novas interrogações que surgiam no âmbito das ciências humanas. A AD teve como marco inaugural o lançamento do livro de Michel Pêcheux, *Análise Automática do Discurso*, de 1969, e a revista *Langages*, de 1966, organizada por Jean Dubois, e foi pautada por um debate filosófico que buscava combater o excessivo formalismo linguístico da época.

Segundo Malidier (1994, p. 16):

Nos anos que precederam 1968-70, J. Dubois e M. Pêcheux, independente um do outro, elaboraram o que vai se chamar Análise do Discurso. Ao tomarmos o viés de dupla narração, muito sucinta, é a diferença, antes de tudo que se destaca. Jean Dubois, linguista é um universitário. Seu trajeto é o de numerosos linguistas da época: estudos literários, gramaticais, depois passagem para a linguística. É já um grande nome da linguística francesa, um lexicólogo reconhecido. Ele participa de todos os empreendimentos que, na década de 1960, manifestam o espírito de conquista da linguística: da elaboração de dicionários à criação de revistas (assim é criada *Langages*, em março de 1966). Michel Pêcheux, por sua vez, é filósofo. Desde o meio do decênio ele se encontra envolvido nos debates teóricos que se desenvolvem na rua ULM, em torno do Marxismo, da psicanálise e da epistemologia.

O encontro entre um linguista (Dubois) e o filósofo (Pêcheux) permitiu estabelecer as bases para as práticas da linguagem por meio da ruptura com toda uma conjuntura política e epistemológica, e pela articulação com outras áreas das ciências humanas: a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise.

Em meio a este contexto histórico, a AD, em sua fase inicial, fixou sua atenção para o estudo da formação ideológica manifestada em textos políticos.

Malidier (1994) também menciona que houve uma dupla fundação para a AD na França: de um lado Dubois via a AD como uma continuação natural da

estudantis e operários. Tais movimentos – reunidos no termo Maio/1968, mas que se estenderam por todo o primeiro semestre daquele ano – tinham como principal traço comum o fato de escaparem ao controle das forças organizadas nos sindicatos e partidos políticos e de criticarem as ideologias estabelecidas tanto de direita quanto de esquerda, atacando-se a todos os partidos políticos e grupelhos esquerdistas. Em Paris, o movimento de maio de 1968 vai se radicalizar no Movimento das Ocupações, que reunia estudantes e operários numa luta comum contra todo poder constituído – na família, na empresa, na universidade ou na política – e em favor de propostas mais radicais de mudança (BELLONI, 2003, p. 124).

¹⁰ No campo da linguística, o trabalho do francês Ferdinand de Saussure (*Cours de Linguistique Générale*, 1916) publicado após sua morte, serviu por muito tempo como o modelo da corrente estruturalista de formação francesa. Baseava-se no estudo da estrutura da língua e do uso coletivo, comum a todos os falantes, desprezando o individual por considerar que a língua é homogênea e dinâmica, enquanto a fala é mutável. Assim, separou *langue* e *parole*, a fim de estudar apenas a língua (*langue*) como sistema.

Linguística na qual o objeto de estudo eram os enunciados; do outro, Pêcheux buscava uma ruptura com a noção da ideologia reinante – o estruturalismo – e propunha a criação de um novo campo de investigação no qual o objeto de estudo era o discurso e sua relação com a ideologia e o sujeito.

Ao recusar a concepção instrumental da linguagem, originada do *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure, em 1970, Pêcheux provocou grandes transformações na linguística: a compreensão do fenômeno da linguagem passou a ser procurada fora da dicotomia saussureana (língua x fala; sincronia x diacronia; sintagma x paradigma; significante x significado) e sua instância passou a ser o discurso.

Portanto, para a AD, o discurso é a instância de articulação da língua-sujeito-história, isto é, da relação do linguístico com o ideológico.

Vale ressaltar que Saussure descartou a presença do sujeito nos estudos linguísticos, pois considerava o sujeito apenas usuário de um código. Ao constituir a língua como objeto da linguística, ele excluiu o individual e o subjetivo para o âmbito da fala. Para Saussure, o significado é fixo e a língua deve ser estudada como código social, desconsiderando “marcas” individuais. Enquanto a língua é o sistema social dos signos compartilhado por uma determinada cultura, a fala é entendida como “ato individual e virtual que só se atualiza na e pela fala” (ORLANDI, 1995, p. 32).

Para a construção dos pilares teóricos da AD, Pêcheux (1993) baseou-se na releitura do filósofo francês Louis Althusser sobre *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado* (uma releitura de Marx) e nas influências de autores de disciplinas distintas como o filósofo francês Michel Foucault (sobre a noção de formação discursiva, a partir da qual outros conceitos foram elaborados: interdiscurso, memória discursiva, práticas discursivas, entre outros); o linguista russo Mikhail Bakhtin (sobre o princípio dialógico da linguagem que serve de base para a heterogeneidade discursiva) e o psicanalista francês Jacques Lacan (conceitos psicanalíticos sobre o imaginário, o simbólico e o real). Desta forma, Pêcheux (1993) constrói uma teoria de entremeio que tem como objetivo principal o discurso.

A AD de Pêcheux é uma ciência transdisciplinar onde são articuladas “três regiões do conhecimento científico”: o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das

ideologias; a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo; e, a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 163-164). E estas três regiões do conhecimento são atravessadas por “uma teoria da subjetividade, de natureza psicanalítica” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 164).

A Análise do Discurso passou por três épocas diferentes, conhecidas como: AD-1, AD-2 e AD-3 e, cada uma delas revela as influências advindas dos pilares teóricos utilizados.

Para Gregolin (2007a, p. 60):

O que foi chamado de “três épocas da análise do discurso” por Pêcheux revela os embates, as reconstruções, as retificações operadas na constituição do campo teórico da análise do discurso francesa. O solo epistemológico precisou ser revolvido e as mudanças delineiam os debates teóricos e políticos que surgiram de crises que atingiram a reflexão sobre como se dá a articulação entre o discurso, a língua, o sujeito e a História.

Fernandes (2007, p. 85) afirma que as três épocas da AD “não se definem precisamente por uma divisão cronológica” e que elas “refletem a elaboração e reelaboração dos conceitos que constituem o aparato teórico e metodológico deste campo do saber”.

Na primeira fase teórica, chamada de AD-1, Pêcheux (1993), ainda influenciado pelo estruturalismo, preocupa-se em desenvolver uma metodologia teórica propondo uma análise automática do discurso a fim de buscar uma exterioridade do texto. Pêcheux, também, sofre as influências da obra de Althusser, *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*, de 1970, em que o conceito de ideologia (estrutura e funcionamento) foi de fundamental importância para suas reflexões teóricas sobre a AD.

Na AD-1, Pêcheux (1993) considera os discursos como homogêneos, fechados em si (noção de maquinaria discursiva) e resultantes de condições de produção estáveis¹¹. O sujeito era visto como assujeitado, atravessado pela ideologia e pelo inconsciente, e tinha a ilusão de ser a fonte do discurso.

Para Pêcheux (1993, p. 311):

¹¹ O discurso, na primeira fase da AD, era compreendido como discurso político (engajado nas lutas de classes, em embate com as idéias marxistas) ou discurso religioso, ambos fechados em si mesmos.

Um processo de produção discursiva é concebido como uma máquina autodeterminada e fechada em si mesma. De tal modo que um sujeito-estrutura determina os sujeitos como produtores de seus discursos: os sujeitos acreditam que 'utilizam' seus discursos quando na verdade são seus 'servos' assujeitados, seus suportes.

Metodologicamente, a AD1 pressupunha:

[...] reunir um conjunto de traços discursivos empíricos [...] fazendo a hipótese de que a produção desses traços foi, efetivamente, dominada por uma, e apenas uma, máquina discursiva além de construir a partir desse conjunto de traços e através de procedimentos linguisticamente regulados, o espaço da distribuição combinatória das variações empíricas desses traços (PÊCHEUX, 1990b, p. 313).

Após ter sido criticado e questionado sobre o estatuto do sujeito e do discurso, Pêcheux problematiza sua metodologia e é levado para uma segunda fase.

Esta segunda fase, denominada AD-2, teve início em 1975 com o lançamento de *Les Vérités de la Palice*¹², onde Pêcheux aprimorou conceitos e introduziu noções fundamentais para a teoria: rompeu com a noção de maquinaria estrutural fechada da fase anterior; elaborou a teoria dos dois esquecimentos¹³; reafirmou sua vinculação às teorias althusserianas afirmando que os aparelhos ideológicos não só produzem, como também alteram as condições de produção; apresentou a noção de formação discursiva heterogênea, baseadas nas leituras de Michel Foucault.

Segundo Pêcheux (1990b, p. 314), sobre a noção de formação discursiva, advinda das leituras de Foucault:

[...] a noção de formação discursiva tomada de empréstimo a Michel Foucault, começa a fazer explodir a noção de máquina estrutural fechada na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com seu 'exterior': uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente 'invadida' por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhes suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo, sob a forma de 'preconstruídos' e de 'discursos transversos').

Nesta fase, o sujeito discursivo ainda permanecia assujeitado.

¹² Em português, publicado como Pêcheux, M. *Semântica e Discurso: uma crítica á afirmação do óbvio*. Campinas Editora da Unicamp, 1988.

¹³ Para Pêcheux, há dois tipos de esquecimentos: no esquecimento número 1, o sujeito cria uma realidade discursiva ilusória; colocando-se na origem da autoria do que diz, na fonte exclusiva do sentido de seu discurso, o sujeito tem a ilusão de que é ele o criador absoluto de seu discurso; no esquecimento número 2, ao retomar seu discurso para explicar a si o que diz, o sujeito tem a ilusão de que o discurso reflete o conhecimento objetivo que tem da realidade (PÊCHEUX, 1990b).

Do ponto de vista metodológico, conforme afirmou Pêcheux (1993, p. 315), a AD2 permaneceu praticamente na prescrição da primeira época:

[...] o deslocamento é, sobretudo, sensível ao nível da construção dos *corpora* discursivos, que permitem trabalhar sistematicamente suas influências internas desiguais, ultrapassando o nível da justaposição contrastada.

Esta fase representou um período de amadurecimento da AD, resultando nos embasamentos teóricos que levaram ao surgimento da AD-3 e sua forma atual: o discurso como efeito de sentido entre locutores.

A AD-3, terceira fase, foi marcada por uma profunda avaliação de Pêcheux sobre os fundamentos teóricos e metodológicos de seu trabalho: encerrou-se a noção de homogeneidade e estabilidade discursiva e, também, a de maquinaria discursiva estrutural. A posição do sujeito foi debatida passando a ser considerado não mais como interpelado por uma ideologia, mas por várias ideologias. O sujeito torna-se heterogêneo, ou seja, vários discursos manifestam-se na sua fala. A sintaxe perdeu o estatuto de neutralidade. Surgiu grande interesse em torno da noção de enunciação.

Esta fase foi marcada pela aproximação de Pêcheux com as propostas de Bakhtin sobre heterogeneidade e interdiscurso e pela idéias de Foucault no que diz respeito: a uma leitura “sem filtro” onde Pêcheux é levado a análise da singularidade do acontecimento discursivo e não apenas de sua estrutura (GREGOLIN, 2007a); ao método arqueológico de fazer a “leitura de arquivo”; à noção de história como descontinuidade levando as investigações não somente a textos legitimados, mas também a discursos cotidianos.

Para Fernandes (2007, p. 90), a reformulação dos vários conceitos na terceira fase serviram para que a “Análise do Discurso tivesse continuidade após a morte de Pêcheux, em 1983”.

Em todas as suas fases, a Análise do Discurso foi repensada e essas reflexões sempre tinham como ponto nodal a articulação entre discurso, língua, sujeito e história.

Pêcheux, conforme afirmou Malidier (2003, p. 16) tentou, até o limite do possível, re-pensar tudo o que o discurso, enquanto conceito ligado a um dispositivo, designava para ele.

No Brasil, a AD surge apenas em meados dos anos de 1980, quase vinte anos após seu surgimento na França.

As condições para a implantação desta teoria não eram favoráveis no Brasil devido ao período de ditadura militar (1964 a 1985), pois, “por trás das palavras pronunciadas outras são ditas” (FERNANDES, 2007, p. 90).

Este atraso fez com que muitos trabalhos aqui produzidos fossem sustentados em diferentes bases teóricas das diferentes fases da AD francesa e em pressupostos iniciais que já haviam sido superados na França.

Gregolin (2003), ao afirmar que os trabalhos brasileiros têm aproximações e distanciamentos em relação aos trabalhos produzidos pelo grupo de Pêcheux, lembra que o Brasil tem outra história, e, portanto, outra AD.

Vale ressaltar que a produção brasileira é de imenso valor, conta com uma diversidade de *corpus* de análise (verbal e não-verbal, discurso político, religioso, jurídico, midiático, científico, tecnológico e cotidiano) e vem aprofundando questões fundamentais sobre o discurso.

A denominação Análise do Discurso francesa ainda é utilizada para demarcar uma legitimidade, um “lugar” teórico, na prática desta ciência que articula a linguística com outras áreas da ciência humana.

É justamente essa proposta de articulação que torna a AD tão interessante e que fez com que tenha sido escolhida como fundamentação teórica para essa dissertação.

Privilegiamos, em nossas abordagens, a terceira fase da Análise do Discurso por ela ser mais abrangente que as fases anteriores.

Portanto, os conceitos articulados e aplicados nesta pesquisa são frutos da revisão teórico-metodológica efetuada por Pêcheux desenhando um novo caminho para a Análise do Discurso Francesa.

1.2 ARQUIVO, FORMAÇÃO DISCURSIVA E MEMÓRIA

Até o momento, já definimos que a linha de pesquisa desta dissertação é a Análise do Discurso de linha francesa, oriunda dos trabalhos de Michel Pêcheux. No entanto, outras delimitações serão necessárias, visto que a AD passou por três fases diferentes e sofreu a influência de outros pilares teóricos.

Um dos teóricos que fornece campo apropriado para nossos estudos é Michel Foucault. Este filósofo francês abriu um leque fascinante de inúmeras investigações envolvendo questões sobre os saberes, o sujeito, o processo de subjetividade, a loucura, o poder e a sexualidade. Diante desta multiplicidade de olhares, é possível buscar interpretações para um grande número de investigações, porém, esta mesma multiplicidade torna este autor impossível de ser caracterizado como representante de uma única *episteme*.

Nossa escolha por este filósofo deve-se ao fato de o sujeito ter sido o foco de suas investigações, mesmo que nem sempre de forma consciente em todos os seus trabalhos, como veremos no tópico 1.3.

Sabemos que o caminho escolhido não é estável e apresenta inúmeras reconstruções e concordamos com Marshall (1994, p. 24) ao afirmar que: faz parte da estratégia foucaultiana desfamiliarizar e reconstruir nossas concepções e práticas cotidianas.

As contribuições de Michel Foucault para a AD foram inúmeras, principalmente na segunda e terceira fases, conforme analisado no tópico 1.1. No decorrer destas duas fases, houve momentos em que as idéias de Pêcheux foram contraditórias às idéias de Foucault e outros em que elas se aproximaram. Apesar das divergências e convergências nos diálogos entre Pêcheux e Foucault, são nos princípios de convergência entre ambos que esta pesquisa está fundamentada, sendo o principal deles: considerar o sujeito como heterogêneo e constituído por meio da e na linguagem, conforme Gregolin (2007a).

É importante esclarecer que Pêcheux e Foucault tiveram projetos epistemológicos distintos. Enquanto Pêcheux buscou construir a Análise de Discurso, mantendo uma forte relação com a Linguística, Foucault não teve como objetivo imediato construir uma teoria do discurso - suas temáticas envolveram as relações entre os saberes e os poderes na história ocidental e estiveram voltadas

para a construção histórica das subjetividades, mantendo uma forte relação com a História e a Filosofia.

Apesar de trilharem caminhos diferentes, durante o percurso, alguns conceitos como o de formação discursiva, arquivo e noção de sujeito, cruzaram-se e dialogaram. Outros, como a questão do assujeitamento e da ideologia, entraram em choque.

Para Gregolin (2007a, p. 125) Foucault não é um adversário de Pêcheux no que diz respeito a uma teoria do discurso. O que eles propõem não está em oposição, mas em complementaridade, já que se trata, antes, de diferenças e não de contraditoriedade. E, segundo esta mesma autora (2007a, p. 125), a diferença fundamental no trabalho de ambos diz respeito “à maneira de se situarem frente às propostas althusserianas”, ou seja, as categorias clássicas do marxismo.

Entendemos que as abordagens discursivas de Pêcheux e Foucault podem contribuir na problematização de nossos saberes e de nossos discursos, reflexão a qual nos propomos na presente pesquisa.

Iniciamos nossas reflexões teóricas acerca dos pressupostos foucaultianos sobre o método arqueológico, que, nesta dissertação, foi eleito para investigar a rede discursiva que entrelaça as práticas discursivas e identitárias do tradutor e intérprete em contexto digital, no caso, uma comunidade do *orkut*.

Em *Arqueologia do Saber*, publicado em 1969, Foucault explica teórica e metodologicamente o método arqueológico que já havia sido mencionado em obras anteriores como *O nascimento da clínica: a arqueologia do saber médico*, de 1963, e *As palavras e as coisas: a arqueologia das ciências humanas*, de 1966, mas, cujo significado, segundo o próprio autor, “tinha deixado vazio” (FOUCAULT, 1969 apud GREGOLIN, 2007a, p. 91).

A arqueologia foi, até o final da década de 1970, o método que marcou as pesquisas de Foucault e, posteriormente, o termo passou a ser chamado de genealogia¹⁴, duas terminologias não só complementares, mas inseparáveis.

¹⁴ A atividade genealógica requer a busca da singularidade dos acontecimentos, sobretudo naquilo que não participa da história, como “[...] os sentimentos, o amor, a consciência, os instintos” (FOUCAULT, 2000 p. 260), fazendo emergir o entendimento sobre os espaços onde desempenharam papéis distintos e/ou foram excluídos do discurso verdadeiro.

Devido à ambiguidade da palavra “arqueologia”, Foucault recusa dois sentidos que podem ser associados a ela: “busca da origem” e “escavação de significados secretos” (GREGOLIN, 2007a, p. 82).

O objeto de estudo do método arqueológico é o saber de uma época buscando-se compreender as condições histórico-sociais que possibilitaram a irrupção de acontecimentos discursivos no interior de um mesmo arquivo e o aparecimento de determinados enunciados e não outros em seu lugar.

O acontecimento discursivo, segundo Gregolin (2007a, p. 83), apesar de possuir uma irrupção brutal, “obedece a uma combinação de regras, que constituem o arquivo, e que determinam as condições de possibilidades de sua aparição”.

Em *A Arqueologia do Saber*, Foucault (1987, p. 148-149) explica o que considera ser um arquivo:

[...] a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. Mas o arquivo é, também, o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, não se inscrevam, tampouco, em uma linearidade sem ruptura e não desapareçam ao simples acaso de acidentes externos, mas que se agrupem em figuras distintas, se componham umas com as outras segundo relações múltiplas [...].

O conceito de arquivo de Foucault (1987) reformulou a maneira de organizar o *corpus* a ser analisado, visto que, nos estudos da História, era privilegiado em sua forma linear e cronológica e, na AD, é organizado a partir de uma diversidade de textos, de um trajeto temático e de um acontecimento discursivo.

Opondo-se aos estudos da história tradicional, em que o pesquisador busca encontrar relações de causalidade nos documentos do passado, Foucault, pelo método arqueológico, propõe ao pesquisador transformar o documento em monumento, descobrindo suas especificidades e a lei que os rege¹⁵.

Para tanto, Foucault (1987) propõe não uma análise que busque o emparelhamento dos textos e suas regularidades, pelo contrário, ele deseja romper

¹⁵ Para Foucault, a história tradicional “se dispunha a ‘memorizar’ os monumentos do passado, transformá-los em documentos e fazer falarem estes rastros que, por si mesmos, raramente são verbais, ou que dizem em silêncio coisa diversa do que dizem” (FOUCAULT, 1987, p. 8). Com essa crítica, Foucault propõe o abandono da crítica documental, uma vez que, o monumento falaria por si mesmo.

o fio da continuidade e buscar o descontínuo, as brechas, a especificidade que é preservada em cada texto.

Mandarin (1979 apud SARGENTINI, 2004, p. 88) partindo de Foucault, afirma que:

[...] o conjunto de enunciados constitui o arquivo de uma época. Este conjunto não é a coleção de um espaço homogêneo [...] mas um conjunto de regiões heterogêneas de enunciados produzidos por práticas discursivas irreduzíveis.

O próprio Foucault (1987, p. 149) afirma que o arquivo não é o que recolhe a poeira dos enunciados que novamente se tornaram inertes e que permite o milagre eventual de sua ressurreição; é o que define o modo de atualidade do enunciado-coisa; é o sistema de seu funcionamento. Também não é o que unifica tudo o que foi dito no grande murmúrio confuso de um discurso, nem o que nos assegura a existência no meio do discurso mantido, mas sim, o que diferencia os discursos em sua existência múltipla e os especifica em sua duração própria.

Gregolin (2007a, p. 98) afirma que na obra *Arqueologia do Saber*, Foucault une todos os conceitos por ele estudados: enunciado; formações discursivas; conjunto de enunciados (discurso); práticas discursivas; *a priori* histórico; positividade e arquivo. Do micro ao macro podemos dizer que Foucault parte da concepção de enunciado para a de arquivo e, o discurso, conceito central da investigação arqueológica, passa a ser situado entre a estrutura e o acontecimento, pois, de um lado temos as regras da língua e de outro, aquilo que é efetivamente dito.

Outros autores que também refletiram sobre o conceito de arquivo, após 20 anos de estudos em Análise do Discurso, foram: Guilhaumou & Maldidier (1994, p. 164):

Na perspectiva atual, consideramos a complexidade do fato arquivista. O arquivo nunca é dado *a priori*, e em uma primeira leitura, seu funcionamento é opaco. Todo arquivo, principalmente manuscrito, é identificado pela presença de uma data, de um nome próprio, de uma chancela institucional, ou ainda pelo lugar que ele ocupa em uma série. Essa identificação, puramente institucional, é para nós insuficiente: ela diz pouco do funcionamento do arquivo. Nossa prática atual de análise do discurso retoma as preocupações dos historiadores de mentalidades, que na construção de objetos como a morte, o medo, o amor, o profano e o sagrado, instalam pela confrontação de séries arquivistas, regimes múltiplos de produção, circulação e leitura de texto.

Analisar discursos baseados nas concepções de Foucault sobre arquivo implica buscar os enunciados não interrompendo a sua trajetória, pelo contrário, implica em buscá-los em sua movências. Por movências entende-se, de acordo com Gregolin (2004, p. 36), a movimentação dos enunciados [...] nos atos praticados por sujeitos historicamente determinados.

E, para que os enunciados sejam analisados como pertencentes a um mesmo discurso, Foucault (1971 apud GREGOLIN, 2007a, p. 107-108) propõe quatro critérios de análise:

- a) os enunciados devem estar relacionados a um mesmo domínio de objetos;
- b) os enunciados devem ser originados por uma mesma modalidade de enunciação [...];
- c) um discurso será individualizado pelas escolhas e estratégias de argumentação que mobiliza;
- d) cada discurso define uma diferente função para o sujeito, isto é, define estatutos, posições que o sujeito pode ocupar.

Entretanto, Foucault não busca encontrar nos discursos a atividade consciente do sujeito, ou seja, aquilo que ele teve intenção de falar. Pelo contrário, a arqueologia busca interrogar “as condições que propiciaram o aparecimento de um determinado enunciado e não outro em seu lugar” (NAVARRO-BARBOSA, 2004, p. 111).

Navarro-Barbosa (2004, p. 116), em seu trabalho, *O acontecimento discursivo e a construção da identidade na História*, afirma que: a nossa sociedade dispõe de um arquivo sobre o que é ser brasileiro, negro, escravo, índio, sobre a nossa constituição como colônia e depois como nação, sobre nossa natureza. Por meio deste arquivo, é possível observar o que a nossa sociedade pode dizer de si mesma (2004, p.116).

Podemos afirmar que o mesmo ocorre com a comunidade do orkut *Tradutores/Intérpretes BR* que, ao ser analisada à luz da AD e dos pressupostos teóricos foucaultianos, apresenta-nos um arquivo digital sobre o que é ser um sujeito tradutor e intérprete nos tempos da modernidade líquida.

Portanto, conforme afirmou Sargentini (2004, p. 91) o arquivo passa a ser, então, um lugar para se pensar as práticas discursivas de uma sociedade.

Essas reflexões nos fazem crer que os discursos encontrados na comunidade Tradutores/Intérpretes BR inscrevem-se em um mesmo arquivo e no interior de uma mesma formação discursiva, pois surgiram em função de “um jogo

de relações” e de “regularidades específicas” (FOUCAULT, 1987, p. 149), o que os torna passíveis de investigação nesta dissertação. Dessa forma, o conceito de formação discursiva elaborado por Foucault e revisitado por Pêcheux é de extrema importância para nossas reflexões.

Quando Pêcheux traz para a AD, em sua segunda fase, a noção de formação discursiva (FD), ele relaciona tal conceito à questão da luta ideológica de classes e da ideologia (marxismo), ausentes na proposta de Foucault. Tratava-se, segundo o próprio Pêcheux afirmou em seu artigo *Remontons de Foucault a Spinoza*¹⁶ (1990c), de extrair da noção de Foucault o que ela tinha de materialista e revolucionária, ou seja, a concepção foucaultiana de discurso como prática.

Foucault (1987, p. 43) define formação discursiva como:

[...] no caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puderem definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva*.

Em 1971, Pêcheux (1990b, p. 314) traz para a AD a noção de formação discursiva, doravante FD, de Foucault e a reinterpreta como:

[...] a noção de formação discursiva tomada de empréstimo a Michel Foucault, começa a fazer explodir a noção de máquina estrutural fechada na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com seu ‘exterior’: uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente ‘invadida’ por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhes suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo, sob a forma de ‘preconstruídos’ e de ‘discursos transversos’).

Para Pêcheux, a FD estava intimamente relacionada com a noção de formação ideológica, devido às suas leituras de Althusser (1998) sobre Ideologia e *Aparelhos Ideológicos do Estado*, reiterando seu estreito laço com o marxismo.

Em 1975, Pêcheux publica *Les Verites de La Palice*¹⁷ (1988, p. 160) retomando os conceitos, anteriormente formulados, de formação discursiva:

¹⁶ Título em português: Remontemos de Foucault a Spinoza.

¹⁷ Em português: Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio. Campinas: Unicamp, 1988.

Chamaremos, então, formação discursiva, aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e o que deve ser dito (articulando sob forma de um sermão, uma arenga, um panfleto, uma exposição, de um programa, etc.).

Pêcheux acrescenta ao conceito de formação discursiva a discussão sobre a materialidade do discurso, ou seja, o sujeito é interpelado pela ideologia que o constitui – o assujeitamento – e, ao enunciar, todo sujeito fala a partir de uma formação discursiva.

Ao rever a trajetória da Análise do Discurso, Pêcheux, em sua terceira fase, observa que uma FD é constitutivamente invadida por outras FDs rompendo com a noção de homogeneidade do discurso, discursos estes, repletos de contradições. Tanto para Pêcheux quanto para Foucault, a contradição é um princípio constitutivo de toda FD. Entretanto, Foucault propõe analisar as diferentes FDs a partir de suas possibilidades de emergência, diferente de Pêcheux, que atribui à ideologia um papel importante para a análise dos discursos. Temos aqui uma divergência fundamental entre os dois autores.

Com a noção de heterogeneidade discursiva, advindas das idéias de Authier-Revuz sobre heterogeneidade constitutiva e marcada, Pêcheux não só abandona o conceito de discurso homogêneo, como desestabiliza a unidade do sujeito em direção ao “outro”.

Desta forma, no interior de uma mesma FD existem várias vozes, vários discursos que se cruzam, e que, segundo Pêcheux (1988, p. 57), “é constitutivamente frequentada por seu outro”.

Esse “outro”, da formação discursiva, nos leva a outra questão profundamente relevante ao escopo da AD: a memória discursiva.

Segundo Paveau (2007), o conceito de memória discursiva, em seu sentido próprio, foi cunhado em 1981 por J. J. Courtine em seus trabalhos de análise do discurso político a partir de suas leituras de Foucault, especificamente, *Arqueologia do saber*, de 1969.

No simpósio sobre memória do II Seminário de Estudos em Análise do Discurso – II SEAD, realizado em Porto Alegre, no ano de 2005, Paveau (2005, p. 1) afirma que:

Como a maioria dos conceitos provenientes da Análise do discurso, elaborada em torno de M. Pêcheux entre 1968 e 1983, a noção de memória discursiva é desde então utilizada fora de sua ancoragem teórica e histórica, e, sobretudo, isolada das noções com as quais ela faz sentido, em particular o interdiscurso e o pré-construído. Esse conceito está de tal modo "en errance" (Maldidier, *L'inquiétude du discours*, 1990) que o nome de J.-J. Courtine, que foi quem introduziu essa noção em AD, está ausente do Dicionário de Análise do discurso, de D. Maingueneau e P. Charaudeau.

Para Courtine (1981, p. 52), "o que entendemos pelo termo 'memória discursiva' é algo distinto de qualquer memorização psicológica do tipo daquela que os psicolinguistas consideram para produzir a medida cronométrica". Courtine (1981, p. 53) define memória discursiva como a "existência histórica do enunciado no seio de práticas discursivas determinadas pelos aparelhos ideológicos". Em seus estudos, Courtine transpôs a análise da memória discursiva para o nível do enunciado, mostrando como a memória dos enunciados é importante a função enunciativa e como seus sinais podem ser identificados materialmente na estrutura linguística dos enunciados, bem como seu apagamento.

Ao estimular o diálogo entre Pêcheux e Foucault, Courtine inseriu "no coração da noção de FD a problemática da memória cujo trabalho produz a lembrança ou o esquecimento, a reiteração ou o silenciamento de enunciados" (GREGOLIN, 2007b, p. 158).

A partir da terceira fase da AD, na qual o discurso passou a ser tido como heterogêneo, o conceito de interdiscurso se torna central e, por diversas vezes, é confundido com a memória discursiva. Para Eckert-Hoff (2008, p. 44) o interdiscurso é definido como a memória discursiva e é a memória discursiva que permite "atar o fio do discurso (intradiscurso) em sua exterioridade (interdiscurso)".

O conceito de memória discutido por Pêcheux no artigo *O papel da memória* (2007, p. 50) aparece associado não à idéia de uma "memória individual", mas sim no entrecruzamento da "memória mítica", da "memória social" e da "memória construída pelo historiador".

Pêcheux (2007, p. 52) afirma que:

[...] a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os 'implícitos' (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

Agustini (2007), ao analisar o conceito de memória discursiva proposto por Pêcheux (2007) afirma que: podemos, portanto, compreender essa memória discursiva como o efeito da presença do interdiscurso (eixo da verticalidade) no acontecimento (eixo da horizontalidade) do dizer.

Nesse sentido, ao definirmos a memória discursiva como interdiscurso, como um saber discursivo que possibilita que nossas palavras façam sentido, estamos considerando que esse saber corresponde a palavras já ditas e esquecidas que amarram o sujeito ao “esquecimento”, independente de sua vontade. Na comunidade do *orkut Tradutores/Intérpretes BR*, por meio da memória discursiva, os tradutores enunciam, em meio a um espaço repleto de outros enunciados, o que é ser um sujeito tradutor em nossa sociedade. E estes discursos não partem de um único, mas principalmente de dois lugares enunciativos (área acadêmica e mercado de trabalho), muitas vezes em confronto, mostrando a angústia em definir quem é o sujeito profissional tradutor/intérprete contemporâneo. Assim, ao analisarmos os discursos destes profissionais, estamos pensando o enunciado (dito) em relação ao arquivo. E todos estes já-ditos em algum lugar, em algum momento, têm efeito sobre o que está posto no material discursivo da comunidade analisada.

Por meio deste confronto entre posições enunciativas, buscamos entender, definir, especificar e até mesmo construir um quadro sobre a(s) identidade(s) do tradutor e intérprete pertencente à modernidade líquida.

1.3 PRÁTICAS DISCURSIVAS E IDENTITÁRIAS

Faremos agora uma rápida reflexão sobre a questão do sujeito desde os estudos da Linguística Moderna até a Análise do Discurso, no que diz respeito à ausência e/ou presença do sujeito e suas relações com a linguagem e a história. Também mostraremos algumas divergências nos pressupostos teóricos de Pêcheux e Foucault no que envolve as questões do sujeito. Além disso, veremos a constituição do sujeito a partir de sua relação consigo mesmo por meio das técnicas de si de Michel Foucault.

A concepção instrumental da linguagem, advinda do *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure, publicado em 1916, três anos após a

sua morte, provocou profundas transformações na ciência linguística, pois propôs um deslocamento conceitual separando a prática da teoria da linguagem. A língua deixou de ser estudada como um meio de expressão de sentido passando a ser vista como um sistema cujo funcionamento deveria ser descrito. Ao separar a língua da fala, Saussure excluiu o sujeito e as questões relativas ao sentido da linguagem de seus estudos.

Foi com o trabalho do linguista francês Émile Benveniste sobre a teoria da enunciação que o sujeito, excluído dos estudos de Saussure, começa a conquistar seu espaço no cenário da lingüística francesa.

A concepção de sujeito homogêneo, onipotente, centrado, fonte do seu dizer, proposto por Benveniste, vai ser contestada pela AD que tem como objeto de estudo o discurso, pois, segundo Indursky (1998, p. 112-13), o sujeito da linguística não passa de um lugar na estrutura da frase.

Devemos entender que a Análise do Discurso não compreende o sujeito como indivíduos que possuem uma “existência particular no mundo” nem mesmo que seja um “ser humano individualizado”, “uma pessoa”, mas sim um “sujeito discursivo que tem existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história e não em outro” (FERNANDES, 2007, p. 33).

O sujeito da AD não é homogêneo, mas sim heterogêneo¹⁸, constituído por diferentes vozes sociais¹⁹, pois seu discurso é entrecruzado por diferentes discursos que se negam e se contradizem. Sua voz revela seu lugar social e para compreendermos o sujeito discursivo é necessário “compreendermos quais são as vozes sociais que se fazem presentes em sua voz” (FERNANDES, 2007, p. 35).

Segundo Coracini (2001) foi com Authier-Revuz, baseando-se em Bakhtin e no sujeito psicanalítico de Lacan, que emergiu a noção de heterogeneidade nos estudos discursivos não mais como diversidade entre os indivíduos, nem como vozes complementares no diálogo comunicativo, nem mesmo

¹⁸ A noção de heterogeneidade discursiva encontra-se em Jacqueline Authier-Revuz subdividida em heterogeneidade constitutiva e mostrada. A autora compreende o sujeito como descentrado onde “um ‘eu’ implica outros ‘eus’ e o outro se apresenta como uma condição constitutiva do discurso do sujeito” (FERNANDES, 2007, p. 44).

¹⁹ As diferentes vozes sociais nos remetem à noção de polifonia, desenvolvida por Mikhail Bakhtin onde “vozes, oriundas de diferentes espaços sociais e diferentes discursos, constitutivas do sujeito discursivo” (FERNANDES, 2007, p. 45).

como vozes que habitam signos linguísticos, mas ao contrário, como constitutiva deste e de todo dizer.

É importante ressaltar que Pêcheux construiu a noção de sujeito da AD apoiando-se na noção althusseriana sobre o atravessamento da ideologia e na noção lacaniana sobre o inconsciente como constitutivo. A noção de ideologia, para Althusser (1998, p. 93), está intrinsecamente relacionada à de sujeito, pois, “a ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos”. Para ele, a ideologia age de modo a recrutar sujeitos dentre os indivíduos ou a transformar indivíduos em sujeitos.

Foi somente mais tarde, nas segunda e terceira fases, que Pêcheux reconheceu as contribuições teórico-metodológicas foucaultianas para a AD.

A perspectiva psicanalítica sobre o inconsciente traz para a AD um sujeito descentrado que tem a ilusão de ser o centro de seu dizer e que exerce controle sobre o sentido do que fala, mas, que “desconhece que a exterioridade está no interior do sujeito, em seu discurso está o ‘outro’, compreendido como exterioridade social” (FERNANDES, 2007, p. 41).

Ao elaborar a teoria dos dois esquecimentos, Pêcheux reafirma sua vinculação às teorias de Althusser afirmando o caráter desigual do assujeitamento e acentuando que os aparelhos ideológicos não só produzem como alteram as condições de produção.

Para Pêcheux (1990b), o sujeito caracteriza-se por dois esquecimentos: no esquecimento n.1, o sujeito tem a ilusão de que é o criador absoluto do seu discurso, a origem do sentido, apagando tudo que remeta ao exterior de sua formação discursiva; no esquecimento n. 2, o sujeito tem a ilusão de controlar tudo o que ele diz, de ser a origem de seu dizer. Na terceira fase da AD, Pêcheux revê o conceito de sujeito passando a considerá-lo não mais como interpelado por uma ideologia, mas por várias ideologias.

A AD então é marcada por um sujeito que deixa de ser o centro e a origem de seu dizer passando a funcionar como efeito produzido pela ideologia no discurso. O ideológico e o inconsciente, em Pêcheux, não podem ser pensados como elementos residuais da linguagem, pelo contrário, são elementos constitutivos de todo e qualquer discurso e, conseqüentemente, de todo sujeito. Da mesma forma, o sujeito também é considerado elemento constitutivo da linguagem.

Iniciaremos as reflexões sobre o sujeito em Foucault, mostrando a trajetória de seus estudos cujo principal foco de investigações foi o sujeito, mesmo que nem sempre tenha sido de forma consciente.

A quantidade e diversidade de textos escritos por Foucault não permite uma sistematização fácil da sua obra. Muitos estudiosos optam pela periodização dos textos foucaultianos por meio de um tema em comum. Desta forma, de modo geral temos: na década de 1960, textos arqueológicos cujo tema é o saber²⁰; nos anos 1970, textos genealógicos, preocupados com o poder²¹; e, nos anos 1980, textos arqueogenealógicos, tematizando a questão da ética e do sujeito²².

Outra forma de sistematização das obras de Foucault é analisar as entrevistas de Foucault ocorridas no fim dos anos 1970 e início dos 1980, com o intuito de resumir o seu projeto intelectual.

Uma preocupação frequente de Foucault era buscar o ponto central de sua teoria. Ao ser entrevistado por S. Hasumi, em 13 de outubro de 1977, em Paris, o filósofo francês admitiu acreditar que sua principal preocupação até o momento havia sido “uma espécie de análise dos saberes e dos conhecimentos, tais como existem em uma sociedade como a nossa” (FOUCAULT, 2003, p. 224). Entretanto, ele concluiu que, na verdade, sua principal preocupação sempre fora “o poder ou a interface entre poder e saber, entre verdade e poder” (FOUCAULT, 2003, p. 229). Foucault (2003, p. 227) sintetizou a essência de seu trabalho como:

[...] é toda essa ligação do saber e do poder, mas tomando como ponto central os mecanismos de poder, é isso, no fundo, o que constitui o essencial do que eu quis fazer.

O filósofo também afirma que a preocupação com o poder não era só dele, mas, “o problema de todo mundo” e menciona seu interesse sobre as questões do sujeito: “solo, não ousou dizer sólido, pois por definição ele é minado, perigoso, o solo sobre o qual eu me desloco” (FOUCAULT, 2003, p. 225-230).

²⁰ Principais obras: *História da loucura*, de 1961; *O nascimento da clínica*, de 1963; *As palavras e as coisas*, de 1966; *A Arqueologia do saber*, de 1969 e *A ordem do discurso*, de 1970.

²¹ Principais obras: *Vigiar e punir*, de 1975 e *Microfísica do poder*, de 1979.

²² Principais obras: *História da sexualidade 1 – a vontade de saber*, de 1982; *História da sexualidade 2 – o uso dos prazeres*, de 1984; e *História da sexualidade 3 – o cuidado de si*, de 1984.

Um ano mais tarde, em 1978, Foucault (2003, p. 306) esclarece em entrevista a J. Bauer que, desde *História da Loucura*, publicado em 1961, o objetivo de seu trabalho tinha sido contestar aspectos da sociedade, mostrando “suas fraquezas e seus limites”. Não apenas a preocupação com a relação entre saber e poder estava presente em seus trabalhos, mas, também a preocupação com o que afeta o sujeito.

Foucault (1995, p. 231-232) inicia o artigo *O Sujeito e o Poder*, publicado por Rabinow e Dreyfus em 1983, resumindo o alvo de todo o seu trabalho no decorrer de vinte anos: o sujeito.

As idéias que eu gostaria de discutir aqui não representam nem uma teoria nem uma metodologia. Eu gostaria de dizer, antes de mais nada, qual foi o objetivo do meu trabalho nos últimos vinte anos. Não foi analisar o fenômeno do poder nem elaborar os fundamentos de tal análise. Meu objetivo, ao contrário, foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos. [...] Assim, não é o poder, mas o sujeito, que constitui o tema geral de minha pesquisa. É verdade que me envolvi bastante com a questão do poder [...]. Era necessário estender as dimensões de uma definição de poder se quiséssemos usá-la ao estudar a objetivação do sujeito. Será preciso uma teoria do poder? Uma vez que uma teoria assume uma objetivação prévia, ela não pode ser afirmada como uma base para um trabalho analítico. Porém, este trabalho analítico não pode proceder sem uma conceituação dos problemas tratados, conceituação esta que implica um pensamento crítico – uma verificação constante.

Mesmo que nem sempre de forma consciente, a problematização do sujeito sempre foi o principal alvo das teorias de Michel Foucault, seja como “objeto de saber”, “objeto de poder” e “objeto de construção identitária” (GREGOLIN, 2007a, p. 64). E este é um dos motivos que justifica a escolha desse filósofo, juntamente com os pressupostos teóricos de Michel Pêcheux, como um dos principais sustentáculos desta pesquisa, que tem por objetivo investigar as práticas discursivas e identitárias do tradutor e intérprete em uma comunidade do *orkut*.

O pensamento de Foucault acerca do sujeito foi, desde o início, uma crítica pela forma como o sujeito é compreendido pela filosofia, ou seja, um sujeito a-histórico, autoconstruído e livre. Para Foucault (2001, p. 7), “o sujeito é constituído na trama histórica”. Neste sentido, Foucault buscou “pensar o sujeito como um objeto historicamente construído sobre as bases de determinações que lhe são exteriores” (REVEL, 2005, p. 84).

Foucault postulava que o sujeito, além de se constituir na trama histórica (conforme mencionado anteriormente), ele se constitui por meio das práticas discursivas e na articulação entre saber e poder²³.

O processo pelo qual o sujeito se constitui em sujeito é chamado por Foucault de subjetivação, ou seja:

[...] um processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito, ou mais exatamente, de uma subjetividade. Os “modos de subjetivação” ou “processo de subjetivação” do ser humano correspondem, na realidade, a dois tipos de análise: de um lado, os modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos – o que significa que existe somente sujeitos objetivados e que os modos de subjetivação são, nesse sentido, práticas de objetivação; de outro lado, a maneira pela qual a relação consigo, por meio de um certo número de técnicas, permite constituir-se como sujeito de sua própria existência (REVEL, 2005, p. 82).

Gregolin (2007a, p. 61-62) divide a obra foucaultiana em “três épocas” a partir de “três modos de produção histórica das subjetividades”:

1. Em um primeiro momento ele pesquisou os diferentes modos de investigação que produzem a objetivação do sujeito voltando seu olhar para a história da loucura e a investigação dos saberes da cultura ocidental buscando o método arqueológico.

2. Em um segundo momento ele propõe uma análise das articulações entre os saberes e os poderes por meio da genealogia do poder.

3. Por fim, ele investigou a subjetivação a partir das técnicas de si direcionando suas pesquisas para as questões da sexualidade, ética e estética.

Desta forma, temos, resumidamente, segundo Oliveira & Louzada (2008, p. 208) três modos de subjetivação que transformam os seres humanos em sujeito: “os modos de investigação, as práticas classificatórias e os modos de transformação, que nos são aplicados pelos outros e por nós mesmos”.

Para compreendermos o sujeito tradutor/intérprete do *orkut*, pertencente à Modernidade Líquida, adotamos de Pêcheux a noção de sujeito heterogêneo, disperso, interpelado por várias ideologias e marcado pela impossibilidade de controle dos efeitos de sentido de seu dizer. Unimos ao conceito de Pêcheux, o conceito de Foucault acerca do sujeito, que o concebe como

²³ Pêcheux não fala em relações de poder, mas na questão dos lugares sociais e ideológicos ocupados pelo sujeito. Temos aqui outra divergência entre os dois autores.

historicamente construído, produzido no entrecruzamento do discurso, da sociedade e da história, um sujeito que não é dado *a priori*, mas que está em constante construção em suas práticas discursivas, sociais e em relação ao outro.

Uma vez que o sujeito foucaultiano é constituído em suas práticas discursivas, o conceito de discurso é de extrema importância para a análise aqui proposta.

Ao instaurar o discurso como objeto de investigação da Análise do Discurso, Pêcheux promoveu mudanças importantes no modo de se pensar a língua e a linguagem questionando o estruturalismo linguístico e o corte epistemológico saussureano que excluía o sujeito e a significação.

A noção elementar que se tem de discurso como sinônimo de mensagem, informação, palavras combinadas em frases, não corresponde ao interesse fundamental da AD. Fernandes (2007, p. 18), explica o que não vem a ser discurso: “não é a língua, nem texto, nem a fala, mas que necessita de elementos linguísticos para ter uma existência material” implicando em uma “exterioridade à língua” e complementa que “o discurso não é a língua(gem) em si, mas precisa dela para ter existência material e/ou real”.

Numa visão pecheutiana, o discurso é tido como um “efeito de sentido entre interlocutores” e nele se inter-relacionam língua e história, onde participam elementos externos, buscando no contexto em que é construído o discurso, os seus possíveis sentidos.

Portanto, a AD não pode ser confundida com uma simples análise de texto, uma vez que esta se detém nas relações internas analisando apenas o aspecto linguístico do discurso. Para a AD a situação histórico-social na qual o discurso é organizado é de extrema relevância na extração dos “efeitos de sentido”, provocados pelo sujeito discursante e nos sujeitos ouvintes ou leitores do discurso.

O discurso aparece no pensamento de Foucault devido à sua preocupação em conhecer o que torna este ou aquele discurso possível e não outro em seu lugar. Sua preocupação com o discurso não o relaciona enquanto expressão de uma idéia ou de uma linguagem, mas enquanto condições de possibilidade ou condições da “formação discursiva”.

Em *Arqueologia do Saber*, Foucault (1987, p. 135) explica o conceito de discurso:

Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apóiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência.

Em geral, podemos entender o discurso, na perspectiva foucaultiana, como um conjunto de enunciados que obedecem a regras de funcionamento comuns.

Não se pode compreender o conceito foucaultiano de discurso desvinculando-o de uma prática, pois esta lhe é inerente. A conceituação de discurso como prática social, apresentada em *A Arqueologia do Saber*, de 1969, em *Vigiar e punir*, de 1975, e em *A Ordem do discurso*, de 1971, enfatiza a idéia de que o discurso sempre é produzido em razão de relações de poder. Na verdade, em Foucault tudo é prática e tudo está imerso em relações de poder e saber, que se implicam mutuamente.

Como mencionado anteriormente, analisar discursos apoiando-se nos escritos de Michel Foucault requer aceitar o desafio de tentar flagrar os enunciados não interrompendo a sua trajetória, mas sim, persegui-los em suas diversas movências colhidos onde funcionou como prática enunciativa, desafio o qual nos propomos no quarto capítulo desta dissertação.

Como mencionado anteriormente, a trajetória das investigações de Foucault pode ser dividida em três modos de produção histórica das subjetividades. É para o terceiro momento, das questões do sujeito como “objeto de construção identitária” (GREGOLIN, 2007a, p. 64), dos “modos de transformação” (OLIVEIRA; LOUZADA, 2008, p. 208), dos procedimentos de subjetivação, ou seja, das técnicas de si, que encerraremos nossas investigações.

Foucault, ao se debruçar sobre as questões da ética, procurou saber como se dá a constituição do sujeito a partir de sua relação consigo mesmo. Para tanto, recorreu a textos de pensadores como Sócrates, Platão, Marco Aurélio, Sêneca e abarcou a problemática em torno da ética e do cuidado de si em três volumes da obra *História da Sexualidade* (publicados respectivamente nos anos de 1982, 1984 e 1984), tema este bastante difundido nas culturas gregas e romanas. Assim, Foucault buscou respostas para o nascimento de uma moral a partir de reflexões sobre a sexualidade, desejo e prazer.

Ao recorrer aos estudos da antiguidade clássica até o início dos séculos I e II de nossa era, definida por Foucault (2004a, p. 79) como “uma verdadeira idade de ouro na história do cuidado de si”, o filósofo francês traz para a modernidade os modos de subjetivação pelos quais nos reconhecemos enquanto sujeitos. A partir dos gregos antigos, Foucault desenvolve uma comparação com a moral judaico-cristã levando ao surgimento da observação da vida como obra de arte.

Enquanto na Grécia e em Roma a subjetividade era produzida a partir de preocupações com o uso dos prazeres, na modernidade, os modos de subjetivação passam a ser produzidos por meio de saberes institucionais que fabricam indivíduos para o funcionamento da máquina estatal. Desta forma, a cultura do cuidado de si deu lugar à cultura da subjetivação.

Em *A Hermenêutica do Sujeito*, Foucault (2004a, p. 15) explica o cuidado de si como:

[...] uma maneira de ser, uma atitude, formas de reflexão, práticas que constituem uma espécie de fenômeno extremamente importante, não somente na história das representações, nem somente na história das noções ou das teorias, mas na própria história da subjetividade ou, se quisermos, na história das práticas da subjetividade.

Foi por meio da máxima délfica²⁴ “*gnothi seautou*” (conhece-te a ti mesmo) e do ascético²⁵ “*epimeleia heautou*” (cuida de ti mesmo) que Foucault descreveu as técnicas antigas que se estabeleciam entre mestre e discípulo, e também aquelas em que cada indivíduo se relaciona consigo mesmo.

A máxima “*gnothi seautou*” (conhece-te a ti mesmo) constituía-se de regras e recomendações rituais de quem vinha em busca de Deus: examina em ti mesmo o que precisa saber - não sendo apenas uma significação filosófica. Mas, com Sócrates - em *Alcebiades*, de Platão - emerge o cuidado de si em seu sentido filosófico: antes de dirigir-se à cidade, o jovem Alcebiades deveria ocupar-se consigo mesmo, pois, o cuidado de si era importante para que o poder pelo qual se está destinado seja exercido.

²⁴ Delfos é uma cidade grega que na antiguidade era o local dos Jogos Píticos e de um famoso oráculo (o oráculo de Delfos), que ficava dentro de um templo dedicado ao deus Apolo. Delfos era conhecida entre os gregos como o centro do universo.

²⁵ A ascese consiste na prática da renúncia do prazer ou mesmo a não satisfação de algumas necessidades primárias, com o objetivo de atingir determinados fins espirituais.

A noção de “*epimeleia heautou*” (cuida de ti mesmo) envolve três aspectos principais: uma atitude de respeito a si mesmo, aos outros e ao mundo; uma maneira de prestar atenção ao que se pensa; e ao que sucede ao pensamento.

Na cultura greco-romana, o cuidado de si tornou-se um princípio incondicionado, um objetivo de vida, uma regra aplicada e praticada por todos. O sujeito constituía-se mais de suas ações retas do que de conhecimentos verdadeiros.

Porém, houve um distanciamento da noção de “*epimeleia heautou*” (cuida de ti mesmo) dos gregos e romanos ao ser incorporada às práticas cristãs. Enquanto para os gregos e romanos o sujeito buscava sua subjetivação mediante uma prática ou exercício sobre si, no cristianismo, o sujeito renuncia a si mesmo, pela confissão, por meio de uma objetivação de si em um discurso verdadeiro.

Os discursos sobre a verdade na antiguidade clássica eram realizados entre o discípulo e o mestre. Cabia ao discípulo o silêncio, a escuta, a escrita e leitura e, ao mestre, a *parrhesia*, uma forma de transmissão do discurso verdadeiro ao discípulo a fim de torná-lo um sujeito de veridicção. Já nas práticas cristãs, o discurso verdadeiro é realizado por meio da confissão, em que o sujeito fala de si mesmo tornando-se o objeto desse discurso.

Foucault mostra que o cuidado de si como exercício filosófico, desde a Antiguidade greco-romana até o cristianismo, período sobre o qual concentra suas investigações, é um dos fios condutores possíveis para uma história ou genealogia das práticas de subjetividade.

Ao analisar o cuidado de si, Foucault buscou investigar dois problemas:

O primeiro consiste em compreender, em particular, como o nascimento de um certo número de técnicas ascéticas a partir do conceito clássico de cuidado de si foi, posteriormente, atribuído ao cristianismo. “Nenhuma habilidade técnica ou profissional pode ser adquirida sem exercício; nem pode se aprender a arte de viver, a *technê tou biou*, sem uma ascese que deve ser tomada como um treinamento de si por si” [...]. O segundo problema concerne, na verdade, à história desses *aphrodisia* como campo de investigação específico da relação com o si: trata-se de buscar apreender como os indivíduos foram levados a exercer sobre si mesmos e sobre os outros “uma hermenêutica do desejo na qual seu comportamento sexual esteve, sem dúvida, envolvido, mas não certamente como domínio exclusivo”, e de analisar os diferentes jogos de verdade utilizados no movimento de constituição do si como sujeito do desejo (REVEL, 2005, p. 33-34).

Segundo Foucault, (1992, p. 132), a escrita de si era, para os filósofos gregos, uma das atividades que contribuíam para o “auto-adestramento”, uma prática essencial no aprendizado da arte de viver. A escrita de si, que é também uma escrita para os outros, é uma das técnicas de si²⁶ da *epimeleia heautou que consiste em duas formas: a correspondência e os hypomnemata*.

Foucault analisa a correspondência praticada na Grécia como uma forma de escrita de si. Ao examinar as cartas de Sêneca a seu discípulo Lucílio, Foucault (1992, p. 150) afirma que elas forneciam a impressão de proximidade física entre os correspondentes dando a sensação de “um contato face a face”.

Sêneca, em suas cartas, põe em prática a máxima: devemos pautar a nossa vida como se toda a gente a olhasse. Para Foucault (FOUCAULT, 1992, p. 151), “a reciprocidade que a correspondência estabelece não se restringe ao simples conselho ou ajuda; é ela a do olhar e do exame”. Foucault (1992, p. 155) considera que “a carta é também uma maneira de se apresentar ao correspondente no decorrer da vida cotidiana, em que se atesta não a relevância de uma atividade, mas a qualidade de um modo de ser”.

Já os *hypomnemata*, segundo Foucault (1992, p. 134-135), “podiam ser livros de contabilidade, registros notariais, cadernos pessoais que serviam de agenda”. Constituíam uma memória material das coisas pensadas, lidas ou ouvidas. Não eram vistos como simples auxiliares da memória, mas como material para ser lido, relido, meditado, para entreter-se a sós ou com outros e que, portanto, deviam ser trazidos à mão.

Segundo o próprio Foucault (1992, p. 137-138):

Há que re-situar os *hypomnemata* no contexto de uma tensão muito sensível naquela época: no interior de uma cultura muito fortemente marcada pela tradicionalidade, pelo valor reconhecido ao já dito, pela recorrência do discurso, pela prática “citacional” com a chancela da Antiguidade e da autoridade, desenvolvia-se uma ética muito explicitamente orientada pelo cuidado de si para objetivos definidos como: [...] tirar proveito e desfrutar de si próprio.

A utilização dos *hypomnemata* compreendia duas fases: a escrita e a leitura. Quanto à fase escritural, pode-se dizer que a elaboração de um

²⁶ Segundo Gregolin (2007a, p. 64), técnicas de si são “os procedimentos de subjetivação que constituem, para o sujeito, a idéia da identidade”.

hypomnemata contribuía para reforçar a relação do indivíduo consigo mesmo. Já a fase de leitura proporcionava instantes de reflexão e tranquilidade.

A escrita de si, apesar de estar presente na história da humanidade, foi se transformando ao longo dos tempos, refletindo, assim, as mudanças sociais, tecnológicas e subjetivas ocorridas.

Podemos observar, na contemporaneidade, a necessidade do homem de estabelecer uma identidade para si próprio, de estabelecer-se como indivíduo, ou, segundo as palavras de Bauman (2006, p. 30-31), de “ser o verdadeiro eu”:

Hoje em dia, ‘individualidade’ significa em primeiro lugar a *autonomia* da pessoa, a qual, por sua vez, é percebida simultaneamente como direito e dever. Antes de qualquer outra coisa, a afirmação ‘Eu sou um indivíduo’ significa que sou responsável por meus méritos e meus fracassos.

Ainda segundo Bauman (2006, p. 28) existem vários “auxílios” que nos guiam na busca do “verdadeiro eu”, da nossa individualidade. Podemos dizer que as novas tecnologias propiciaram o surgimento de novas “técnicas de si”, a fim de buscar uma identidade, a constituição do sujeito.

E é seguindo essa perspectiva das técnicas de si, em especial da escrita de si, que examinamos as práticas de subjetivação dos tradutores e intérpretes em uma comunidade no *orkut*.

As técnicas de si aparecem onde existem identidades em formação, e a Internet é um meio propício para seu aparecimento. Por meio delas, é possível identificar as relações de poder bem como o pertencimento do indivíduo a um determinado grupo.

Ao contrário da escrita de si dos greco-romanos e dos cristãos, no *orkut* não existe a figura do mestre ou do sacerdote, porém, a escrita destina-se ao olhar do outro, que pode exercer a função de mestre, de sacerdote e de juiz.

Vemos a escrita de si como uma forma de reflexão, de mostrar-se, de transformar-se, de estabelecer relações de saber e de poder. É uma escrita que se completa com a leitura de outros sujeitos e com a sua reescrita, produzindo efeitos de sentido em quem as escreve e as lê, levando ao surgimento não de um dito novo, mas de um dito (re)significado.

Podemos observar uma retomada da escrita de si entre os usuários da Internet, seja nos *blogs*, *fotoblogs* e *orkut*. Por isso, consideramos que essas “novas” práticas de “narrativas do eu” podem oferecer subsídios importantes sobre as fortes transformações que hoje atravessam a produção de subjetividades, pois, ao falar sobre si, o indivíduo constrói a si próprio, construindo a própria identidade na ação de dizer-se.

Segundo Oliveira, em seu artigo sobre a constituição do sujeito virtual dos *blogs* e *orkut*, (2005, p. 91):

As práticas sociais discursivas e ideológicas envolvem a escrita e a leitura digital, a navegação e a interação, e todo esse processo lembra o princípio grego “conhece-te a ti mesmo”, constituindo-se por sua vez em ‘jogos de verdade’ e relações de força, que são colocados como técnicas específicas que o homem utiliza para se compreender melhor.

A autora (2005, p. 91) também afirma que os discursos produzidos em ambiente virtual são marcados pela subjetividade e trazem conteúdos nem sempre discutidos em diálogos face a face propiciando “descobertas de si”, ou seja, funções das “técnicas de si” foucaultianas.

Nesse sentido, entendemos que a comunidade Tradutores/Intérpretes BR, por meio dos depoimentos postados no fórum de discussão e nos *polls* (enquetes), pode funcionar com uma técnica de si, um hypomnemata moderno, em que o sujeito, por meio de práticas discursivas, busca sua identidade e se constitui enquanto sujeito tradutor/intérprete moderno, capaz de atuar no mercado de trabalho.

2 (IN)VISIBILIDADE DA TRADUÇÃO E DO TRADUTOR NO BRASIL: de Paulo Rònai ao *orkut*

O substantivo tradução raramente vem desacompanhado de um complemento, o verbo traduzir nunca é intransitivo e - mais importante - geralmente tem sujeito oculto.

Ivone Castilho Benedetti.

O objetivo deste capítulo é apresentar as raízes da invisibilidade da tradução e do tradutor no Brasil e a busca pela visibilidade profissional seja no resgate de sua história seja em sua práxis tradutória na contemporaneidade.

2.1 PANORAMA DA HISTÓRIA DA TRADUÇÃO BRASILEIRA

Ao contrário da história da tradução ocidental, principalmente européia, extensamente abordada em seu surgimento, desenvolvimento e práticas em diversos períodos (da idade antiga, com a invenção da escrita até a contemporaneidade com os estudos de tradução) e por diversos autores tais como Jean Deslile & Judith Woodsworth, com a obra *Translators through history*, lançada em 1995; Douglas Robinson, com *Western translation theory: from Herodotus to Nietzsche, de 1997*; *Routledge encyclopedia of translation studies*, organizada por Mona Baker, em 1998, a história da tradução no Brasil apresenta escassa bibliografia e documentação sobre o assunto, o que reforça, segundo Wyler (2003a, p. 25), “a invisibilidade da tradução e do tradutor no país”.

Nos mais variados aspectos, a tradução no Brasil tem sido descontínua, seja em seu surgimento (tradução oral com a chegada dos portugueses em 1500 e tradução escrita com a chegada dos Jesuítas em 1549 e, posteriormente, com a chegada da corte real e a fundação da Imprensa Régia em 1808), seja na condição social do tradutor, nas políticas editoriais, nas teorias e

estudos sobre tradução, até mesmo nas publicações sobre o assunto (WYLER, 2003^a, p. 29-30).

Iniciamos nossas reflexões sobre o panorama da história da tradução²⁷ no Brasil a partir de um levantamento dos trabalhos de tradução aqui publicados (livros, artigos, revistas, teses e monografias), que apenas recentemente começaram a surgir, mas cuja importância (da atividade de tradução) existe há mais de 500 anos: da mediação entre colonizadores portugueses e indígenas até o fato de sermos um país onde “80% dos livros de prosa, poesia e referência, bem como manuais e catálogos, são traduzidos” (WYLER, 2003a, p. 13).

O primeiro livro sobre tradução publicado no Brasil foi *Escola de Tradutores*, escrito por Paulo Rónai, em 1952, um tradutor/revisor húngaro que se refugiou no Brasil fugindo da segunda guerra mundial. O livro é composto por artigos de diversos assuntos (tradução literária, tradução técnica, estudo comparado de traduções de um mesmo texto, tradução e versão de poesias, crítica a livros sobre o assunto) produzidos, segundo o próprio autor, “em circunstâncias pouco favoráveis à unidade de composição” (intervalos de aula e em meio a trabalhos escritos diversos) que, em nota de advertência ao leitor na 5ª edição, as quatro edições anteriores, esgotadas, justificam-se “pela ausência de trabalhos em português sobre um assunto cuja relevância vem sendo reconhecida” (RÓNAI, 1987, p. 11).

Em 1990, o poeta-tradutor José Paulo Paes, publica o livro *Tradução: a ponte necessária*, livro pioneiro sobre a história da tradução no Brasil²⁸. No capítulo inicial, Paes (1990) apresenta um levantamento cuidadoso das editoras, tradutores e primeiras obras brasileiras sobre tradução, cuja publicação foi impulsionada, primeiramente, pelo número crescente de cursos de formação de tradutores (graduação), e, posteriormente, pelos encontros, congressos (nacionais e internacionais) e revistas especializadas que vieram a seguir:

²⁷ Sabemos que o processo de tradução e o de interpretação envolve semelhanças, mas também diferenças, bem como a formação, as teorias e as competências requeridas destes dois profissionais. Mesmo assim, ao mencionarmos apenas a área de tradução, estamos nos referindo tanto à tradução de textos escritos quanto à tradução oral (interpretação). O mesmo ocorre nos casos em que nos referirmos ao profissional apenas como tradutor, também estamos incluindo o intérprete (tradutor oral) em nosso discurso.

²⁸ *Tradução literária no Brasil* foi um artigo escrito em 18 set. 1983 para o número especial do *Folhetim da Folha de São Paulo* dedicado à tradução. Posteriormente, foi incluído no livro *Tradução: a ponte necessária*, publicado em 1990, sofrendo pequenas inclusões e atualizações de dados referentes ao itinerário histórico da tradução literária (PAES, 1990, p. 7).

O ensino universitário teve outrossim o condão de estimular os estudos de tradutologia, disciplina que encontrou seu órgão mais categorizado na revista *Tradução & Comunicação*, dirigida por Erwin Theodor e Julio Garcia Morejón (9 números publicados entre 1981 e 1986). A mesma editora [Álamo, Faculdade Ibero-Americana de São Paulo] que lançou essa revista, cuja publicação foi infelizmente suspensa, lançou também o volume *A tradução da grande obra literária* [coletânea organizada por Waldívia Portinho, 1982], a qual veio enriquecer a nossa ainda pobre bibliografia tradutológica, onde já figuram, a par dos livros pioneiros de Paulo Rónai [*Escola de tradutores*, de 1952, e *A tradução vivida*, de 1975] e Brenno Silveira [*A arte de traduzir*, de 1954], obras como *Tradução: ofício e arte* de Erwin Theodor [1976], *O que é tradução* de Geir Campos [1986], *Cultura e tradutologia* [1983] e *Estudos de tradutologia* [1981], coletâneas organizadas por Delton de Mattos, *Tartufo 81* (ensaio sobre a poética da tradução de teatro) [1980], de Guilherme Figueiredo, *Território da tradução*, de lumna Maria Simon (org.) [revista *Remate de Males* n. 4, 1984], *Oficina de tradução*, de Rosemary Arrojo [1986], e poucas outras (PAES, 1990, p. 31).

Assim como Rónai (1987), Paes (1990) também relata as dificuldades enfrentadas por pesquisadores sobre a história da tradução e suas raras referências ao tema.

Frota (2007, p. 138), em artigo intitulado, *Um balanço dos estudos da tradução no Brasil*, cujo objetivo foi realizar um levantamento de obras publicadas a partir do ano de 1996, afirmou que, entre a publicação de *Escola de tradutores*, em 1952, e *Tradução: a ponte necessária*, em 1990, passaram-se trinta e oito anos e foram publicados no Brasil apenas “treze livros, cinco coletâneas e um periódico” sobre tradução (FROTA, 2007, p. 138).

Em um estudo clássico sobre a indústria editorial brasileira, *O livro no Brasil: sua história*²⁹, escrito pelo inglês Laurence Hallewell e publicado em 1985, foram dedicadas, segundo Wyler (2003a, p. 24), apenas 28 páginas às questões sobre tradução, (menos de 4% do total das 692 páginas).

Também são raras as referências aos tradutores e à tradução nos sete volumes de *História da inteligência brasileira*, de Wilson Martins, publicados em 1976, e nos cinco volumes de *História da literatura brasileira*, de Silvio Romero, publicados em 1943.

Se o período de trinta e oito anos entre os pioneiros, *Escola de Tradutores e Tradução: a ponte necessária*, foi marcado, como afirmou Paes (1990, p. 31) por uma “pobre bibliografia tradutológica”, a década de 1990 deu início a uma intensa publicação de livros, coletâneas, periódicos, dissertações e teses

²⁹ Originalmente era uma tese de doutorado escrita em 1970, editada em inglês em 1982 e publicada no Brasil em 1985.

propiciando um aumento no volume dos estudos sobre tradução em contexto brasileiro. Para Frota (2007, p. 148):

[...] é possível confirmar a percepção que se vem tendo de um visível aumento no volume de estudos feitos sobre a tradução por pesquisadores brasileiros. Aumento que vinha se mantendo em uma base estável, recrudescer consideravelmente na primeira metade da década de 1990 e transforma-se em um verdadeiro *boom* a partir daí.

As publicações brasileiras sobre tradução abordam uma grande heterogeneidade de temas, subsídios teóricos e metodológicos em diferentes áreas e subáreas do conhecimento, tais como: linguística, estudos literários, semiótica, filosofia, história, comunicação social, psicologia, entre outras, o que reitera a vinculação da tradução a outros campos do saber.

Pagano & Vasconcellos (2003, p. 8-9), em seus estudos sobre teses e dissertações sobre tradução publicadas no Brasil nas décadas de 1980 a 1990, afirmaram que: dos 95 trabalhos de mestrado, doutorado e livre-docência publicados no Brasil no referido período, apenas dois trabalhos eram sobre a história dos estudos da tradução no Brasil. São eles: *Percursos críticos e tradutórios da nação: Brasil e Argentina* e *Tendências nos Estudos da Tradução Literária: passado e presente*³⁰.

Para Frota (2007, p. 147), “à expansão de teses e dissertações realizadas nos últimos anos se articula uma expansão no lançamento de livros sobre tradução”, pois, muitas teses e dissertações servem de ponto de partida para a publicação de artigos e livros.

Os estudos sobre a história da tradução no Brasil utilizam, na maioria das vezes, conceitos e metodologias de outras áreas disciplinares, como a história, buscando contextualizar cultural e historicamente os produtos e processos tradutórios. É o que Wyler (2003a, p. 24) chama de “pesquisa historiográfica em tradução”.

Segundo a autora:

A historiografia da tradução é uma área de conhecimento híbrida, dado que não aborda apenas as traduções em si, mas as circunstâncias que cercaram sua produção em cada período em cada país, todas muito diferentes entre si. Disso decorre que, se quisermos realizar pesquisas

³⁰ Autores e data de defesa não foram citados por Pagano & Vasconcellos (2003).

confiáveis, teremos que nos voltar para o conhecimento da história de nosso país (WYLER, 2003b, p. 109).

Frota (2007, p. 157) divide os trabalhos historiográficos no campo da tradução em dois grandes temas: a da própria disciplina (gerada pelo interesse de sua história) e a da práxis tradutória (as funções, modalidades, diferentes papéis e identidades do tradutor). É neste segundo tema, sobre a identidade do tradutor, que nossa pesquisa busca traçar um retrato do sujeito tradutor/intérprete em uma comunidade do *orkut* respaldado pelo contexto histórico da contemporaneidade.

Dando continuidade aos levantamentos iniciados por Paes (1990) sobre as obras de tradução publicadas nas décadas de 1970 e 1980 e por Frota (2007) nos estudos da tradução desenvolvidos no Brasil a partir de 1996, selecionamos alguns estudos brasileiros publicados no início do século XXI que contribuem para a bibliografia sobre história da tradução no Brasil.

Sabemos que, ao destacarmos esses trabalhos como uma forma de amostragem representativa, deixamos de mencionar diversos outros estudos brasileiros de caráter historiográfico em livros, artigos, teses e dissertações, impossíveis de serem mencionados por uma questão de tempo e espaço.

Uma coletânea organizada por Adriana Pagano, no ano de 2001(a), *Metodologias de pesquisa em tradução*, apresenta algumas das metodologias de pesquisa em pauta no início do século XXI sobre os estudos da tradução, sendo elas: Protocolos verbais³¹ em interação com vídeo e monitor de TV; Software Translog³²; uso de *corpora* eletrônico; utilização de *softwares* para coleta e análise de dados. Neste período, a inegável presença da tecnologia começou a inserir novos matizes nos estudos da tradução.

No quinto capítulo da referida coletânea, Pagano (2001b) apresenta o artigo, *As pesquisas historiográficas em tradução*, situando o estudo da tradução no Brasil em seu contexto político e social comparado com a tradução na Argentina.

Também em 2001, foram reunidos diversos artigos historiográficos na *Crop: revista da área de língua e literatura inglesa e norte-americana do Departamento de Letras Modernas/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências*

³¹ O Protocolo Verbal é uma técnica introspectiva de coleta de dados que consiste na verbalização dos pensamentos dos sujeitos.

³² Desenvolvido pela equipe de Arnt L. Jakobsen, da Escola de Administração de Copenhague o *Translog* é um programa de computador que permite registrar, tecla a tecla, todo o processo mecânico de escrita de um texto.

Humanas (USP) de número 6, organizada por John Milton (2001a) que escreveu a introdução da revista sob o título *Emerging Views on Translation History in Brazil* e também o artigo *The Translations of the Brazilian Book Club, the Clube do Livro* (2001b).

No ano seguinte, John Milton (2002) publica *O Clube do Livro e a tradução* onde o autor discute as traduções publicadas pelo Clube do Livro³³ e sua função social para a formação de leitores brasileiros dando continuidade ao trabalho do ano anterior.

Em 2003 Lia Wyler publica *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*, tecendo um histórico da evolução da profissão e do tradutor (oral e escrito) no Brasil desde o seu descobrimento - chamado de "achamento" pela autora - até a década de 1970, mostrando as contribuições da tradução à cultura brasileira.

Também, no ano de 2003, Lenita Esteves escreve o artigo *A tradução do romance-folhetim no século XIX brasileiro*, abordando questões sobre o papel da tradução na literatura do século dezenove no Brasil.

Outra publicação relevante, do ano de 2003 foi, *Conversa com tradutores: balanços e perspectivas da tradução*, organizado por Ivone Castilho Benedetti e Adail Sobral. Nesta coletânea, os autores apresentaram dez perguntas a dezenove tradutores de diferentes especialidades: literária; técnica; audiovisual (legendagem e dublagem); jornalística; juramentada; revisão; copidescagem³⁴ e interpretação (simultânea), que refletiram sobre teoria e prática. Na introdução do livro, Francis Henrik Aubert (2003) sintetiza o percurso temático da obra e seus desdobramentos:

[...] a formação do tradutor, a noção sempre fugaz do certo e do errado, as flutuantes valorizações do mercado e da remuneração decorrente, as peculiaridades de cada área (temática ou discursivamente definida), a relação entre o tradutor e a sociedade, o papel do vernáculo e os riscos (?) que a tradução pode representar para a integridade do idioma, a

³³ O Clube do Livro, fundado em 1943, tinha o objetivo de estimular a leitura por meio da publicação de livros com preços mais acessíveis que os vendidos em livrarias. As traduções eram feitas às pressas para atender a uma demanda do mercado de massa. Por ser um período de ditadura, o conteúdo das obras a serem traduzidas obedecia à ordem política do país (censura) exigindo enredo de fácil compreensão, linguagem homogeneizada, notas de rodapé com julgamentos, explicações e conselhos, proibição de temas políticos e religiosos, além de cortes e alterações significativas do original (ROLIN, 2006).

³⁴ Copidesque (do inglês *copy desk*) é o trabalho editorial realizado pelo redator ou revisor de textos ao realizar mudanças e aperfeiçoamentos em um texto a fim de torná-lo mais acessível aos leitores.

globalização, e até as perspectivas da automatização do processo tradutório.

Cabe aqui uma constatação que nos chamou atenção sobre a questão do profissional intérprete (tradutor oral): dos dezenove entrevistados, cinco deles possuíam formação em tradução/interpretação, atuação na área de interpretação de conferência ou docência em tradução/interpretação³⁵, porém, nenhum deles mencionou a atividade de interpretação ao responder à primeira pergunta do questionário:

“Em que área(s) você tem atuado?; Quais as peculiaridades dessa(s) área?; O que há de comum entre ela(s) e as outras áreas?”.

Supomos que a proposta do livro, *Conversa com tradutores: balanços e perspectivas da tradução* (2003), seja apenas abordar a questão da tradução escrita, deixando a tradução oral para a realização de outras obras futuras. Mesmo assim, não poderíamos deixar de mencionar que o número de publicações sobre interpretação (tradução oral) no Brasil é infinitamente inferior ao número de publicações sobre tradução (escrita).

A interpretação de conferência: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores, um dos poucos artigos destinados à interpretação, escrito por Reynaldo José Pagura, foi publicado em 2003 na revista DELTA de n. 19, um número especial destinados a Trabalhos de Tradução. O artigo faz uma retrospectiva sobre a história da interpretação, elabora uma lista dos termos usados na área e apresenta as semelhanças e diferenças entre o processo de tradução (escrita) e o de interpretação (oral).

No mesmo ano, Solange Mittmann (2003) publica, com base na Análise do Discurso francesa, a primeira proposta de tradução em uma perspectiva discursiva chamada *Notas do Tradutor e Processo Tradutório: análise e reflexão sob uma perspectiva discursiva*. Na nova concepção de tradução como processo discursivo, onde o discurso é entendido como “efeito de sentido entre interlocutores”, a autora confronta duas visões teóricas (a concepção tradicional vs a concepção contestadora) e apresenta uma proposta particular sobre o processo tradutório dentro do quadro epistemológico da AD (materialismo histórico, linguística e discurso) onde o autor, o tradutor e o leitor produzem sentidos. Mittmann propõe por

³⁵ O currículo dos profissionais entrevistados encontra-se no próprio livro, na folha de apresentação de cada um deles.

meio da análise do discurso entender a tradução, o tradutor e as relações que se estabelecem dentro do processo tradutório.

Em 2005 acontece O I Congresso Internacional de Tradução da Abrates³⁶ com o tema: “*Tradutores, tecnologia e caminhos para a qualidade*”. Em meio a diversos temas sobre a tradução e a tecnologia, cinco palestras estavam relacionadas a questões da prática tradutória interpelada pelo advento da tecnologia, mostrando as circunstâncias que cercam a produção da tradução em um determinado período e lugar. São elas: *A tradução de eventos virtuais* (José Manuel da Silva); *O tradutor e o futuro da tecnologia* (B. Piropo); *Os direitos do tradutor técnico e as memórias de tradução* (Adauto Vilela); *O processo tradutório do século XXI* (Aline Reguine); e, *Localização de software no Brasil: contribuições acadêmicas para o mercado profissional* (Gabriela Castelo Branco).

Em 2007, Maria José Coracini publica *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. A obra divide-se em quatro partes, compostas por vários textos que abordam noções como identidade, escritura, sujeito e discurso a partir de autores como Foucault, Pêcheux e Derrida. A autora problematiza as teorias do discurso, bem como questões sobre modernidade, pós-modernidade, globalização, identidade e ciência. Na quarta parte do livro, *Da identidade do tradutor e do professor de línguas*, Coracini reflete, em um trabalho inédito, sobre a configuração da identidade do tradutor com base em artigos publicados em periódicos sobre tradução, prefácios de obras traduzidas e coletâneas de texto sobre tradução.

Também, em 2007, é lançado no Brasil o primeiro livro sobre interpretação (tradução oral), *Sua majestade, o intérprete: o fascinante mundo da interpretação simultânea*. Ewandro Magalhães Júnior, intérprete de conferência, narra vários aspectos da profissão de intérprete de conferência, os desafios enfrentados por estes profissionais, oferece dicas àqueles que pretendem ingressar na atividade, além de informações históricas sobre o surgimento da interpretação de conferência.

No ano de 2008, Adail Sobral publica o livro, *Dizer o “mesmo” a outros: ensaios sobre tradução*, composto por oito ensaios sobre tradução e interpretação frutos de reflexões elaboradas a partir de textos, palestras, simpósios e congressos

³⁶ Disponível em: <<http://www.abrates.com.br/congresso/port/prog.asp>> Acesso em: 8 jan. 2009.

apresentados pelo autor. No sétimo ensaio são abordadas questões sobre as condições do tradutor no mundo globalizado. O autor também faz reflexões, no oitavo ensaio, sobre a situação do intérprete de Libras (Língua Brasileira de Sinais) como atividade de tradução (oral) sob o título *Traduzir em Libras também é dizer o “mesmo” a “outros”*.

De 07 a 10 de setembro de 2009, será realizado o X Encontro Nacional de Tradutores e o IV Encontro Internacional de Tradutores³⁷, organizado pela ABRAPT (Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução) e pela UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto), sob o tema *Nas trilhas da tradução: para onde vamos?* O encontro tem por objetivo refletir sobre o crescimento da disciplina Estudos da Tradução nos últimos 40 anos que gerou diferentes especialidades e recortou o campo disciplinar em subáreas específicas (Historiografia, Tradução Audiovisual, Tecnologias da Tradução, Estudos de Corpora, Modelagem da Tradução, Tradução Juramentada, Ensino de Tradução, Tradução Literária, Terminologia, Estudos sobre Competência e Desempenho Experto, Abordagens Textuais e Cognitivas, Estudos de Textos Sensíveis, Localização, Estudos da Interpretação, entre outras) bem como, discutir o futuro da tradução.

Para encerrarmos nosso levantamento dos estudos historiográficos em tradução no início do século XXI, em pesquisa realizada no Portal Domínio Público³⁸, das 98 (noventa e oito) teses e dissertações sobre tradução disponibilizadas no site em mídia digital, 6 (seis) abordam questões sobre tradução e contemporaneidade, ou seja, a prática tradutória interpelada pela tecnologia, e 1 (uma) aborda a história da tradução, sendo elas: *Enfrentamento do problema das divergências de tradução por um sistema de tradução automática: um exercício exploratório* (Mirna Fernanda de Oliveira, UNESP Araraquara, tese de doutorado, 2006); *Avaliação de tradução automática no mercado de localização de software: um estudo de caso* (Gabriela Castelo Branco Ribeiro, PUC-Rio, dissertação de mestrado, 2006); *Iguais, mas diferentes: em busca de uma interface entre segmentação cognitiva, sistemas de memória de tradução e variação léxico-gramatical, no par linguístico alemão-português* (Júlio César Moreira Matias, UFMG, dissertação de mestrado, 2007); *O impacto dos sistemas de memória de tradução nos processos de revisão de*

³⁷ Disponível em: <<http://www.nastrilhasdatraducao.ufop.br/inicio.html>>. Acesso em: 15 abr. 2009.

³⁸ Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp>>. Acesso em: 2 jun. 2009.

tradutores profissionais brasileiros (Bartira Gotelipe Gomes Batista, UFMG, dissertação de mestrado, 2007); *Processos de orientação inicial e em tempo real e sua interface com sistemas de memória de tradução* (Ingrid Trioni Nunes Machado, UFMG, dissertação de mestrado, 2007); *TSL, uma linguagem para especificação de tradutores* (Marcello Novaes de Amorim, UFES, dissertação de mestrado, 2007; e *Práticas da Tradução no Ocidente: uma retrospectiva histórica*³⁹ (Lia Márcia Barroso Jucá Rolim, PUC-Rio, dissertação de mestrado, 2006).

Como mencionado anteriormente, a historiografia sobre tradução teve início no Brasil pela obra de Paes em 1990, década marcada por intensos estudos tradutórios. Mas, foi a partir do ano de 2000 que observamos uma maior preocupação com o resgate da história da tradução e do sujeito tradutor, seja pela história da própria disciplina, pela prática tradutória mediada pela tecnologia, pelo discurso e pela identidade, caracterizando-se por um trabalho bastante diversificado e também fragmentado quanto à sua afiliação institucional (principalmente aos programas de pós-graduação).

Segundo Pagano & Vasconcellos (2003, p. 19), a preocupação da comunidade acadêmica em pesquisar a história da tradução no Brasil faz com que os trabalhos sobre historiografia já se constituam como evidência da maturação da disciplina no contexto nacional.

Saber como tradutores de diversos períodos, incluindo a contemporaneidade, enxergam a tradução, sua história e contribuição para a cultura brasileira, representa uma tentativa de rompimento com a invisibilidade e uma busca pela visibilidade, assunto que abordaremos a seguir.

2.2 A INVISIBILIDADE DO TRADUTOR E INTÉRPRETE E SUA BUSCA PELA VISIBILIDADE

Como vimos anteriormente, se o Brasil é um país onde 80% dos livros (prosa, poesia, referência, manuais e catálogos) são traduzidos, ao contrário de outros países onde a tradução de livros estrangeiros não ultrapassa 2,5% a 3,5 % do

³⁹ A dissertação apresenta algumas das práticas tradutórias mais significativas na história do mundo ocidental (Europa) além de práticas de tradução realizadas no Brasil desde a chegada dos portugueses até a década de 1960.

mercado editorial (WYLER, 2003a, p. 13), por que a atividade de tradução e o tradutor se mantêm invisíveis no Brasil?

São diversas as circunstâncias que alimentam a invisibilidade da tradução e do tradutor brasileiro. Iniciaremos nossos estudos abordando a questão da ausência de regulamentação da área.

A luta pela regulamentação da profissão de tradutor e intérprete no Brasil vai ao encontro da fundação da primeira associação brasileira de tradutores, a ABRATES. Fundada na cidade do Rio de Janeiro em 21 de maio de 1974 por um grupo de intelectuais liderados por Paulo Rónai, a associação contava em sua fundação com a participação de 112 tradutores e tinha como objetivos principais à melhoria nas condições de trabalho do tradutor e o aprimoramento da qualidade profissional da tradução.

Em 1976, a ABRATES, juntamente com a APIC (Associação Paulista dos Intérpretes de Conferência)⁴⁰, apoiada pelas ATPs (Associações de Tradutores Públicos), pela FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) e por três instituições de ensino superior (PUC, UFRS e Faculdade Ibero-Americana⁴¹), elaborou um projeto-lei para a regulamentação da profissão no Brasil e o encaminhou ao Ministério do Trabalho. Foram elaborados dois anteprojetos, um para os tradutores de textos escritos e outro para intérpretes de conferência. Entre idas e vindas, o pedido foi indeferido em 1980, sob a alegação, entre outros motivos, de interesse de empreendimentos particulares e por fechar o mercado de trabalho a profissionais autodidatas ou de outra formação profissional (WYLER, 2003a, p.148-149).

Somente em setembro de 1988, o Ministério do trabalho reconheceu a profissão de tradutor registrada sob o n. 2614 na CBO - Classificação Brasileira de Ocupações – como “filólogos, tradutores, intérpretes e afins” (veja Anexo I) cujas atividades requerem formações diferenciadas: o superior completo para filólogos e linguistas e o ensino médio ou o diploma de técnico para tradutores e intérpretes. Compete, segundo a CBO, a estes profissionais: traduzir textos e documentos; interpretar discursos orais e/ou língua de sinais; resgatar a língua como expressão de uma cultura; pesquisar; elaborar textos; e prestar assessoria a clientes. No que

⁴⁰Fundada em 1971 a APIC, Associação Paulista de Intérpretes de Conferência, atualmente atende pelo nome de Associação Profissional de Intérpretes de Conferência, abrangendo todo o território nacional e não apenas o Estado de São Paulo.

⁴¹ Faculdade Ibero Americana, atual UNIBERO (Centro Universitário Ibero Americano).

se refere às competências pessoais, ainda segundo este órgão, os tradutores e intérpretes devem: manter a excelência da crítica; trabalhar em equipe; demonstrar discrição, acuidade auditiva, fluência e proficiência; adaptar discurso ao público alvo; trabalhar sob pressão (do tempo); utilizar técnicas de orientação e mobilidade; demonstrar erudição, agilidade de raciocínio, neutralidade, capacidade de concentração, flexibilidade, pró-atividade e capacidade de improvisar. Não fazem parte das ocupações de n. 2614 os professores nas áreas de língua e literatura do ensino superior.

Apenas os Tradutores Públicos e Intérpretes Comerciais, conhecidos como Tradutores Juramentados, possuem regulamentação de sua área de atuação, sob o Decreto 13.609 de 21 de outubro de 1943, assinado por Getúlio Vargas. Para o ingresso ao referido ofício exige-se aprovação em concurso público e nomeação pela Junta Comercial do Estado.

Segundo Wyler (2003a, p. 16-17), sem a regulamentação da área, não se pode exigir do tradutor uma formação básica homogênea, nem evitar a proliferação de cursos de “produzir tradutores”, nem protestar sobre a presença de tradutores temporários (profissionais bilíngues) que buscam a tradução em períodos de recessão econômica, nem tampouco concorrer com a baixa remuneração aceita por tradutores que pouco ou nada investiram em sua formação. Porém, não há um consenso entre tradutores sobre a necessidade de regulamentação da área, mesmo entre os tradutores graduados em tradução e interpretação, desta forma, não aprofundaremos sobre os méritos desta questão neste trabalho.

Não existe no Brasil um estudo que comprove o número oficial de profissionais que executam a tarefa de tradução, exceto para o cargo de tradutores públicos, onde as Juntas Comerciais oferecem uma listagem com a relação dos profissionais, número de matrícula, idioma que traduzem e formas de contatos (endereço, telefone e *e-mail*). Tanto o SINTRA (Sindicato dos Tradutores) quanto a APIC (Associação Profissional dos Intérpretes de Conferência) oferecem apenas uma listagem de seus membros, representando um número muito pequeno dos tradutores e intérpretes que atuam de forma profissional no país, os quais continuam invisíveis perante o mercado de trabalho e à população.

Para termos uma noção da pouca representatividade dos números oferecidos pelos órgãos representantes da classe, o SINTRA possui cerca de 400

tradutores filiados⁴² e a APIC possui 130 intérpretes associados⁴³. A comunidade *Tradutores/Intérpretes BR*, corpus deste trabalho, possui 8.820 membros que possuem a língua portuguesa (do Brasil) como uma de suas línguas de trabalho e em uma enquete sobre a filiação ou associação dos membros da comunidade a algum órgão representante, 73% dos membros que participaram da enquete responderam não participarem de nenhum desses órgãos⁴⁴.

Ao lado da ausência de regulamentação e da falta de dados estatísticos sobre o profissional, o desconhecimento da população sobre em que concerne a profissão de tradução e interpretação gera algumas crenças que corroboram com a invisibilidade da tradução e do tradutor em contexto brasileiro. Segundo Pagano (et al., 2000, p. 11), as crenças “além de influenciar a performance do tradutor, elas também determinam a forma como a sociedade em geral tende a avaliar a tradução como profissão e o tradutor como agente dessa atividade”.

Entre algumas crenças famosas, Pagano (2000, p. 11-12) menciona: a tradução é uma arte reservada a uns poucos que podem exercê-la graças a um dom especial; a tradução é uma atividade prática que requer apenas um conhecimento de língua e um bom dicionário; o tradutor deve ser falante bilíngue ou ter morado num país onde se fala a língua estrangeira com que trabalha; só se pode traduzir da língua estrangeira para a língua materna; e o mais famoso trocadilho: *traduttori, traditori*.

Todas essas crenças apresentam algo em comum: a falta de informação de que a tradução requer, além do profundo conhecimento linguístico (seja da língua de partida quanto da língua de chegada), conhecimento cultural e histórico (das línguas envolvidas), literário, temático, competências tradutórias, experiência e qualificação. É bastante comum a visão de que a tradução envolve apenas uma operação de transcodificação de uma língua para outra, intermediada pelo uso de dicionários demonstrando a falta de conhecimento sobre a concepção de língua. Se assim fosse, um bom dicionário bilíngue ou um programa de tradução automática seriam suficientes, o que nos leva a outra crença: o tradutor humano

⁴² Informação fornecida pela secretária do Sintra, Nila Soares em 24 de junho de 2009, por e-mail, uma vez que o site do Sintra não possui uma busca pelo número total de tradutores (Veja Anexo J).

⁴³ Pesquisa realizada no site da APIC em 20 de junho de 2009. Disponível em <<http://www.apic.org.br/website/home/>>. Acesso em: 20 jun. 2009.

⁴⁴ Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main#CommPollResults.aspx?cmm=50302&pct=1186556198&pid=1380085530>>. Acesso em: 20 jun. 2009.

será substituído pelos programas de tradução automática, crença já desmistificada, uma vez que, os sistemas de tradução automática funcionam como ferramentas de auxílio ao tradutor e não como substituto dos mesmos.

Sobre a visão que as pessoas e até mesmo alguns tradutores apresentam da tradução, Azenha Júnior (2006, p. 161-162) afirma que: os avanços feitos nos estudos da tradução parecem estar restritos ao plano da reflexão acadêmica e são pouco eficazes para alterar a prática e a noção de tradução fora das Instituições de Ensino Superior.

O trocadilho em italiano, “*traduttori, traditori*”, em português, “tradutor, traidor”, traz consigo a idéia de infidelidade do tradutor e, como refletir sobre tradução é ser remetido a clichês ou crenças, podemos citar ainda outro pensamento popular preconceituoso e generalizante: “As traduções são como as mulheres: quando fiéis, não são bonitas; e quando bonitas, não são fiéis”.

Mas a quem o tradutor deve ser fiel: ao autor, à obra, à época, ao público-alvo?

Diversos fatores (intra e intersubjetivos, temporais, linguísticos, culturais, sociais) fazem-se presentes no ato tradutório e exercem influências sobre o processo e sobre o texto traduzido impondo um conjunto de servidões⁴⁵ ao tradutor, e estas servidões implicam, segundo Aubert (1994, p. 84), em “seu ‘esquartejamento’, sua aniquilação e, no limite, a impossibilidade de satisfazer de maneira integral a qualquer uma das múltiplas exigências postas ao ato tradutório”. O autor (AUBERT, 1994, p. 85) encerra as questões sobre as servidões impostas afirmando que:

o tradutor somente poderá desincumbir-se de sua tarefa se dispuser de um grau de autonomia e livre-arbítrio diante dos interesses conflitantes e contraditórios suficiente para assegurar uma elaboração consciente de seu texto, produto este também, e necessariamente, autônomo.

Para Coracini (2007, p. 193-194), o famoso trocadilho é um exemplo de heterogeneidade ou memória discursiva presente nas representações do tradutor e de sua tarefa:

⁴⁵ As servidões analisadas por Aubert (1994) referem-se a três questões: 1. É cabível exigir do tradutor seu próprio apagamento?; 2. Em que medida é aceitável o desvio do texto traduzido em relação ao original?; 3. Admitida a diversidade linguística e cultural, até que ponto a diversidade constitui, efetivamente, um conjunto de servidões impositivas?

A voz de especialistas [...] que falam da traição inevitável do tradutor; a voz daqueles (linguistas e especialistas da tradução) que pregam a possível fidelidade ao texto original; a voz de quem pratica o ofício e se defronta com a contingência da prática; a voz do discurso religioso da culpa, acompanhado pelo desejo da fidelidade, de transparência da linguagem, de controle do sujeito; a voz, enfim [...], daquele que se encontra no espaço (in)cômodo do entre-línguas, que causa prazer e desprazer, angústia e orgulho...

Outro fator que contribui para a invisibilidade do tradutor é a ausência de um lugar devidamente demarcado da tradução dentro das instituições acadêmicas. Em 1968 foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), proporcionando que os cursos de tradução fossem criados nos departamentos de Letras, em nível de graduação. Nos anos seguintes, foram criados os primeiros cursos de tradução no Brasil: em 1969 na PUC do Rio de Janeiro e em 1972 na Faculdade Ibero-Americana (atual UNIBERO). Ainda hoje, o curso de graduação em Tradução continua vinculado ao curso de Letras e o de pós-graduação não possui o *status* de tradução como “área de concentração” em seus programas, estando atrelados, na maioria das vezes à área de Linguística.

A respeito das pesquisas em tradução, Arrojo & Frota (1993), do Grupo de Trabalho em Tradução, o GTTrad, relatam que:

Os estudos sobre tradução têm se desenvolvido principalmente às margens da pesquisa que se faz tanto nas áreas de Letras como de Linguística. Essa marginalidade tem impedido o crescimento da tradução como área de pesquisa autônoma e isolados aqueles que a ela se dedicam. Consequentemente, além de desorganizada e incipiente, a pesquisa na área tem frutificado ao sabor do acaso e do capricho das outras áreas com lugar garantido nas instituições e nos programas de pós-graduação.

Benedetti (2003, p. 26-27) menciona outras faces da invisibilidade do tradutor: a invisibilidade *social*, ou seja, o fato do tradutor ser socialmente ignorado, ser um sujeito anônimo, cujo nome não é citado e nem mesmo lembrado como existente e, quando o é, sua presença apenas atende a uma exigência da lei dos direitos autorais e a invisibilidade *textual*, a qual compete ao tradutor produzir textos que não pareçam traduzidos, que sejam redigidos com tamanha fluência na língua de chegada que o leitor não tenha impressão de estar lendo um autor estrangeiro.

Podemos acrescentar à invisibilidade social do tradutor, o fato do mesmo, na maioria das vezes, trabalhar em casa ou em escritório próprio, afastado dos clientes e das empresas com as quais mantém contato, apenas por telefone e *e-mail*, dados estes observados em uma enquete realizada na comunidade Tradutores/Intérpretes BR, sobre o local de trabalho dos tradutores: 85% responderam trabalhar em casa ou escritório próprio, 6% que trabalham em empresas, 4% trabalham em agência de tradução e 3% em outros locais⁴⁶.

Sobre a invisibilidade textual sabemos que ela foi contemplada pelas concepções tradicionais ou logocêntricas da tradução que exigiam o apagamento da voz do tradutor para que apenas a voz do autor transparecesse. Posteriormente, com os estudos da tradução, a possibilidade de fidelidade do sentido estável de um texto de uma língua para o texto de outra língua foi contestada e a tradução passou a ser vista como ato de interpretação propiciando um novo papel para o tradutor: o papel de autor.

Atualmente, em uma nova concepção de tradução, como processo discursivo, na qual o discurso é entendido como “efeito de sentido entre interlocutores”, Mitman (2003) propõe, às luzes da Análise do Discurso francesa, um lugar do tradutor como produtor do texto da tradução a partir da imagem que ele faz do autor por meio da leitura particular que faz do texto original. Com o avanço dos estudos da tradução, podemos observar o caminho da invisibilidade do tradutor em direção à sua visibilidade.

Para Wyler (2003a, p. 17), a imprensa também desempenha um papel ativo para a invisibilidade do tradutor: “se por um lado, ela valoriza quantitativamente as obras traduzidas em suas páginas e colunas literárias, por outro desvaloriza o tradutor omitindo seu nome em resenhas, anúncios e listas de livros mais vendidos”. É importante ressaltarmos que a mídia se destina a falar sobre o tradutor apenas em três momentos específicos: quando o tradutor é autor renomado, quando a tradução é de poemas (interessando à mídia a questão da fidelidade, da impossibilidade de tradução de poemas, das perdas ocorridas) e quando a tradução apresenta má qualidade.

Em busca pelo reconhecimento institucional da tradução e do tradutor, em 1986, sob orientação do Professor Edson Rosa da Silva, da UFRJ, foi inserido o

⁴⁶ Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#CommPollResults.aspx?cmm=50302&pct=1221760924&pid=375610101>>. Acesso em: 20 jun. 2009.

Grupo de Trabalho de Tradução, GTTrad aos demais Grupos de Trabalhos (GTs) da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística)⁴⁷. O GTTrad tem por objetivo servir como veículo de discussão acadêmica para questões referentes à tradução fomentando o diálogo e o intercâmbio entre os pesquisadores da área.

Também desempenhando um importante papel para a divulgação das pesquisas na área de tradução temos os inúmeros periódicos e publicações especializadas em tradução, que inicialmente eram divulgados em mídia impressa e, atualmente, também se encontram em mídia digital, entre eles: *TradTerm*⁴⁸, uma revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia (CITRAT) da USP lançada em 1994; *Cadernos de Tradução*⁴⁹, uma revista da Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC lançada em 1996; *Tradução & Comunicação - Revista Brasileira de Tradutores*⁵⁰, publicada de 1981 a 1986 pela Faculdade Ibero-Americana e relançada em 2001. *Revista Eletrônica Unibero de produção Científica*⁵¹, uma publicação eletrônica das pesquisas realizadas por alunos e professores dos cursos de graduação da referida instituição no período de 2003 a 2006; *Tradução em Revista*⁵², uma publicação da PUC-Rio lançada em 2004; além de diversas outras revistas e periódicos produzidos por outras áreas do saber que possuem artigos sobre tradução, como por exemplo, a *DELTA*⁵³ – Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, lançada em 1985 pela PUC-SP.

Não podemos deixar de mencionar os órgãos representantes dos tradutores e intérpretes, SINTRA, ABRATES e APIC que em seus *sites* divulgam informações relevantes para a área, tais como, palestras, cursos, eventos, fontes de consultas, instituições de ensino, valores praticados, *links* de interesse da categoria, dicas de livros, listas e fóruns de discussão, programas eletrônicos de busca por

⁴⁷ Atualmente existem 33 GTs da ANPOLL. Disponível em: <http://www.anpoll.org.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=53&Itemid=63> Acesso em 19 de junho de 2009.

⁴⁸ Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/citrat/citrat.htm>>. Acesso em: 18 jun. 2009.

⁴⁹ Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao>>. Acesso em: 18 jun. 2009.

⁵⁰ Disponível em: <<http://www.unibero.edu.br/>>. Acesso em: 18 jun. 2009.

⁵¹ Disponível em: <<http://www.unibero.edu.br/>>. Acesso em 18 de junho de 2009.

⁵² Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/trad_em_revista.php?strSecao=input0>. Acesso em: 18 jun. 2009.

⁵³ Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0102-4450&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 jun. 2009.

profissionais, bem como o boletim ABRATES⁵⁴ de artigos escritos por seus membros.

Com o surgimento dos primeiros cursos de tradução no final da década de 1960 e com a expansão destes cursos e dos estudos de tradução a partir da década de 1980 e 1990, houve uma intensificação nas publicações de trabalhos (dissertações, teses, artigos, coletâneas e livros) e na organização de encontros e congressos nacionais e internacionais de tradução, contribuindo para a visibilidade do profissional, tanto no Brasil quanto no exterior. Além dos eventos de instituições de ensino superior espalhadas por todo o país que promovem seminários, palestras e encontros locais sobre tradução.

Assegurado por lei, o direito autoral do tradutor representa um ganho por sua visibilidade: o direito patrimonial sobre sua criação intelectual. A Lei do Direito Autoral, aprovada em 19 de fevereiro de 1998 afirma, no Capítulo II - da autoria das obras intelectuais - Art. 14: “é titular de direitos de autor quem adapta, traduz, arranja ou orchestra obra caída no domínio público” e no Art. 53 - da utilização de obras intelectuais - “em cada exemplar da obra o editor mencionará no caso de tradução, o título original e o nome do tradutor”.

Desta forma, conforme afirmou Rocha (1984, p. 224), a tradução regularmente feita é, portanto, considerada como uma criação nova, sobre a qual o seu autor (o tradutor) tem o pleno exercício de seu direito de autor.

Com o advento da internet, tornou-se prática comum à escrita e leitura de *blogs* de tradutores, com o intuito de busca por informação, entretenimento, interação entre profissionais da área e até mesmo visibilidade.

Para Oliveira (2006, p. 139):

As práticas discursivas dos *blogs*, num primeiro momento, surgiram como discursos identitários, da emergência da subjetividade de pessoas comuns, que resolveram tornar público o que sentiam, percebiam e viam o mundo. Mas muitos perceberam que o *blog* era uma ferramenta propícia para fazer *marketing* pessoal, empresarial, político, entre outras formas de autopromoção.

Também fruto da contemporaneidade o *orkut*, com suas inúmeras comunidades de tradutores e intérpretes, favorece não apenas novas formas de

⁵⁴ Disponível em: <<http://www.abrates.com.br/>>. Acesso em: 18 jun. 2009.

articulações sociais, de informação e cultura mas também novas práticas discursivas e identitárias que expõem toda angústia de um sujeito desejanste por estabelecer um lugar e um *status* de “profissional de tradução” reconhecido e valorizado promovendo sua visibilidade para a sociedade, o mercado de trabalho e entre os membros da comunidade. Assim, por meio das ferramentas da *web*, os tradutores poderiam estar demarcando um lugar social e ideológico, adquirindo saber, poder, respeito e valorizando a sua profissão e sua atividade.

2.3 A TRADUÇÃO, O TRADUTOR E A TECNOLOGIA

Da máquina de escrever à popularização do computador na década de 1980 (preço acessível e interface amigável) e, posteriormente à chegada da Internet no Brasil por volta dos anos de 1990, muitas mudanças significativas ocorreram em todos os setores da atividade humana, inclusive na tradução.

O quadro abaixo, elaborado pela pesquisadora-tradutora, mostra como a presença do computador vem afetando a prática tradutória e até mesmo redefinindo algumas das tarefas do tradutor, mudanças que foram observadas pela mesma que vivenciou o impacto da presença do computador tanto no período de sua formação acadêmica (1989 a 1992) quanto em seu ingresso no mercado de trabalho a partir de 1993, uma vez que, como mencionado anteriormente, foi na década de 1980 que o computador tornou-se popular devido ao lançamento, para o mercado consumidor, dos primeiros computadores pessoais para uso doméstico e para fins específicos (computação gráfica) e em 1996, ano de início das vendas de assinatura de acesso à rede pelo primeiro provedor do Brasil, Universo *Online*.

	ANTES DO COMPUTADOR	DEPOIS DO COMPUTADOR
TECNOLOGIA	Máquina de escrever, máquina elétrica	Computador, impressora, monitores múltiplos, <i>scanner</i> , <i>OCR</i> , anti-vírus
ARQUIVO	Papel	Digital
APRESENTAÇÃO	Manuscrito, datilografado	Digitado, impresso, arquivo digital

ENTREGA DO TRABALHO	Pessoalmente, correio	Pessoalmente, correio, <i>e-mail</i>
CONSULTA	Fonte fixa (publicações impressas)	Fonte fixa, fonte móvel (Internet)
CONTATOS	Pessoalmente, telefone	Pessoalmente, telefone, celular, <i>e-mail, MSN, Skype, orkut, blog</i>
VOLUME DE TRADUÇÃO	Menor	Maior
CUSTO DA TRADUÇÃO	Menor	Maior
PRAZO DE ENTREGA	Maior	Menor
PREÇO	Maior	Menor
TRABALHO	Solitário, grupos pequenos	Solitário, em equipe, em rede

Numa perspectiva geral de utilização, o computador facilita a criação de texto escrito por meio dos processadores de texto (como, por exemplo, o Word da Microsoft) e possibilita a manipulação de conteúdos digitais diversos. Já em perspectiva específica da informática aplicada à tradução, podemos citar diversas ferramentas de auxílio à tradução, tais como, corretores ortográficos e gramaticais; dicionários eletrônicos; bases de dados terminológicos; *corpora* eletrônicos; sistemas de tradução automática; sistemas de tradução assistida, também conhecidos por memórias de tradução; além de todas as facilidades criadas pela *internet* tais como glossários e dicionários *on-line*, redes de comunicação formadas por listas, fóruns de discussão, *blogs* e *orkut*, e fácil acesso a diversos conteúdos como fonte de pesquisa e contextualização.

De todas as ferramentas de auxílio à tradução, duas nos chamam a atenção por refletirem as mudanças ocorridas na prática tradutória mediada pela tecnologia: os sistemas de tradução automática e as memórias de tradução. Nosso objetivo não é discorrer sob o impacto causado por estas ferramentas na qualidade da produção tradutória, trabalho já realizado por Stupiello em 2008⁵⁵, mas sim apresentá-las como exemplo de transformação ocorrida no trabalho do tradutor na contemporaneidade.

Os sistemas automáticos de tradução, conhecidos em inglês por *Machine Translation* (MT), ou simplesmente Tradução Automática (TA), são programas de computador que traduzem automaticamente textos nos mais variados

⁵⁵ STUPIELLO, Erika Nogueira de Andrade. *O impacto das novas tecnologias no tempo e na qualidade da produção tradutória*. Estudos Linguísticos, São Paulo, v. 37, p. 145-154, 2008.

pares de idiomas. Frutos do avanço da tecnologia computacional, não pretendem substituir o trabalho do tradutor humano, como reza a crença popular.

O interesse pela tradução automática não é recente: impulsionados pelos estudos em 1946, período pós-guerra, por americanos e ingleses, desacreditados nas décadas de 1960 e 1970, retomados na década de 1980 e proliferados na década de 1990 com o advento da *internet*, os sistemas de tradução automática passaram a ser grandes aliados a tradutores e usuários da *web* (ALFARO, 1998).

Esses programas possibilitaram uma forma de prática tradutória onde o tradutor já não mais inicia sua tradução em uma folha em branco, mas sim partindo de um texto pré-traduzido que requer revisão.

Os sistemas de tradução automática não são eficientes em todos os tipos de textos. Eles podem ser úteis principalmente em textos [...] altamente técnicos que tratam de um tópico muito delimitado [...] (MELBY, 1999 apud ARAÚJO, 2002). Já, com os textos literários, por suas características de múltiplos elementos significantes, os sistemas de TA não apresentam resultados satisfatórios.

Apesar de diversas limitações (semânticas, pragmáticas, entre outras), estes sistemas eliminam grandes quantidades de trabalho “braçal” por parte do tradutor, gerando economia de tempo, o que resulta em um aumento de produtividade.

Os sistemas de tradução assistida, em inglês, *Translation Memory* (TM) ou simplesmente, Memória de Tradução (MT), são bancos de dados integrados a editores de textos que memorizam as traduções realizadas por tradutor humano e, durante o processo de tradução recuperam fragmentos idênticos ou parecidos, que deverão ser validados pelo tradutor. Nestes sistemas, quem traduz é o tradutor humano, não a máquina. O processo envolve, além da memória de tradução, ferramentas de gestão terminológica, processamento de texto, edição, gestão de projetos e controle de qualidade.

Sobre a utilização destes sistemas, Stupiello (2008, p. 151) afirma que:

[...] com a possibilidade de reaproveitamento de traduções anteriores, o tradutor necessariamente ganhará tempo no trabalho, o que pode ser um atrativo importante para um mercado que demanda traduções com prazos cada vez menores.

Nogueira & Nogueira (2004) apresentam diversas vantagens sobre a utilização destes sistemas: apresentação do texto de partida e do texto de chegada na mesma tela; dificulta o risco de saltar um período ou um parágrafo; preservação da diagramação original do texto; preservação de números, nomes próprios e pontuação; gestão de glossários; criação de um *corpus* bilíngue; consistência terminológica. Sua utilização propicia um ganho geral de qualidade, economia de custo e tempo.

Ao contrário da tradução automática, que parecia representar uma ameaça à função do tradutor, a memória de tradução apresenta-se como verdadeira aliada ao tradutor por gerenciar a tarefa tradutória e não traduzi-la automaticamente. O que não podemos deixar de mencionar é o fato de que as agências de tradução pedem desconto ou não pagam por segmentos⁵⁶ que apresentem repetições internas (100% de repetição no mesmo texto), externas (ocorrências contidas na memória de tradução da agência) ou *fuzzy match* (ocorrências com pequenas alterações) representando uma redução no valor a ser pago pelos serviços do tradutor. Atualmente, podemos encontrar este assunto sendo discutido nos encontros e congressos de tradutores, bem como nos diversos *blogs* e comunidades de tradutores no *orkut*.

Em novembro de 2008, uma pesquisa inédita foi apresentada na *ATA 49th Annual Conference*⁵⁷, na Flórida, Estados Unidos, por duas tradutoras brasileiras, Giovana Boselli e Cristina Silva. Intitulada *Mixing Computer-Assisted Translation and Machine Translation: the good, the bad and the ugly*, as pesquisadoras combinaram uma ferramenta de tradução automática gratuita (*Google Translate*) com uma ferramenta de memória de tradução comercial (*Trados*). O interesse pela pesquisa surgiu após assistirem a uma palestra na *ATA 48th Annual Conference* em São Francisco, Estados Unidos, no ano de 2007, onde o consultor Renato Beninato, proprietário da empresa *Common Sense Advisory*⁵⁸, sediada em Boston, afirmou que o tradutor que não estivesse usando o *Google Translate* estaria perdendo tempo e dinheiro.

⁵⁶ Segmentos referem-se a períodos ou frases memorizadas pelos sistemas de memória de tradução.

⁵⁷ ATA (*American Translator Association*). Disponível em: <<http://www.atanet.org/conf/2008/index.htm>>. Acesso em: 18 jun. 2009.

⁵⁸ Empresa de pesquisa e consultoria em globalização e localização de softwares. Disponível em: <<http://www.commonsenseadvisory.com/>>. Acesso em: 19 jun. 2009.

As pesquisadoras se interessaram pelo assunto e iniciaram uma pesquisa a fim de verificarem os reais benefícios da utilização de um sistema de tradução automática gratuito e ao alcance de qualquer usuário da internet com um dos sistemas de memória de tradução muito popular entre as agências de tradução no Brasil.

Foi criada uma memória em branco, para onde foi importado um antigo glossário do Word, da Microsoft, após uma adaptação para um formato legível pelo Trados. Foram criados 3 textos com cerca de 500 palavras cada, com frases extraídas da própria memória criada, porém sofrendo pequenas alterações (expansão e redução de palavras, adição de frases novas), para que parte das repetições encontradas na memória de tradução fossem inferiores a 100%. Foi realizada uma pré-tradução no Trados, usando a memória, e as frases que resultaram em 0% de ocorrência na memória de tradução foram automaticamente traduzidas pelo *Google Translate*.

Os erros apresentados pelo sistema de tradução automática foram analisados e avaliados com base em uma tabela de tipologia de erros, adaptada da tabela usada pelos avaliadores do exame de tradução da ATA, que, além de tipologia incluiu uma faixa de pontuação para cada erro.

O resultado apresentou uma possível viabilidade no uso dos dois sistemas, uma vez que os erros apresentados pelo tradutor automático ficaram dentro de um número aceitável, permitindo um trabalho de pós-edição que possibilite ao tradutor uma economia de tempo no processo tradutório. As duas ferramentas possibilitariam, ao tradutor, maior agilidade e gerenciamento do processo tradutório unindo o que há de útil em cada uma das ferramentas. Para as pesquisadoras, é importante considerar que tal resultado foi atingido dentro de um ambiente controlado e com textos de área técnica, sendo possível que a base de dados do *Google Translate* já contenha uma considerável quantidade de frases sobre o assunto. Tivesse tal pesquisa sido realizada com textos literários ou de maior grau de especificidade técnica, o resultado poderia ter sido diferente, talvez inaceitável para uso profissional⁵⁹.

⁵⁹ A pesquisa ainda não se encontra publicada em forma de artigo. As informações foram retiradas da apresentação em *Power Point* disponibilizadas na *internet* e de correspondência eletrônica entre as pesquisadoras e as autoras desta dissertação. Apresentação disponível em: <<http://www.slideshare.net/allinportuguese/Mixing-CAT-and-MT>>. Acesso em: 19 jun. 2009.

Com esta pesquisa, e com tantas outras que não podemos mencionar neste trabalho de dissertação por uma questão de tempo e espaço, torna-se clara que a presença de pesquisadores brasileiros em diversos encontros e congressos contribui para uma maior visibilidade do tradutor e da tradução, tanto em âmbito nacional quanto internacional. E, que a internet vem propiciando a divulgação destas pesquisas e de diversas outras informações sobre a tradução e sobre o tradutor, seja em periódicos e publicações especializadas em tradução, atualmente disponibilizados em mídia digital; *sites* dos órgãos representantes (SINTRA, APIC, ABRATES); *sites* de tradutores e de agências de tradução; e mais recentemente, *blogs* de tradutores e comunidades de tradução no *orkut*.

Duas redes de comunicação e socialização vêm chamando a atenção de pesquisadores, os *blogs* e o *orkut*, por democratizarem o acesso à palavra, ao espaço público e, conseqüentemente, a visibilidade pessoal e profissional. Podemos observar a presença de tradutores e intérpretes também nestas redes.

Sobre *blogs* e *orkut*, Oliveira (2005, p. 89) afirma que:

[...] nesse espaço, o indivíduo através de práticas discursivas (re)constrói o 'sujeito' ou os 'sujeitos' que aparentemente experimentam sua vida e suas relações dentro de uma aura menos excludente e mais libertária.

Esta proposta também encontra-se neste estudo ao analisarmos as práticas discursivas e identitárias de tradutores e intérpretes na comunidade Tradutores/Intérpretes BR.

Tanto os *blogs* quanto os perfis e comunidades do *orkut*, podem ser criados por usuários que não possuem experiência em programação, devido à estrutura de design pronta oferecida por ferramentas gratuitas na Internet. Não apresentam custo, basta que o usuário tenha um computador e acesso à internet e podem ser acessadas por qualquer pessoa. Estes fatores contribuíram para a popularidade e rápido crescimento destas redes.

São inúmeros os *blogs* e comunidades de tradutores disponíveis na Internet: tradutores renomados, estudantes de tradução, tradutores juramentados, agências de tradução, entre tantos outros.

Existem diversas razões que levam uma pessoa a criar e participar destas redes: necessidade de expressar-se, de interagir em comunidade, de dividir conhecimento, de buscar reconhecimento e visibilidade.

Geralmente, os *blogs* e as comunidades do *orkut* são temáticos e a presença de *links* confere “autoridade” devido ao compartilhamento de fontes e descobertas. Mesmo em *blogs* ou comunidades autobiográficas, as discussões centram-se em assuntos de interesse coletivos nos quais os autores apresentam alguma competência.

Oliveira (2005, p. 93), em seus estudos sobre o sujeito virtual, aponta diversos autores, tais como Julian Dibbel, David Edwards e Allucquère Roseanne Stone, que dedicam seus estudos sobre a emergência de novos fetiches e sistemas de poder bem como formas sutis de exercer micro-poder, baseadas na competência individual. Estes estudos indicam “a necessidade de socialização dos indivíduos, do desejo de pertencer a *newgroups*; com a possibilidade de serem espreitadores ou não da interação alheia, sem interagir” (OLIVEIRA, 2005, p. 93-94).

Nos *blogs*, assim como no *orkut*, as práticas discursivas envolvem os participantes numa aura de libertação, de poder se dizer o que quiser propiciando um discurso libertário, antes proibido ou que apenas podia ser dito por outros, (OLIVEIRA, 2006, p. 144), o que vem contribuir com a visibilidade destes sujeitos, entre eles, os tradutores e intérpretes pertencentes à contemporaneidade.

Por tudo isso, podemos concluir que a tradução na contemporaneidade requer o emprego de recursos tecnológicos que confirmam agilidade à produção tradutória a fim de manter a competitividade do tradutor bem como torná-lo visível ao mercado de trabalho e ao grupo que o cerca. Porém, conforme atestam Biau Gil & Pym (2006), cada nova tecnologia requer novo investimento, não apenas na aquisição de ferramentas, mas também, na aprendizagem de como usá-las.

3 CONTEMPORANEIDADE E NOVAS TECNOLOGIAS

O real está morto, o que sobrevive no mundo midiático, cibernético, digital, eletrônico, televisivo, das nets em geral, é o seu simulacro, e somente esse é “verdadeiro”, ou melhor, veridictório.

Jean Baudrillard.

Neste capítulo abordamos alguns conceitos fundamentais sobre a contemporaneidade: ciberespaço, cibercultura, modernidade líquida, bem como, o impacto das novas tecnologias de informação e comunicação na identidade do sujeito líquido-moderno.

3.1 CIBERESPAÇO E CIBERCULTURA

As novas tecnologias de informação e de comunicação, conhecidas como TICs, e a virtualidade delas advinda, têm produzido significativas transformações na relação do sujeito com o mundo, revolucionando as diversas dimensões da vida humana: mercado de trabalho, instituições de ensino, práticas sociais, códigos culturais, etc. Para Castells (2002, p. 412), trata-se da “*gênese de um novo mundo*”:

Um novo mundo está tomando forma neste fim de milênio. Originou-se mais ou menos no fim dos anos 60 e meados da década de 70 na coincidência histórica de três processos independentes: revolução da tecnologia da informação; crise econômica do capitalismo e do estatismo e a consequente reestruturação de ambos; e apogeu de movimentos sociais culturais, tais como libertarismo, direitos humanos, feminismo e ambientalismo. A interação entre esses processos e as reações por eles desencadeadas fizeram surgir uma nova estrutura social dominante, a sociedade em rede; uma nova economia, a economia informacional/global; e uma nova cultura, a cultura da virtualidade real. A lógica inserida nessa economia, nessa sociedade e nessa cultura está subjacente à ação e às instituições sociais em um mundo interdependente.

Porém, a emergência e a estruturação deste “novo mundo” não deslocaram de imediato e por completo o outro mundo que o antecedeu. Existem simultaneidades e conflituosidades entre eles o que nos faz vivermos em um mundo em rebuliço.

Os estudiosos que discutem questões acerca das novas tecnologias se dividem entre os tecnófilos, que acreditam que a cultura digital proporcionará avanços nas relações humanas, como Lévy (1999) e Lemos (2004), apesar de admitirem os problemas trazidos pelas novas tecnologias; os tecnófobos, que vêem a cultura digital como destruidora de valores éticos, morais, uma cultura elitista, desumana, autoritária, como Baudrillard (2003); e há ainda aqueles que não parecem estar muito certos de seus efeitos, como Turkle (1996).

Pelizaro e Oliveira (2008, p. 140-141) propõem uma outra perspectiva: uma perspectiva, baseada em Foucault (2005 apud PELIZARO e OLIVEIRA, 2008), onde “nada é bom ou ruim, mas que é necessário ver as dispersões, conhecer as possibilidades discursivas, pois nada é fixo, nada é conclusivo, tudo pode ser (re)significado”.

Também nesse contexto, Marcondes-Filho (2001, p. 37) enfatiza que:

[...] o que devemos considerar aqui não é exatamente se isso (a digitalização, a velocidade e o excesso informativo interferindo na ordenação física e psíquica dos sujeitos) é positivo ou negativo, pois assim cairíamos novamente nas ciladas da metafísica, mas que nova disposição estaria se formando e a que nova sociedade conduzindo.

Sem tomarmos partido nem da “salvação” nem da “destruição” da humanidade, acreditamos, assim como Oliveira (2004) que as novas tecnologias provocam mudanças significativas na relação entre sujeito, discurso e sociedade, que há uma (re)significação das identidades emergentes da cultura digital e, também, o surgimento de novas formas de controle. Para isso, tomamos como *corpus* de pesquisa a comunidade *Tradutores/Intérpretes BR* e analisamos as práticas discursivas destes profissionais e seus efeitos de sentido, ainda pouco estudados.

O advento das novas tecnologias de informação e comunicação e a forma como vêm sendo utilizadas pelos governos, empresas, escolas, indivíduos e diversos setores sociais possibilitou o surgimento da “sociedade da informação”,

período caracterizado pelo crescente papel social da informação no desenvolvimento da civilização moderna, por um crescimento da partilha dos produtos e serviços de informação no PIB e pela formação de um espaço global de informação⁶⁰.

Portanto, ao falarmos sobre as novas tecnologias da informação e comunicação três conceitos são de extrema relevância: ciberespaço, virtualidade e cibercultura.

O termo ciberespaço foi cunhado na década de 1980 pelo escritor canadense William Gibson. Gibson utilizou o termo pela primeira vez no romance *Burning Chrome*, escrito em 1982 e seu conceito foi apresentado no romance *Neuromancer* de 1984 como:

Uma alucinação consensual, vivida diariamente por bilhões de operadores legítimos, em todas as nações, por crianças a quem se estão a ensinar conceitos matemáticos. Uma representação gráfica de dados abstraídos dos bancos de todos os computadores do sistema humano. Uma complexidade impensável. Linhas de luz alinhadas no não espaço da mente; nebulosas e constelações de dados. Como luzes de cidade, retrocedendo (GIBSON, 1991, p. 67).

Neuromancer retrata um mundo no qual as novas tecnologias e a mídia estão por toda parte e no qual os seres humanos se fundem nessas tecnologias perdendo o controle de suas extensões.

Para Lemos ([s.d.], *online*) o ciberespaço apresentado por Gibson em *Neuromancer* é:

[...] um espaço não físico ou territorial, que se compõe de um conjunto de redes de computadores através das quais todas as informações (sob as suas mais diversas formas) circulam. O ciberespaço gibsoniano é uma "alucinação consensual" onde podemos nos conectar através de "chips" implantados no cérebro. A Matrix, como chama Gibson, é a mãe, o útero da civilização pós-industrial onde os "cybernautas" vão penetrar. Ela será povoada pelas mais diversas tribos, onde os "cowboys" do ciberespaço circulam em busca de informações vitais para suas empresas ou suas vidas. A Matrix de Gibson, como toda a sua obra, faz uma caricatura do real, do quotidiano.

⁶⁰ Glossário da Sociedade da Informação. Disponível em: <http://www.ait.pt/pdf/bibliografia/glossario_sociedade_informacao.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2009.

Segundo Cascais (2001), o termo também integra o conceito de realidade virtual, na qual o indivíduo entra em um mundo tridimensional gerado pelos computadores pela utilização de algum dispositivo.

Apesar da internet ser considerada o principal ambiente do ciberespaço, graça à sua popularização e natureza de hipertexto, o ciberespaço também pode ocorrer na relação do homem com outras tecnologias como o celular, os *paggers*, a comunicação entre rádio-amadores e por serviços do tipo “tele-amigos” (JUNGBLUT, 2004).

O prefixo “ciber” vem do grego, “controle”. Foi nesse sentido que o físico Norbert Wiener cunhou, nos anos 1940, o termo cibernética com o significado de “ciência do controle” e da “comunicação entre os seres vivos e as máquinas”. A partir daí, o prefixo “ciber” deu origem a diversas outras palavras: ciberpoeta, ciberpunk, cibercidade, ciberarte, cibercultura, entre outras, “abrangendo todas as manifestações que circulam no domínio da computação ou das máquinas inteligentes” (CASCAIS, 2001).

Ainda não experimentamos o ciberespaço tal qual descrito em *Neuromancer*, ou seja, uma ligação neural direta com o ciberespaço, porém já o experimentamos como uma realidade virtual, uma simulação da realidade, mesmo sem termos clareza de seu impacto sobre a identidade do ser humano.

Vejamos como dois estudiosos representantes de movimentos antagônicos (tecnófilo e tecnófobo), enxergam a virtualidade:

Lévy (1996), em sua obra, *O que é virtual?* afirma que o virtual é um processo que percorre, desde sempre, a condição humana: contratos, estados, corpos, leis, meios de comunicação e transporte, línguas e estradas. O virtual é um “não-presencial” que está presente, existente e que produz efeitos. O virtual não é uma não-realidade. Não se define em oposição àquilo que é real, pelo contrário, ele se opõe a atual, à atualização. O virtual pertencente ao real.

Já Baudrillard (1997) estabelece um confronto entre o virtual (o mundo artificial criado pelas mídias) e o real. A expansão do virtual dá-se à custa do real, que se esvazia e se desertifica.

Coelho (2001, p. 5), em seus estudos sobre a comunicação virtual, colabora de modo efetivo para uma maior diferenciação entre os preceitos de Lévy e Baudrillard:

Enquanto Baudrillard entende o virtual como o esvaziamento do real e o fim da comunicação, Lévy interpreta o virtual como o exercício da criatividade e a garantia da permanência dos processos comunicacionais. Para Baudrillard, o virtual significa o fim do sentido, para Lévy é a criação de novos sentidos.

Do ciberespaço da ficção até o seu aparecimento na década de 1990, foram diversas as definições para ele apresentadas e, nem mesmo entre os estudiosos, há uma consensualidade:

Lévy (1999, p. 92) define-o como um “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”. Segundo o autor:

Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de rede hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. Insisto na codificação digital, pois ela condiciona o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual da informação que é, parece-me, a marca distintiva do ciberespaço. Esse novo meio tem a vocação de colocar em sinergia e interfacear todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação. A perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do próximo século (LÉVY, 1999, p. 92-93).

Para o autor, o ciberespaço especifica não somente a infra-estrutura material da comunicação digital, como também todo o universo de informações que ele abriga e os seres humanos que navegam nesse universo.

Em contraposição à visão de Lévy, Koepsell (2004, p. 125) afirma apenas a condição física do ciberespaço:

[...] um meio composto de *chips* de silício, fios de cobre, fitas e discos magnéticos, cabos de fibra ótica e de todos os outros componentes de computadores, meios de armazenamento e redes que armazenam, transmitem e manipulam bits. [...]. O *software* existe no ciberespaço como o texto existe no papel ou como uma estátua existe em pedra.

Para Gennari (1999) o termo ciberespaço é sinônimo de espaço cibernético, enquanto Rabaça e Barbosa (2001), o consideram como universo virtual. De acordo com Ramal (2002) o ciberespaço designa a estrutura virtual

transnacional de comunicação interativa. Ou ainda, segundo Fragoso (2000) a World Wide Web passou a ser genericamente identificada como 'o ciberespaço'.

De forma consensual, porém, temos o ciberespaço como o mais novo espaço de comunicação, socialização, organização, acesso e divulgação de informação e conhecimento advindo das novas tecnologias. Um espaço que absorve todas as outras mídias e oferece recursos até então inimagináveis. Um espaço pouco conhecido, cheio de incertezas em sua práxis, formulações teóricas e impacto no ser humano. Um espaço virtual, aberto, fluido, navegável, caótico e desordenado. Um espaço que se constrói em cima de sistemas, e, portanto, chamado por Lévy (2000) de "sistema do caos", um sistema onde impera a desordem devido à quantidade e à diversidade dos fluxos de informação e das variadas e múltiplas interações estabelecidas entre os sujeitos. "Mas, seria mesmo um lugar? Ou seria um não-lugar, por onde circulam desconhecidos, descomprometidos, 'coexistência de individualidades distintas, semelhantes e indiferentes uma às outras'" (CORACINI, 2006, p. 139).

Nesta pesquisa, consideramos ciberespaço como um espaço virtual criado pelas novas tecnologias de informação e comunicação, particularmente a internet.

Concordamos com Lemos (2000, p. 10) ao afirmar que o ciberespaço é um espaço de práticas sociais cuja função não é inibir ou substituir as práticas anteriores: a escola virtual vs a escola real; a comunidade virtual vs comunidade real; a cidade virtual vs a cidade real; corpo virtual vs corpo real. Trata-se, portanto, segundo o autor (idem) em insistir, "não em uma lógica excludente, mas em uma dialógica da complementaridade [...] que estaria em franca oposição à lógica do aniquilamento ou da destruição pura e simples de instâncias canônicas".

Sobre a cibercultura, ela surgiu nos anos 1950, com a informática e a cibernética, tornou-se popular por meio dos microcomputadores na década de 1970, consolidou-se nos anos 1980 pela informática de massa e nos anos 1990 com o surgimento das tecnologias digitais e a popularização da Internet (LEMOS, 2004).

Não devemos entender a cibercultura como uma cultura guiada pela tecnologia. Na verdade, ela é a cultura contemporânea fortemente marcada pelas tecnologias digitais presente na vida cotidiana de cada indivíduo.

Segundo Lévy (1999, p. 17), a cibercultura é "o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de

valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço". Para o autor (idem), ela é o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade.

Com o surgimento desse espaço virtual, novas formas de socialização e de organização social emergiram: *chats*, fóruns, *e-mails*, listas de discussão, comunidades, *blogs*, tribos, personagens (*hackers*, *crackers*), cibercrimes (invasão de servidores e computadores para alteração ou roubo de dados, desvio de dinheiro em contas bancárias, fraudes com cartão de crédito, violações de propriedade intelectual, pedofilia, protestos políticos com dimensões criminosas, terrorismo), cibermilitâncias (diversas ONGs virtuais tais como SOS Mata Atlântica, Geenpeace, *Women Rights*), dentre vários outros.

Ao contrário das mídias convencionais (jornal, rádio e TV), a cibercultura provém de um espaço de comunicação flexível no qual todos podem transmitir e receber informações de qualquer lugar do mundo sejam elas texto, imagem ou som. A cooperação torna-se um dos pontos centrais, ocorrendo por meio do compartilhamento de arquivos, músicas, fotos, filmes, mensagens, textos, etc.

Embora as novas tecnologias tenham proporcionado a criação de espaços para a circulação de informações e idéias, temos na cibercultura ainda velhos problemas conhecidos pela humanidade como as desigualdades sociais, pois há neste espaço os excluídos digitais - uma grande maioria de pessoas que não dispõem de computadores e de acesso à rede.

Na cibercultura, o espaço virtual torna-se uma extensão do espaço urbano, com suas universidades, escolas, livrarias, bibliotecas, bancos, comércios, cinemas, museus, entre outros, estando também presente no cotidiano das pessoas: *home banking*, cartões de crédito, voto eletrônico, *paggers*, imposto de renda via rede, inscrições via internet. Neste contexto, temos as chamadas cibercidades, que, segundo Lemos (2000, p. 4), são "fluxos de informações".

Para Lemos (2000, p. 4):

[...] as cibercidades diferenciam-se das cidades reais por não serem constituídas por fluxo e trânsito de pessoas pelo tecido urbano. Ela não é um campo onde transitam coisas, mas um espaço eletrônico onde trafegam *bits* e *bytes*.

Até mesmo os cenários culturais convivem com as novas tecnologias digitais da comunicação que, refletindo em suas formas de representação, fazem emergir objetos artísticos chamados de ciberarte.

Para Machado (2001, p. 11):

[...] seria impensável uma época de florescimento cultural sem um correspondente progresso de suas técnicas de expressão, como também é impensável uma época de avanços tecnológicos sem consequências no plano cultural.

A ciberarte é a arte da comunicação, um evento dialógico que necessita da participação do espectador onde o autor cede espaço a vários co-autores que desencadeiam outras possibilidades de direções manipuladas ou acessadas pelo mundo virtual (LIESEN, 2005).

Podemos afirmar que o ciberespaço abriu espaço para uma arte em que o público não exerce apenas a observação, mas sim a navegação, a interação e a simulação.

Para Baudrillard (1981), o ciberespaço só permite simulações de interação e não verdadeiras interações. O internauta não acessa narrativas da história real, mas apenas o simulacro de algo ao mesmo tempo distante e próximo no espaço e no tempo.

Ainda segundo o autor (1981), o que sobrevive no mundo midiático não é o real, mas o simulacro do real, ou seja, o virtual é um simulador do mundo real que cria no internauta a sensação de que ele é um sujeito onipotente e onipresente, pois pode vigiar, espiar, entrar e sair da Internet sem ser percebido, assunto explorado nos tópicos a seguir.

Parte integrante da sociedade contemporânea, o ciberespaço e a cibercultura são espaços comuns alimentados por todos aqueles que os utilizam oferecendo objetos, hipertextos comunitários e memórias compartilhadas que levam à constituição da “inteligência coletiva”.

Para Lévy (1996), uma inteligência distribuída em toda parte, sempre valorizada e sinergizada em tempo real.

Para Momesso (2009), “uma combinação de inteligência, conhecimento e criatividade (por meio da rede planetária de computadores) para a produção de riqueza e desenvolvimento social”.

Para encerrarmos, vale ressaltar que o ciberespaço provocou diversas mudanças no âmbito das relações sociais, pois é um meio que permite a interação e o contato de um indivíduo com o outro impondo novas formas de ver, de ser, de fazer, de ler, de escrever, de entender e interpretar o mundo e o que nos rodeia. De modo geral, todos nós fomos afetados, pois as novas tecnologias de informação e comunicação tornaram-se ações cotidianas.

No entanto, não temos muito claras e definidas todas as mudanças que ocorreram e como tudo isso afetou e ainda afeta nossa vida.

Diante do exposto, passamos a analisar a modernidade líquida, uma era pós-moderna marcada pela tecnologia, e o sujeito líquido-moderno bem como o impacto que as novas tecnologias causaram na identidade deste sujeito.

3.2 MODERNIDADE LÍQUIDA E SUJEITO LÍQUIDO-MODERNO

Vivemos, neste início de século XXI, a era da pós-modernidade, da contemporaneidade. Como mencionado no início desta dissertação, há entre os estudiosos o uso de diferentes nomenclaturas para este período.

Neste trabalho optamos por utilizar ora pós-modernidade, ora contemporaneidade e, principalmente, “modernidade líquida” por compartilharmos da visão de Bauman (2001) de que estamos passando por um processo de “liquefação” das estruturas e instituições sociais, ou seja, passando da fase “sólida” para a fase “fluida”, “líquida”.

Recorremos a algumas obras de Zygmunt Bauman, um dos maiores sociólogos da atualidade, na tentativa de apresentar os principais aspectos da sociedade atual, a chamada “modernidade líquida”.

Em seu livro, *Modernidade Líquida*, Bauman (2001) faz uma reflexão sobre a contemporaneidade e cria uma metáfora para melhor definir o estado em que o mundo se encontra: a chamada modernidade líquida. O autor compara o período atual com a matéria líquida e conclui que a sociedade está impregnada de propriedades pertencentes aos líquidos, tais como a fluidez, a difusão, a mobilidade e a aparente leveza.

Os fluidos se movem facilmente. Eles 'fluem', 'escorrem', 'esvaem-se', 'respingam', 'transbordam', 'vazam', 'inundam', 'borrifam', 'pingam', são 'filtrados', 'destilados'; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho... Associamos 'leveza' ou 'ausência de peso' à mobilidade e à inconstância: sabemos pela prática que quanto mais leves viajamos, com maior facilidade e rapidez nos movemos (BAUMAN, 2001, p. 8).

Este estado liquefeito tem como características a maleabilidade, a flexibilidade e, principalmente, a capacidade de moldar-se a diversas estruturas.

Como consequência desse processo temos as aceleradas transformações da sociedade e das relações afetivas. Assim como os líquidos, nossa sociedade não consegue manter a forma por muito tempo, continua mudando sob influência das menores forças.

Segundo Bauman (2001), as diversas esferas da sociedade contemporânea, tais como a vida pública, a vida privada, os relacionamentos humanos, vêm passando por transformações cujas consequências esgarçam o tecido social. Tais transformações, fazem com que as instituições sociais percam a solidez e se liquefaçam, tornando-se amorfas, como os líquidos. A concretude dos sólidos, inabaláveis, derrete-se e assume a forma líquida. Esta desintegração da solidez serviu para dar lugar às individualidades e agora os indivíduos é que ditam os parâmetros do comportamento.

Bauman (2001) afirma que a modernidade sólida, que teve início com as transformações clássicas e o advento de um conjunto estável de valores e modos de vida cultural e político, deixou de existir e em seu lugar surgiu a modernidade líquida. Nesta, tudo é volátil, as relações humanas não são mais tangíveis e a vida em conjunto (familiar, de casais, de grupos de amigos, de afinidades políticas e assim por diante) perde consistência e estabilidade.

A decadência de instituições sociais que, até então, eram referência para a construção da sociedade provoca o que Hall (2002) intitula de "crise da identidade" que afeta o indivíduo enquanto sujeito e a comunidade enquanto coletivo deste sujeito.

A rapidez com que se operam mudanças na sociedade, "alteram as paisagens culturais de classe, gênero, etnia, raça e nacionalidade" (HALL, 2002, p. 11) provocando no sujeito um sentimento de perda de "si mesmo", pela perda de suas referências. A crise de identidade, conforme Hall (2002) é a descentralização

dos indivíduos do seu lugar no mundo social e cultural, mas também de si mesmos, pois abala a idéia que eles têm de si próprios como sujeitos integrados.

Vivemos uma era marcada pelo encurtamento das distâncias físicas, valorização do poder de consumo e presença da mídia nas relações sociais.

A identidade do sujeito líquido moderno já não é fixa ou permanente, pois o indivíduo pode assumir diferentes posições, conforme o papel que está representando.

Segundo Bauman (1998, p. 92):

[...] a modernidade é a impossibilidade de permanecer fixo. Ser moderno significa estar em movimento. Não se resolve necessariamente estar em movimento – como não se resolve ser moderno. É-se colocado em movimento ao se ser lançado na espécie de mundo dilacerado entre a beleza da visão e a feiúra da realidade – realidade que se enfeiou pela beleza da visão. Nesse mundo, todos os habitantes são nômades, mas nômades que perambulam a fim de se fixar. Além da curva, existe, deve existir, tem de existir uma terra hospitaleira em que se fixar, mas depois de cada curva surgem novas curvas, com novas frustrações e novas esperanças ainda não destroçadas.

Por não serem fixas, as identidades tornaram-se efêmeras, líquidas, rapidamente esgotam-se e são abandonadas por outras mais convenientes aos olhos dos indivíduos que as almejam.

Na era da modernidade líquida, as relações humanas tendem também a se tornarem voláteis, descartáveis, substituíveis. O comprometimento e o compromisso em longo prazo são vistos como armadilhas a serem evitadas. Vivemos a era de desapego, de desamparo social e de uma suposta liberdade. Surgem, então, novos sentimentos: no plano pessoal, a solidão, o desamparo e o isolamento e no plano social, a violência e o terrorismo ocorridos, segundo Bauman (2001), em “não-lugares”, em “terras-de-ninguém”.

As “terras-de-ninguém” padecem de normas sociais, que sejam claras e respeitadas por todos. Na era da exacerbação individualista, todos e cada um seguem suas próprias normas e convicções.

Nesta era líquido-moderna, as tecnologias de informação e comunicação despontam como potentes colaboradores do processo de construção identitária dos sujeitos, fabricando, em grande escala, modelos para identificação e projeção. A internet e as novas tecnologias vieram justamente atender às

necessidades da modernidade líquida: liberdade, movimento e constante modernização.

Segundo Lemos (2004, p. 12):

[...] a internet encarna a presença da humanidade a ela própria, já que todas as culturas, todas as disciplinas, todas as paixões aí se entrelaçam. Já que tudo é possível, ela manifesta a conexão do homem com sua própria essência, que é a aspiração à liberdade.

Na modernidade líquida ter é ser e estar, pois você é o que você possui, e os que não podem consumir se tornam excluídos deste jogo. Na sociedade líquida a exclusão é frequente.

Em *Vidas Desperdiçadas* (2005a), Bauman classifica os seres humanos que não conseguem se inserir no processo da modernidade e da globalização de “refugo humano”. Desta forma, a descartabilidade passou a ser uma característica dos seres humanos e de suas relações, obedecendo à máxima da sociedade: o consumismo. O sujeito líquido da modernidade está permanentemente ameaçado pela possibilidade de se tornar supérfluo, lixo, e, portanto, ter sua vida desperdiçada antes mesmo de nascer. Vivemos a cultura do lixo, do descartável.

A globalização é excludente, traiçoeira, eliminadora. Ela produz sujeiras, dejetos e lixo humano que são jogados longe dos grandes centros urbanos, em terras inabitadas, sem organização ou política de reciclagem.

As relações humanas passaram a ter as seguintes características: a astúcia, o desvio, a fuga, a evitação, a rejeição de confinamento territorial (BAUMAN, 2001, p. 18). Vivemos o fim do engajamento mútuo, pois, estamos o tempo todo ocupados e para os “indesejados”, temos a tecnologia a nosso favor: a secretária eletrônica que permanece ligada mesmo quando estamos em casa, a caixa postal do celular, o *e-mail* “não recebido”.

Quando a identidade perde as âncoras sociais, os indivíduos buscam como identificação o “nós”. E, segundo Bauman (2005b, p. 31):

[...] os grupos que os indivíduos destituídos pelas estruturas de referência ortodoxas tentam encontrar ou estabelecer hoje em dia tendem a ser eletronicamente mediados, ‘frágeis totalidades virtuais’, em que é fácil entrar e ser abandonados.

Essas comunidades virtuais são simulacros da realidade, pois o sujeito escolhe o que ser e de qual comunidade participar, e apesar das comunidades serem incapazes de dar substância à identidade do sujeito, cada participante é livre e decide quando abandonar as mesmas.

Temos um sujeito múltiplo, dissimulado que se agarra às tecnologias de informação e comunicação (*blogs, orkut* e sites interativos) a fim de superar o medo de ser descartado (MOMESSO, 2009).

Viver nessa fase líquido-moderna significa deixar de lado qualquer esperança de estaticidade e totalidade, para adaptar-se às mudanças e aderir a uma sociedade difusa, na qual quem não a acompanha, não participa do jogo é rotulado de “*consumidor falho*” e será excluído (BAUMAN, 1998).

Conclui-se que a modernidade líquida é leve, fluida e mais dinâmica que a modernidade sólida, porém, a passagem de uma a outra acarretou profundas mudanças em todos os aspectos da vida humana, inclusive na identidade dos sujeitos, assunto abordado a seguir.

3.3 IMPACTO IDENTITÁRIO DAS NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

São consideradas novas tecnologias de informação e comunicação (TICs), as tecnologias que captam, transmitem e distribuem informações (texto, imagem, vídeo e som) por meio de comunicação em redes, mediada ou não por computadores. São elas: os computadores pessoais; as *webcams*; os *CDs* e *DVDs*; os diversos suportes para guardar e portar dados (disquetes, discos rígidos, cartões de memória, *pendrives*, *zipdrives*); a telefonia móvel; a TV por assinatura (parabólica ou a cabo); as tecnologias digitais de imagens e sons (*scanners*, fotografia digital, vídeo digital, som digital, TV digital, rádio digital); as tecnologias de acesso sem fio (*Wi-Fi*, *Bluetooth*, *RFID*); e a internet com todos os seus recursos (*e-mail*, listas de discussão, *World Wide Web*, *websites*, *home pages*, *streaming*, *podcasting*).

Nesta dissertação, ao nos referirmos ao impacto das novas tecnologias de informação e comunicação, estamos exclusivamente nos reportando à constituição da(s) identidade(s) do sujeito no mundo mediado pela internet.

Desde a chegada da Internet no Brasil na década de 1990, mais especificamente em 1996, com a chegada dos primeiros provedores de acesso à rede, o discurso sobre esta nova tecnologia já preconizava a chegada de uma rede planetária que iria mudar a vida de todos: a “nova era” (MOMESSO, 2009). Quase 15 anos depois, podemos observar diversas mudanças no cenário econômico, no governo, na indústria, na saúde, na educação, no cotidiano e, conseqüentemente, no comportamento das pessoas.

O computador deixou de ser usado apenas como ferramenta para produzir textos, sons e imagens e, por meio da Internet, tornou-se um importante meio de contato social. Com tantas mudanças, “novas” práticas discursivas foram instituídas tornando imprescindível a discussão sobre a(s) identidade(s) do sujeito no mundo globalizado e mediado pela Internet.

Momesso (2009, p. 1) em seus estudos sobre a construção do sujeito na contemporaneidade, nomeia a internet e seus diversos dispositivos de “ferramentas da web 2.0”. Segundo a autora, são ferramentas nas quais “o usuário passa de mero espectador a participante ativo [...] como, por exemplo, gerar o próprio conteúdo, criar comunidades e interagir”, a qual Lévy (1996 apud MOMESSO, 2009) já havia preconizado como a era da “construção coletiva de conhecimento”.

Estas “ferramentas da web 2.0” tornaram-se conhecidas por propiciarem a possibilidade de expressão (*blogs, fotologs, videologs*); de interação (*orkut, My Space, YouTube*); de lucratividade devido à interação entre clientes (*Amazon*); de busca por informação (*Google*); de produção coletiva de produtos (*Linux, Wikipédia*) (LÉVY, 1996 apud MOMESSO, 2009, p. 5).

Ainda, segundo MOMESSO (2009, p. 4), o *orkut*, os *blogs* e os *sites* interativos, veem sendo utilizados para a construção da identidade na contemporaneidade, ou seja, utilizados como:

[...] técnicas de si” a fim de aplacar o medo de não pertencimento ao mundo digital. Por meio deles, cria-se a sensação de dominar a si próprio e à máquina, de estar dentro do mundo virtual e, conseqüentemente, de não ser excluído desta “nova era” .

Iniciamos nossas reflexões sobre o impacto das novas tecnologias de informação e comunicação a partir das questões sobre a comunicação que ocorre

em ambiente virtual: a comunicação mediada pelo computador (CMC) cujo crescimento tem sido significativo e exponencial desde o surgimento da internet.

A comunicação mediada pelo computador propiciou “novas” formas de socialização engendradas no ciberespaço cuja principal característica é a interatividade.

A comunicação no ciberespaço pode ocorrer por meio do envio de *e-mails*, pela participação em listas eletrônicas, fóruns de discussão, *chats*, *orkut*, comunidades virtuais, nos *sites* interativos estabelecendo várias formas de interação e socialização que ocorrem por meio de códigos e regras desenvolvidas pelos próprios usuários mudando o que o sujeito tradicionalmente entendia por tempo e espaço, provocando impactos nas relações entre os indivíduos, deslocando as identidades dos sujeitos e agregando valores.

Um dos primeiros exemplos significativos de comunicação mediada pelo computador foram as salas de bate-papo virtual, conhecidas como *chats*. Nos *chats* a comunicação ocorre em espaço físico distinto, mas com o mesmo tempo de interação, ou seja, de forma síncrona, em tempo real. Na comunicação de forma síncrona, o fator tempo é determinante, pois condiciona com quem o usuário poderá interagir sendo necessário que todos os envolvidos estejam conectados ao mesmo tempo.

Com o surgimento do *orkut*, *blogs* e *sites* interativos, a necessidade de o sujeito dividir o mesmo tempo e espaço com seu interlocutor tornou-se inexistente. Por utilizarem uma forma de comunicação assíncrona, em tempo não-real, as mensagens podem ser trocadas em horários distintos, diferente dos *chats*, possibilitando um maior grau de diversidade dos usuários, ou seja, pessoas com estilos de vida e horários diferentes. Desta forma, estas ferramentas inauguraram uma comunicação desvinculada das questões temporais e espaciais possibilitando o contato entre pessoas de diferentes localidades, interesses e níveis sociais.

No mundo globalizado, a comunicação que ocorre no ciberespaço, muitas vezes, é maior e mais frequente que a realizada face a face e, devido à grande mobilidade social no meio digital, torna-se mais fácil conhecer pessoas em diversos lugares do mundo e não mais o vizinho do apartamento/casa ao lado.

Sobre a internet, Castell (2005, p. 255) afirma que: sem dúvida, essa tecnologia é mais do que uma tecnologia. É um meio de comunicação, de interação e de organização social sobre a qual se baseia uma nova forma de sociedade, a

“sociedade em rede”, onde tudo é sistêmico e interconectado o que favorece uma maior facilidade de acesso e troca de informações entre os diversos sujeitos (CASTELLS, 1999b).

As alterações de espaço e tempo decorrentes das novas tecnologias de informação e comunicação permitem que o sujeito esteja simultaneamente em diferentes lugares, o que, de acordo com Kleiman & Vieira (2006, p. 121) agrega superpoderes ao sujeito contemporâneo: um sujeito onipotente, livre das amarras sociais, dos contornos geográficos e da estratificação.

O sujeito das novas tecnologias sofreu transformações em sua concepção de território. É o chamado “fim da geografia”:

A era da internet foi aclamada como o fim da geografia. De fato, a internet tem uma geografia própria, uma geografia feita de redes e nós que processam o fluxo de informação gerados e administrados a partir de lugares. Como a unidade é a rede, a arquitetura e a dinâmica de múltiplas redes são as fontes de significados e função para cada lugar (CASTELLS, 2003, p.170).

Devido a não necessidade da presença física, proporcionada pelas novas tecnologias, o sujeito desfruta de uma sensação de liberdade e também de uma ausência de responsabilidade social tornando-se “descompromissado de qualquer problema local, pois a qualquer momento ele pode se mover para outro lugar sempre que esse se torne inóspito e pouco favorável aos seus propósitos” (KLEIMAN & VIEIRA, 2006, p. 123).

Temos, com as novas tecnologias, uma nova versão do *panóptico* de Jeremy Bentham⁶¹ (2000), um modelo de prisão do final do século XVIII que permite a um vigilante observar todos os prisioneiros sem que estes possam saber se estão ou não sendo observados. O termo também foi utilizado por Foucault em sua obra *Vigiar e Punir* (2004b) para tratar da sociedade de controle, e por teóricos das novas tecnologias, como Pierre Lévy (1999) e Howard Rheingold (1996), para designar o possível controle exercido pelos novos meios de informação sobre seus usuários. De acordo com Bauman (1999, p. 57), a imagem do panóptico já não é eficaz para traduzir, em termos contemporâneos, os dispositivos de vigilância, uma vez que, o solitário vigilante, em sua torre central, foi substituído por milhões de olhos

⁶¹ BENTHAM, Jeremy. *O panóptico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

eletrônicos. Vivemos a era do *sinóptico* em que cada indivíduo é observado por muitos e o *orkut*, nosso *corpus* de análise, bem como os *blogs*, são exemplos deste *sinóptico* de observação de múltiplos olhares sobre o indivíduo.

A sociedade de controle passa, então, a potencializar a invisibilidade do poder que se dilui por meio do ciberespaço, promovendo a sensação de uma aparente liberdade.

Oliveira (2005) afirma que “o sujeito da internet é um banco de dados” e que muitos não têm consciência disso. Para Poster (2000 apud KLEIMAN & VIEIRA, 2006, p. 123), a armazenagem maciça de dados do sujeito na internet resulta em um “superpanóptico”, com a diferença de que são os vigiados que fornecem voluntariamente os dados a armazenar. Coracini (2005, p. 16) caracteriza este momento como um pós-panóptico imperceptível e camuflado “que orienta sem orientar, seduz sem convencer, manobra na invisibilidade das necessidades desnecessárias, construídas, inventadas, sem que nos apercebamos”.

O fluxo constante de informações que os usuários da internet disponibilizam em suas redes digitais de relacionamentos gera uma superexposição podendo colocar em risco a imagem e a integridade física do indivíduo. Para bloquear os perigos da superexposição, algumas redes estão criando filtros que permitam o bloqueio ao acesso de informações.

A internet possibilitou a simulação da realidade. Nela os sujeitos podem viver os simulacros da realidade desejada, vestindo-se de uma determinada identidade e livrando-se dela quando for conveniente. Segundo Baubillard (1981), o que sobrevive no mundo midiático, não é o real, mas o simulacro do real, ou seja, o digital é um simulador do mundo real e cria no internauta a sensação de que ele é um sujeito onipotente e onipresente capaz de vigiar, espiar, entrar e sair da Internet sem ser percebido. Ainda segundo Baubillard (1981), o *ciberespaço* só permite simulações de interação e não verdadeiras interações. O internauta não acessa narrativas da história real, mas apenas o simulacro de algo ao mesmo tempo distante e próximo no espaço e no tempo.

O sujeito da internet vive em constante fluxo e, por meio de simulacros do real, busca se constituir como um ser livre, original e dono de seu discurso. Entretanto, ao observarmos a constituição identitária desse sujeito, vigiado por múltiplos olhares, temos, assim como a AD defende, um sujeito não-livre, não-original e que não é dono do seu dizer.

Toda essa ilusão de liberdade, de onipotência (sujeito que tudo pode) e onipresença (sujeito que pode estar onde quiser), gera consequências na constituição da identidade do sujeito:

[...] desde achar que tudo pode ser comprado, inclusive o amor de uma pessoa e a própria felicidade, até não aceitar nenhuma derrota e chegar ao crime com a maior naturalidade: afinal, a vida do outro, como a sua, também passou pelo processo de objetivação (CORACINI, 2006, p.149).

A internet traz a ilusão de aproximação entre as pessoas, mas na verdade, ela não afasta a solidão. Segundo uma matéria publicada por Schelp (REVISTA VEJA, 8 jul. 2009, p. 94-102), uma pesquisa realizada por sociólogos, psicólogos e antropólogos concluiu que as redes digitais de socialização, entre elas o *orkut*, não conseguem suprir as necessidades afetivas mais profundas do ser humano tornando-se um local de encontro de contatos superficiais. Apesar de serem úteis, segundo o autor (*idem*), para manter amizades que foram separadas pelo tempo ou distância e também para unir pessoas com interesses em comuns, as redes criam amizades de “laços fracos”, superficiais, efêmeras. Como consequência, o indivíduo tem a ilusão de diminuição da solidão social, quando na verdade há um aumento da solidão emocional, da depressão e de isolamento.

Para Momesso (2009), com a posse do domínio das TICs, o sujeito teria o “saber e o poder”⁶² que poderão, aparentemente garantir a sua sobrevivência no mundo social, pessoal, profissional e ideológico. Esta parece ser a busca do tradutor e intérprete contemporâneo para garantir a visibilidade de uma profissão e de um profissional ainda pouco valorizado pelo mercado de trabalho.

Infelizmente, a chegada da Internet não resolveu e provavelmente não resolverá o problema das desigualdades sociais, econômicas e culturais. E, uma das grandes preocupações sobre a utilização das novas tecnologias refere-se ao analfabetismo digital daqueles que estão excluídos da chamada sociedade da informação e do conhecimento. Apesar dos discursos que circulam na mídia mostrarem as novas tecnologias como democráticas e que estão em pleno processo de acessibilidade, sabemos que o acesso de todos às novas tecnologias é um processo demorado.

⁶² Segundo Foucault (2001), o homem está sempre em busca de ter o domínio do saber e do poder.

Para Castells (1999) os grupos sociais disputam e usam as novas tecnologias para servir ao poder. Desta forma, temos a expansão do poder apenas para uma minoria, enquanto a grande maioria desfavorecida continuará à margem dessa sociedade digital, principalmente na sociedade brasileira “caracterizada pela modernidade tecnológica, mas com grande contingente de população com pouca ou nenhuma escolaridade” (KLEIMAN & VIEIRA, 2006, p. 119). Longe de serem inclusivas e de oferecerem iguais oportunidades de acesso a todos, as novas tecnologias de informação e comunicação produzem desigualdades de infraestrutura, de tecnologia, de conhecimento e de poder em nível global.

Encerramos nossas reflexões sobre o impacto das novas tecnologias na identidade do sujeito, com as palavras de Coracini (2006, p. 154):

[...] neste líquido mundo moderno, então, teimar em permanecer arraigado ao passado só leva ao sofrimento, à frustração, à derrota. É preciso penetrar no mundo das transitoriedades, aprender a viver suas oscilações, mas para questionar mesmo aquilo que parece inquestionável, para que possamos, na medida do possível, usar a máquina a nosso favor e não ser simplesmente usados, dominados, transformados por ela, engolidos pelo vício pela avalanche da virtualidade.

4 ANÁLISE DO ARQUIVO DIGITAL

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em lugares históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas.

Stuart Hall.

O objetivo deste capítulo é apresentar e analisar os dados colhidos no arquivo digital *Tradutores/Intérpretes BR*. Inicialmente, apresentamos o surgimento e o funcionamento operacional do *orkut*, uma rede digital de socialização. Em seguida, identificamos e refletimos sobre as práticas discursivas e identitárias destes profissionais na referida comunidade, bem como seus efeitos de sentido.

4.1 DESCRIÇÃO DO OBJETO DISCURSIVO: A rede digital de comunicação e socialização *Orkut*

Como mencionado anteriormente, com o advento da Internet, o homem pôde reorganizar os mecanismos comunicacionais, favorecendo o surgimento de novas formas de articulações sociais, de informação e cultura.

Lemos (2004, p. 21) afirma a presença das novas tecnologias em todas as atividades e práticas contemporâneas:

[...] da mecânica à eletricidade, da microeletrônica, às nanotecnologias, a tecnologia propaga-se a uma enorme velocidade, infiltrando-se tanto em objetos do cotidiano como no corpo humano e [...] as novas tecnologias vêm se misturando ao nosso ambiente cultural de forma quase imperceptível, aproximando a tecnologia contemporânea do prazer estético e do compartilhamento social.

Como exemplo dessa aproximação do prazer estético e do compartilhamento social, podemos mencionar o *orkut*, com seus inúmeros perfis e comunidades, objeto de estudo deste trabalho.

O *orkut* foi criado em 22 de janeiro de 2004, pelo engenheiro e projetista turco Orkut Buyukkokten⁶³, durante os 20% da jornada de trabalho que a empresa Google disponibiliza aos seus funcionários para realizarem atividades relacionadas a algum projeto pessoal. Quando algum destes projetos é aprovado e implementado, seu autor ganha um prêmio chamado “*Founders*” como forma de incentivo ao funcionário criativo e inovador.

A criação do *orkut* deu-se devido à dificuldade que os calouros da Universidade Stanford, local onde Orkut estudou pós-doutorado em Ciências da Computação, tinham em fazer novas amizades, pois, segundo seu próprio criador, os amigos eram feitos apenas no primeiro ano universitário e mantidos até se formarem. Em uma palestra realizada no Brasil⁶⁴, Orkut justificou esta dificuldade afirmando que, “se você puxa conversa com uma menina, ela acha que é uma cantada; se você fala com um cara, ele acha que você é *gay!*”.

Em 2001, Orkut criou sua primeira rede digital de relacionamentos, a *Club Nexus*, para alunos da Universidade Stanford, e, em 2002, uma outra rede para ex-alunos desta mesma universidade, a *InCircle*. Em 2004, já trabalhando no Google, lançou o *orkut*, com o intuito de ser uma rede globalizada, ao alcance das pessoas do mundo inteiro, mas sem a pretensão de que se tornasse uma das maiores redes digitais de socialização mundialmente conhecida.

Segundo Coscarelli (2007), nos 5 primeiros meses, a rede contava com 2 milhões de usuários cadastrados e no ano de 2007, com cerca de 40 milhões. Atualmente, possui mais de 68 milhões de usuários cadastrados, número que não para de crescer.

Dos 68 milhões de usuários que participam desta grande rede digital de socialização, o Brasil é o país com o maior número de usuários (49,71%), superando inclusive os Estados Unidos da América, seu país de origem (20,47%). Este fato resultou na criação de uma versão brasileira do *orkut* em abril de 2005. Em

⁶³ Orkut Buyukkokten nasceu na Turquia, onde estudou na renomada Universidade Bilkent, em Ancara, tem pós-doutorado em Ciência da Computação na Universidade Stanford, nos Estados Unidos, e desenvolveu o embrião do *site* nos bancos da universidade californiana, até ser contratado pela empresa Google de seus ex-colegas Sergey Brin e Larry Page. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u97858.shtml>>. Acesso em: 20 fev. 2008.

⁶⁴ Disponível em: <<http://vidageek.net/2007/04/13/palestra-do-orkut/>>. Acesso em: 20 fev. 2008.

terceiro e quarto lugares estão a Índia (18%) e o Paquistão (0,90%), respectivamente (Veja Anexo K).

Se considerarmos uma pesquisa realizada em 2007 pelo Núcleo de Pesquisa, Estudos e Formação (Nupef) apontando que apenas 20% dos brasileiros têm acesso à internet⁶⁵, enquanto mais da metade da população americana a possui, podemos inferir que o brasileiro apresenta uma "queda" pelo fácil acesso às informações sobre outras pessoas (*voyerismo*), facilidade em adaptar-se às novas tecnologias e gosto em fazer novas amizades, mesmo que de forma virtual.

O próprio criador do *orkut*, ao ser entrevistado pela Folha Online⁶⁶, após sua chegada ao Brasil em 2005, diz não ter idéia sobre o motivo da presença maciça de brasileiros em sua rede:

Talvez seja cultural, tenha a ver com a personalidade de vocês, que são conhecidos como um povo amigável. Pode ser devido à própria característica do mecanismo de entrada no *site* (só pode se cadastrar quem receber um convite de um dos cadastrados). Eu tenho alguns amigos que têm amigos brasileiros, e assim foi se espalhando (DÁVILA, 2005).

Beth Saad, professora de Mídias Digitais da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, justificou a grande presença de brasileiros na rede, pois “o brasileiro tem um espírito gregário, quer a casa cheia de amigos. No *orkut*, faz a mesma coisa: convida o maior número de amigos possível” (SAAD apud NOGUEIRA; TERMERO; LEAL, 2004, p. 98).

O *orkut* é uma rede digital de socialização, também chamada de rede de relacionamento, filiada ao Google, com o objetivo de viabilizar as relações sociais envolvidas em ambiente virtual por meio de perfis de usuários cadastrados e comunidades virtuais.

Em seu texto de apresentação⁶⁷ (Veja Anexo A), o *orkut* divulga a sua “missão”: ajudar o usuário na criação de uma “rede de amigos mais íntimos e chegados”, sejam eles, amigos que se separaram pela distância ou tempo, novos amigos que tenham interesses em comum, pessoas que estejam procurando

⁶⁵Dados fornecidos pelo Núcleo de Pesquisa, Estudos e Formação (Nupef) da organização não-governamental Rede de Informações para o Terceiro Setor (Rits). Disponível em <http://www.esta.dao.com.br/tecnologia/not_tec50368,0.htm>. Acesso em: 20 fev. 2008.

⁶⁶ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u97858.shtml>>. Acesso em: 20 fev. 2008.

⁶⁷ Disponível em: <<http://www.orkut.com/About.aspx>> . Acesso em: 20 fev. 2008.

relacionamentos afetivos ou contatos profissionais tornando a vida social do usuário mais “ativa e estimulante”.

A palavra missão confere à rede digital de relacionamento *orkut* o poder para agir sobre, parece ser um discurso religioso de “catequização das novas tecnologias”, tal como as Missões Jesuíticas que tinham por objetivo a criação de uma sociedade cristã. Na contemporaneidade, cabe ao *orkut*, o poder de criação de uma sociedade: a sociedade digital. A promessa do *orkut* em tornar a vida social mais “ativa e estimulante” cria o efeito de afastamento de um dos grandes males do ser humano: a solidão.

O *orkut* também apresenta um discurso libertário. Tal discurso pode ser percebido quando os usuários são orientados a lerem o perfil dos futuros amigos antes de se relacionarem com os mesmos, ou ainda, quando estimulados a criarem e participarem, não apenas em uma comunidade, mas em várias comunidades, enfatizando a mobilidade e o trânsito livre desses usuários. Todas essas ações enunciativas parecem criar um efeito de sentido de desarraigamento, desterritorização do sujeito no ciberespaço, liberdade de poder circular onde quer e quando quer e da maneira que melhor lhe convier.

Na fase inicial, para participar do *Orkut*, o usuário precisava receber um convite para tornar-se um membro participante. Nos primeiros meses, a ânsia para fazer parte deste sistema fez com que serviços de *e-commerce* vendessem convites para os interessados a preços inimagináveis, contrariando seu objetivo de criar uma “rede de amigos mais íntimos e chegados”. Atualmente, o único requisito exigido para o usuário fazer parte da comunidade é a criação de uma conta de *e-mail* no Google.

A página pessoal é formada por dados que compõem o perfil do usuário cadastrado, entre eles: foto ou imagem, auto-descrição (quem sou eu), informações pessoais divididas em três categorias (social, profissional e pessoal), *scrapbook* (página de recados), álbum de fotografias, arquivos de vídeos, lista de amigos, lista de comunidades e depoimentos que podem ser acessados e visualizados por todos os membros do *orkut*. Também possui espaço para divulgação de eventos, listagem dos amigos aniversariantes do dia/semana, visualização das atualizações feitas nas páginas dos amigos, entre tantos outros recursos.

No início desta pesquisa (março de 2007), qualquer usuário do *orkut* tinha acesso irrestrito às informações de outros usuários. Desde fevereiro de 2009, o *site*

vem desenvolvendo ferramentas que restrinjam a visualização de determinadas informações que podem permanecer acessíveis apenas ao usuário proprietário do perfil, aos amigos deste usuário, aos amigos dos amigos ou a qualquer membro do *orkut*⁶⁸, assunto que abordaremos mais adiante.

Ao preencher os dados no perfil, o usuário busca relatar a sua identidade ou identidades tentando mostrar aos outros quem ele é e ao mesmo tempo pode funcionar como uma forma de autoconhecimento de si. Podemos pensar que esse processo de reformulação de enunciados no perfil do *orkut*, funciona como uma “técnica de si” (FOUCAULT, 1992) que o ajuda a transformar-se a si mesmo. Seria um *hypomnemata* moderno, em que o sujeito busca sua identidade e se constitui enquanto sujeito da contemporaneidade.

Um fator importante sobre o preenchimento dos dados do perfil refere-se à constante reformulação destes campos por parte dos usuários, que, reformulam sua subjetividade frente a novos acontecimentos, novas experiências. São trechos de músicas preferidas, frases filosóficas, desabafos, perguntas retóricas, frases de impacto, enfim, enunciados que delineiam comportamentos, estilo de vida, modos de pensar e agir do usuário. Temos nesses sujeitos uma identidade fluida, líquida, pois, mudam sob a influência das menores forças (BAUMAN, 2001), inclusive em função do humor e dos acontecimentos cotidianos dos internautas.

Um outro fator importante relacionado ao preenchimento do perfil são os chamados *fakes*, ou perfis falsos, pois muitos usuários criam mais de um perfil por meio da abertura de contas diferentes, prática condenada pela política do *site*, mas que não é cumprida na prática. Tal prática corrobora com o efeito de sentido da mutabilidade, do não fixar-se, da fluidez constante que acompanha o movimento do mundo virtual que se encontra sempre em transformação rápida e efêmera.

A criação de perfis de pessoas que se passam por outras está sujeita ao encerramento de suas contas no *orkut*. A rede digital de relacionamento prega o discurso da veracidade, da honestidade, da autenticidade a fim de que seus usuários criem perfis verdadeiros, coerentes com a sua identidade *offline*⁶⁹, caso contrário, poderão ser punidos – um discurso autoritário cujo efeito de sentido é o não mais pertencimento ao grupo. Entretanto, é comum o relato na mídia de artistas

⁶⁸ Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#html/pt-BR/privacy.orkut.html?rev=4>>. Acesso em 19 de fevereiro de 2009.

⁶⁹ Neste caso, *offline* tem o sentido de vida real em contraposição à vida virtual.

e de pessoas anônimas sobre a criação de falsos perfis com os seus nomes. É o caso da atriz Mel Lisboa que, em artigo para a *Revista Veja* (SCHELPEL, 2009, p. 102), denuncia a existência de um perfil falso, onde alguém está se passando por ela.

O que nos chama a atenção sobre a prática de falsos perfis é que existe no *orkut* diversas comunidades que ajudam na elaboração e gerenciamento de falsos perfis, que divulgam fotos ou sugerem nomes para serem utilizados nesta prática, que proporcionam a troca ou permuta de falsos perfis caso o usuário esteja cansado de seu *fake*, que discutem os motivos que levam o usuário a se utilizarem desta prática. Por meio dos perfis falsos, o usuário pode construir uma identidade idealizada, ou seja, um simulacro de sua identidade desejada aproveitando-se do exercício livre de navegar na ilusão do anonimato e da impunidade pelas páginas do *orkut*.

No *orkut* podemos encontrar dados estatísticos sobre o perfil de seus usuários⁷⁰ (Veja Anexo K), tais como:

1. Faixa etária: aproximadamente 54,58% dos usuários encontram-se entre 18 e 25 anos de idade, representando a grande maioria; 13,58% entre 26 e 30 anos; 6,03% entre 31 e 35 anos; com porcentagem inferior a 4% encontram-se os usuários acima de 36 anos de idade.

2. Estado civil: 55,83% dos usuários não declaram seu estado civil; 27,30% declaram-se solteiros; 8,99% casados; e 5,77% namorando. Os relacionamentos ou casamentos abertos representam 1,85% e 0,21%, respectivamente.

3. Interesses dos usuários ao se cadastrarem na rede: 48,94% dizem estarem interessados em fazer amigos; 15,05% procuram por companheiros para diversas atividades; 16,16% buscam por namorados; 14,56% buscam contatos profissionais.

Apesar da preocupação do *site* em apresentar informações sobre o perfil de seu usuário, os dados não representam exatidão, pois, além dos perfis falsos, mencionados anteriormente, no ciberespaço o usuário vive os simulacros da realidade desejada preenchendo seus dados pessoais da forma que mais lhe interessar. É importante observar que, devido à política do *orkut* em não permitir a participação de menores, a opção para o preenchimento da idade inicia-se a partir dos 18 anos. Sabemos que inúmeras crianças e adolescentes brasileiros possuem

⁷⁰ Disponível em: < <http://www.orkut.com.br/Main#MembersAll.aspx> >. Acesso em: 15 jul. 2009.

perfil no *orkut* e mentem a sua idade no preenchimento de seus dados pela inexistência de uma opção verdadeira ou para simularem a maioria sonhada, o que vem a favorecer a construção da identidade do sujeito em uma cultura de simulação onde é possível trocar as representações do real pelo seu simulacro.

Além disso, no ano de 2005, um boato dizendo que o usuário que se declarasse ser de um outro país, que não o Brasil, obteria um sistema mais rápido e livre de erros, fez com que muitos usuários brasileiros declarassem residir em outros países, tornando os dados estatísticos sobre o *orkut* mais imprecisos.

Por todos estes motivos, seria impossível traçar o perfil do usuário do *orkut* por meio do simples levantamento de dados oferecidos pelo *site*. O resultado final daria margem a dúvidas e erros impossíveis de serem averiguados.

Após todo o processo de cadastro no Google e criação de um perfil, o usuário pode, então, fazer parte de ou criar comunidades no *orkut*.

Em sua obra *Comunidade*, a busca por segurança no mundo atual, Bauman (2003, p. 7) afirma que comunidade “sugere uma coisa boa: o que quer que ‘comunidade’ signifique, é bom ‘ter uma comunidade’, ‘estar numa comunidade’ [...]. Comunidade, sentimentos, é sempre uma coisa boa”.

Porém, nesta mesma obra, o sociólogo polonês desconstrói a idéia formada, que atravessa o imaginário coletivo, de que comunidade é o “paraíso perdido” ou o “paraíso ainda esperado”, onde estaremos protegidos e a salvo. Bauman (2003, p. 7) sugere que, na verdade, existe um preço a pagar pelo privilégio de viver em sociedade:

[...] o preço é pago em forma de liberdade, também chamada autonomia, direito à auto-afirmação e à identidade e [...] não ter comunidade, significa não ter proteção, porém, alcançar a comunidade significa perder a liberdade (BAUMAN, 2003, p. 10).

A oposição entre liberdade e comunidade proposta por Bauman (2003) deve-se, ao sentido que o autor atribui à noção de comunidade: uma rede de compromissos de longo prazo, de direitos inalienáveis e obrigações inabaláveis, com compromissos de “compartilhamento fraterno”.

Rheingold (1996, p. 20) um dos primeiros autores a utilizar o termo “comunidade digital”, define-a como:

[...] agregados sociais que surgem da Rede [Internet], quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no espaço cibernético [ciberespaço].

Mais do que fóruns de discussão, as comunidades do *orkut* são redes de interesse que possibilitam a socialização por meio do debate de temas. Elas possuem uma imagem ou foto geralmente relacionada ao seu tema e um texto que descreve seus objetivos e propósitos. São formadas pelo “fórum”, onde os membros discutem um assunto proposto em cada tópico; por “enquetes”, cujo objetivo é colher opiniões dos seus membros de forma quantitativa; por “eventos”, um espaço de divulgação de cursos e encontros; por uma listagem de todos os “membros” que as compõem; e por uma listagem de comunidades relacionadas. O usuário do *orkut* pode ingressar em qualquer comunidade, desde que aceito pelo moderador, quando moderada, bem como se desvincular delas quando desejar.

O universo de comunidades no *orkut* é imenso. Existem comunidades com os mais diversos propósitos e diferentes graus de participação de seus membros.

Lemos (2002) diferencia dois tipos de comunidades digitais: aquelas em que existe um sentimento de afinidade subjetiva, cujo compartilhamento de interesses, emoções e trocas de experiências por meio das discussões são de extrema importância para a união do grupo, chamadas de “comunidades virtuais” e aquelas que funcionam como lugares de passagem onde os membros colocam informações para serem lidas, mas sem o intuito de discussão, de interação, meros serviços de informações, as “agregações eletrônicas”.

Um grande número de membros não assegura um grande número de discussões e debates. Muitos membros sequer fazem comentários sobre os temas discutidos agindo por meio de uma observação silenciosa ou para que elas apareçam em seu perfil como forma de exibição de seus gostos, de suas convicções culturais, religiosas, políticas. Cria-se nesses sujeitos a sensação de “estar lá”, de pertencimento ao grupo.

Devido ao grande número de comunidades digitais no *orkut*, algumas críticas vêm sendo feitas sobre a criação de múltiplas comunidades sobre um mesmo tema. Beth Saad (apud COSCARELLI, 2004) afirma que:

A idéia original é a de juntar comunidades mundiais gigantescas para debater determinados temas, mas o que se encontra lá são várias pequenas comunidades sobre o mesmo assunto brigando entre si. A própria ECA é um exemplo disso. Existem quatro ou seis comunidades que se auto-intitulam ECA, mas nenhuma delas se lembrou - ou quis - se unir à outra.

Estas comunidades, muitas vezes, estão conectadas entre si pela presença de membros em comum. Geralmente, apresentam um certo grau de rivalidade tanto em relação ao número de membros que as compõem quanto ao número de discussões propostas.

Uma vez que o usuário pode ingressar em qualquer comunidade, desde que aceite pelo mediador, quando moderada, ele também pode se desvincular delas quando desejar. O fato do sujeito do *orkut* desfrutar de uma aparente liberdade incondicional, torna-o “isento de uma responsabilidade social em relação ao seu grupo local” (KLEIMAN; VIEIRA, 2006, p. 122), pois ele pode a qualquer momento se mover para outro lugar mais favorável a seus propósitos. Para Bauman (1998, p. 16), aquele que for livre para fugir da localidade é livre para escapar das consequências de suas ações.

Ao contrário das comunidades, em seu sentido sociológico, cujos membros eram ligados por responsabilidades mútuas e objetivos comuns, vemos, no *orkut*, a proliferação de “comunidades estéticas” (BAUMAN, 2003) que não postulam vínculos coletivos, nem compromissos com o outro, nem mesmo um laço de união permanente. São comunidades voltadas a interesses específicos. São comunidades flexíveis, para sujeitos flexíveis da modernidade líquida. A metáfora da fluidez de Bauman (2001) adéqua-se perfeitamente a elas.

Por outro lado, autores como Fernback e Thompson (1995) acreditam que as comunidades virtuais possam gerar grupos de interesses reais e duradouros uma vez que seus membros se reúnem por interesses comuns e não por mera agregação geográfica, histórica ou de origem étnica.

Os principais problemas relacionados ao *orkut* não estão ligados ao *site* em si, mas aos danos causados pelas informações que ali circulam: usuários que agem de má fé, falsos perfis (*fakes*), divulgação de comunidades ilegais (apoio à pedofilia, ao preconceito, crimes digitais, falsidade ideológica, calúnia, difamação, injúria, neonazismo, intolerância religiosa, venda de drogas e receitas médicas, incitação ao crime, formação de quadrilha), entre tantos outros.

Em março de 2006, o Ministério Público de São Paulo pediu à Justiça Federal a quebra de sigilo de centenas de usuários brasileiros do *orkut* devido a informações sobre crimes praticados dentro do serviço do Google, sendo eles: pornografia infantil, ódio racial, venda de drogas e de medicamentos sem receitas.

Segundo o GARRA (Grupo Armado de Repressão a Roubos e Assaltos), uma das divisões de elite da Polícia Civil do Estado de São Paulo, alguns sequestros no Brasil já foram realizados com a ajuda de dados obtidos no *orkut*. Os bandidos apropriam-se de dados e fotos das eventuais vítimas disponibilizados em seu perfil, estudam os ambientes que elas frequentam, monitoram conversas via *scraps* (mensagens trocadas pelos usuários), estudam o círculo social e seu padrão de vida a fim de planejar sequestros e falsos sequestros.

As informações contidas no perfil do usuário, seus amigos e suas comunidades podem ser acessadas e visualizadas por todos os usuários do *orkut*. A exposição torna-se imanente. Desta forma, esta rede funciona como um grande banco de dados sobre o usuário. Porém, grande parte dos usuários não tem consciência de que o ambiente virtual é tão controlador quanto o real, e muitas vezes mais perigoso.

Segundo Bauman (2001, p. 16), ao contrário da era do *panóptico*, em que poucos observavam muitos, estamos vivendo a era do *sinóptico*, em que muitos observam poucos. O *orkut*, com seus perfis e comunidades virtuais, é um exemplo de *sinóptico* de observação de múltiplos olhares sobre o indivíduo.

Caldeira (2005), jornalista e editor do site *Bem na Internet*, descreve o preço que se paga pelo pertencimento a uma rede digital de socialização - a superexposição:

Sequestradores (longe de mim, porque dinheiro é o que eu menos tenho) ou possíveis interessadas em minha pessoa, logo descobrirão muitas informações acerca de mim, acessando o meu perfil ou vasculhando as comunidades as quais faço parte no '*orkut*'. Vão saber que já estudei no IEC e na PUC, que nasci no dia 27 de agosto, que gosto do x-tudo do Trimano's, que tenho fobia de barata, que odeio falsidade, traição e "toquim" de 3 segundos no celular, que me irrita para achar a ponta do *durex*, que adoro horário político, que durmo com dois travesseiros, que amo a minha mãe, que amo Montes Claros, que escuto MPB e forró, que quem eu quero não me quer, que eu sobrava na Educação Física na escola, que 'Werther', de Goethe, é meu livro de cabeceira (salve as discussões de alto nível que correm na comunidade deste clássico do Romantismo) e tantos outros passos de minha vida.

Segundo Coracini (2006, p. 144):

[...] penetrar na intimidade de outros é uma maneira de penetrar na própria intimidade, na medida em que nos assemelhamos ao outro ou na medida em que o outro nos constitui (o outro com cujos traços nos identificamos).

Em seus primeiros discursos, o *orkut* apresentava-se como uma ‘rede de amigos confiáveis’ ou “rede íntima de amigos” onde “todo mundo conhece alguém” e, ainda hoje, continua confiável para muitos usuários. A necessidade de convite para o ingresso à rede e de cadastramento de informações pessoais e até mesmo a presença de uma foto opunha-se à idéia de anonimato, presente em outra rede que existia na época – o *chat*. Parecia haver um certo grau de constrangimento entre os usuários caso as informações apresentadas no *orkut* não correspondessem à verdade, uma vez que, para estar naquele espaço era necessário ter sido convidado. Pregava-se valores como a intimidade e a confiabilidade o que dava uma aparente segurança ao *orkut*.

Passados 5 anos, o convite foi substituído pela criação de uma conta no Google e, os discursos de confiabilidade como forma de segurança deram lugar a privacidade de informações como garantia de segurança. Para evitar os perigos da superexposição gerados pelo excesso de informação na rede, o *orkut* vem criando filtros que permitam que o usuário bloqueie o acesso de algumas informações, como por exemplo, o bloqueio da visualização de recados para aqueles que não são amigos. Também existem as políticas de privacidade e segurança disponíveis no *menu* de navegação do *site* tais como “proteção e segurança”⁷¹ e “conselhos para os pais”⁷². Alguns usuários estão adotando o apagamento de recados postados no *scrapbook* como forma de controle e preservação de sua intimidade.

O preenchimento das informações pessoais no perfil não é obrigatório e, as informações ali colocadas, são de responsabilidade do usuário - cabe a ele preservá-las. Uma vez exposto, todos os dados do usuário (suas fotos, os lugares que frequenta, as pessoas com quem se relaciona às mensagens trocadas) podem ser visualizados e compartilhados por todos. Podemos observar um certo

⁷¹ Disponível em: < <http://www.google.com/support/orkut/bin/answer.py?answer=48579&hl=pt-BR&p=About.aspx> >. Acesso em: 14 jul. 2009.

⁷² Disponível em:< <http://www.google.com/support/orkut/bin/answer.py?answer=48664> >. Acesso em: 14 jul. de 2009.

exibicionismo e narcisismo no sujeito líquido-moderno. Até mesmo no *Orkut* que deu seu nome à rede digital que criou. Vivemos a sociedade do espetáculo que dá ao sujeito a sensação de liberdade ao expor a sua intimidade construindo “a ilusão de que a vida é um espetáculo para ser assistido e vivido” (CORACINI, 2006, p. 145).

Independente das questões de privacidade, vigilância e segurança, o número de usuários que utilizam o *orkut* cresce a cada dia com o intuito de reencontrar amigos, ampliar o círculo social, criar redes de interesses.

Cresce também, o número de redes semelhantes ao *orkut*, é o caso do *Twitter*, a segunda rede mais popular entre os brasileiros (SCHELP, 2009), o *Facebook*, a maior de todas as redes do mundo (SCHELP, 2009), o *Linkedin*, uma rede digital para contatos profissionais, o Beltrano, o Gazzag, o Multiply, entre tantos outros, que possuem *layout* e navegação bastante parecidos.

Um dos fatores que contribuíram para a explosão do *orkut* refere-se à facilidade em seu manuseio. Trata-se de uma rede extremamente amigável aos usuários, ou seja, fácil de ser manuseada, o que o torna sedutor ao usuário. Soma-se a isso o livre acesso ao perfil de todos os usuários, o gerenciamento de seus contatos, a autonomia para criar, aderir ou excluir-se de qualquer comunidade, a atribuição de valores a outros membros (testemunho ou *karma*), tornaram o *orkut* a “sensação do momento”.

Além disso, na contemporaneidade, aquele que não tem o saber e o poder sobre a tecnologia computacional e sobre o ciberespaço está cada vez mais à margem da sociedade e corre o risco de ser excluído da sociedade da informação e do conhecimento.

Padilha (2003) afirma que “a Internet, ícone máximo do mundo globalizado, é o divisor de águas do nosso tempo. A quem está dentro, tudo! A quem está fora, nada!”.

Tudo isso gera no sujeito não só o desejo de pertencimento a um mundo pós-moderno, mas também, o desejo de ser detentor do poder tecnológico, a fim de torna-se um ser virtual, ligado a outros sujeitos virtuais semelhantes.

Só o tempo dirá se o *orkut* será apenas mais um modismo como o *ICQ*, o *IRC*, o *MSN*, redes digitais que tiveram seu número de usuários reduzido ou estagnado ao passar a fase de novidade.

Provavelmente, novas formas de socialização surgirão, mas o *orkut* continuará significativo por ter inaugurado uma rede digital de socialização que quebrou as barreiras de tempo e espaço propiciando a socialização de um grande número de pessoas em espaço global.

Fizemos todo esse panorama do *orkut* para salientar que a comunidade analisada insere-se numa aura de modernidade, de adaptabilidade, de saber e poder sobre as novas tecnologias, um lugar desterritorializado que (re)cria discursos e subjetividades.

4.2 AS PRÁTICAS DISCURSIVAS E IDENTITÁRIAS DO TRADUTOR E INTÉRPRETE NA COMUNIDADE *TRADUTORES/INTÉRPRETES BR*

A noção de prática discursiva, ponto de partida para a reflexão sobre a comunidade *Tradutores/Intérpretes BR*, como já vimos, encontra-se em Foucault e Pêcheux.

Retomando o conceito de Foucault (1987, p.133) para quem a prática discursiva constrói um saber e pode definir-se pelo saber que ela forma, buscamos nas práticas discursivas na comunidade *Tradutores/Intérpretes BR* perceber como os discursos constituem os tradutores e intérpretes líquido-modernos que vivem entre simulações, simulacros e utopias.

Na modernidade líquida, Bauman (2007) afirma que a vida é feita de consumo e de descarte daquilo que não tem validade, inclusive da identidade. Para alguns autores como Hall (2002) e Giddens (2002), devido às novas tecnologias, estamos vivendo em meio a uma “crise de identidade”, onde as identidades estabilizadas se encontram em declínio deslocando o sujeito de seu lugar do mundo o que resulta em sua fragmentação.

Assim, em meio às crises de identidade e fragmentação do sujeito, a busca pela identidade segue dois caminhos antagônicos: ser um sujeito livre das amarras sociais ou pertencente a um determinado grupo (BAUMAN, 2007).

Refletir sobre a identidade neste contexto torna-se relevante. Segundo Bauman (2007), ao nos depararmos com as incertezas e as inseguranças da “modernidade líquida”, nossas identidades sociais, culturais, religiosas, sexuais e profissionais sofrem um processo de contínua transformação, pois os sentimentos

de identidade e pertencimento não são definitivos nem sólidos, mas negociáveis e revogáveis, ou seja, tudo depende das decisões que o indivíduo toma, do caminho que percorre e da maneira como age. O mesmo pode ser observado com a identidade dos usuários do *orkut*, entre eles os tradutores e intérpretes, pois participam de um espaço propício para as negociações e revogações das identidades que podem mudar conforme o indivíduo precisa e deseja.

Desde a publicação do primeiro livro sobre tradução no Brasil, *Escola de Tradutores*, em 1952, e posteriormente, a criação dos primeiros cursos de graduação em tradução na década de 1970, bem como, os inúmeros encontros, congressos e publicações de revistas especializadas vinculadas aos cursos de pós-graduação (mestrado e doutorado), os tradutores buscam refletir sobre as teorias da tradução aplicadas à sua prática tradutória em diferentes contextos. Os discursos ali produzidos se encontram na ordem do dizer acadêmico: um sujeito formado, qualificado, ligado à academia e à pesquisa, reconhecido pelo mercado de trabalho.

Essa prática discursiva dos tradutores e intérpretes, até então presentes em periódicos e revistas especializadas sobre tradução, anais de eventos (encontros, congressos), prefácios de obras traduzidas e livros passam, com o advento da internet, a ser encontrado em ambientes digitais (*blogs*, comunidades no *orkut*, *homepages* de tradutores e de agências de tradução).

No entanto, no ambiente virtual, os discursos ali presentes parecem ser produzidos na ordem do dizer mercadológico com questões sobre a produtividade, o preço, o prazo, o local e as condições de trabalho. São poucas as situações, em que se observam discursos focados na formação profissional.

Se antes tínhamos os teóricos da tradução refletindo sobre sua prática tradutória temos agora o mercado de trabalho direcionando tais reflexões. Entretanto, estes discursos, sejam eles tradicionais ou tecnológicos, da academia ou do mercado de trabalho, manifestam uma memória discursiva, resultado de discursos anteriores que, também é constituída de esquecimentos e silêncios: saberes sócio-histórico-ideológicos que se armazenam em cada história e que, no jogo discursivo do ir e vir, resgatam sentidos antigos e produzem novos efeitos nestes sentidos, segundo as posições sustentadas por quem produz e por quem recebe o texto.

Passamos, agora, a analisar as práticas discursivas e identitárias presentes em espaço virtual. Os efeitos de sentido decorrentes das práticas

discursivas recorrentes serão analisados no tópico a seguir. Tomamos como *corpus* para nossa pesquisa a comunidade *Tradutores/Intérpretes BR* integrante da rede digital de socialização *orkut*.

Criada em 30 de abril de 2004, apenas 3 meses após o surgimento do *orkut*, é a mais antiga e maior comunidade de tradutores e intérpretes brasileiros constituída por 8.820 membros. É uma comunidade moderada, ou seja, possui um dono e outros 5 moderadores encarregados de analisar o conteúdo das mensagens postadas e de tomar decisões, tais como, aceitar ou recusar a adesão de novos membros, apagar comentários inadequados à política da comunidade e banir membros indesejados ou que não se adequam as regras estabelecidas pelos moderadores da comunidade.

No início do *orkut*, cada comunidade possuía apenas um dono ou moderador. Mas, em abril de 2008, foi criada a possibilidade de se ter até dois donos (co-proprietários) e 10 moderadores para tomarem decisões em conjunto. Estes múltiplos moderadores garantem que a comunidade continue ativa caso o perfil do(s) dono(s) seja comprometido ou excluído do *orkut* devido à invasão de *crackers*.

Nesta análise, utilizaremos a palavra moderadores para designar tanto o dono, quanto os outros 5 moderadores da comunidade analisada.

Como todas as comunidades do *orkut*, a composição é:

1 Cabeçalho de navegação da comunidade:



2 Corpo da página: comunidade propriamente dita:



3 Rodapé de navegação do *site* do *orkut* e Google:



A comunidade utiliza as cores padrão do *orkut*: tonalidades de azul e branco, o que corrobora para a construção de uma identidade visual do *orkut*. Segundo Rousseau (2002), no estudo da linguagem das cores, toda cor pode se resumir a uma sensação. A cor azul é comumente associada ao céu, ao ar, “a uma idéia de elevação, de leveza, de esferas inacessíveis, ao menos pelo corpo” e a cor branca, a reunião de todas as cores, simboliza a própria luz evocando “os lugares altos, que parecem nos aproximar do céu” (ROUSSEAU, p. 37-38;107-108).

O jogo de cores azul e branco sugere a construção de uma prática discursiva simbólica caracterizada pela própria navegação que o suporte oferece, ou seja, a elevação a lugares altos e distantes, até então inatingíveis pelo ser humano – o ciberespaço.

Seu *layout* é composto por 7 módulos. Apresentamos, em cada um deles, as principais práticas discursivas e identitária.

1. Módulo *menu* de navegação - composto por foto ou imagem, número de membros e *links* de opções de comandos:



Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=50302>⁷³

⁷³ Acesso em: 15 jul. 2009.

Foi escolhida como imagem representativa da comunidade a figura de São Jerônimo, santo católico, tradutor da vulgata, a tradução oficial da bíblia do grego antigo e hebraico para o latim, por isso, escolhido o padroeiro dos tradutores cuja data é comemorada no dia 30 de setembro. Nesta imagem, São Jerônimo encontra-se debruçado sobre uma mesa, ar compenetrado, provavelmente, traduzindo. Tal prática discursiva parece sugerir que seus moderadores querem receber os membros da comunidade com o efeito de sentido de lugar sagrado, pois está protegido e amparado pela benção de seu padroeiro. A imagem de São Jerônimo também pode evocar a Oração a São Jerônimo:

Ó Glorioso São Jerônimo, na preocupação desta vida, nós elevamos o nosso pensamento a ti que estás na glória de Deus. Tu que passastes a vida nos estudos dos livros sagrados, chamastes as pessoas à fonte da verdadeira sabedoria, nós filhos deste século conturbado, fervoroso, imploramos o teu patrocínio contra todos os perigos. Incentivai-nos e guai-nos na procura da verdade e da justiça e fazei com que lendo as escrituras sagradas, possamos transmiti-las e traduzi-las em palavras e em gestos da nossa vida. Amém.

O discurso religioso representa a busca pela verdade, o desejo de fidelidade do tradutor, pois, traduzir é ser fiel a algo (ao texto, ao autor, à sua intenção, à cultura, ao contexto, à língua do texto) uma tradicional “auto-representação do tradutor e de sua tarefa” (Coracini, 2007, p. 184-185). Além disso, representa também o discurso da fé de que todos naquele espaço serão embuídos da “verdadeira sabedoria”, estarão livres do perigo (que pode ser do descarte do mercado de trabalho, da falta de competência, da competição e de ser passado para trás), pois os moderadores são aqueles que estão autorizados a guiar, em nome do padroeiro, seus seguidores (participantes da comunidade) para vencer num mundo cruel e exigente. Tal prática discursiva parece acalmar a insegurança, pois, aliados às novas tecnologias os sujeitos não se encontram mais sós, pertencem ao grupo dos tradutores - mas não qualquer grupo, um grupo protegido pela ação divina.

Podemos também inferir que a imagem sugere que a ação da tradução deva espelhar-se nas ações e na prática de seu padroeiro e que, naquele lugar virtual, a prática tradutória segue as regras ditadas ou a ordem discursiva ditada pelo santo padroeiro.

2. Módulo principal - composto pelo nome da comunidade, sua descrição e alguns dados de identificação.

Tradutores/Intérpretes BR

Início > Comunidades > Culturas e Comunidade > Tradutores/Intérpretes BR

descrição: Comunidade para tradutores e intérpretes brasileiros. Debate sobre formação profissional, cursos, mercado, ferramentas, terminologia, remuneração, teoria...

- Ingrese na lista da comunidade para emergências:
<http://groups.google.com/group/tradint-br>
- Se você acaba de chegar, antes de fazer uma pergunta veja se a **FAQ** não contém a resposta que você quer:
<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=50302&tid=2479527470873797655>
- **Não solicite serviços grátis. Essa proibição engloba todo e qualquer tipo de serviço não-remunerado, inclusive os voluntários.**
- Se precisa de traduções **remuneradas**, deixe sua mensagem e inclua o par de línguas.
- Se for tradutor e estiver procurando serviço, ingresse na comunidade, participe dos debates, **mas não ofereça seus serviços.**
- Pense duas vezes antes de postar: o apagamento de mensagens é desaconselhado pelos moderadores.

- **Mais detalhes do funcionamento:**
<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?>

idioma:	Português (Brasil)
categoria:	Culturas e Comunidade
dono:	Mod. . .
moderadores:	Moderatrix, P, I, Sr. Imoderado, :8
tipo:	moderada
privacidade do conteúdo:	aberta para não-membros
local:	Brasil
criado em:	30 de abril de 2004
membros:	8.820

Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=50302>⁷⁴

Observamos, no nome da comunidade, um discurso nacionalista da língua portuguesa do Brasil em contraposição à língua portuguesa falada em outros países como Portugal, Angola, Cabo Verde, Moçambique, Guiné-Bissau, Macau, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste, entre outros. O negrito parece ter sido utilizado como estratégia discursiva para enfatizar a língua utilizada pela comunidade, o português do Brasil. É um discurso atravessado pela memória discursiva das diferenças de vocabulário, pronúncia e sintaxe do português falado no Brasil e em outros países. Independente do Acordo Ortográfico como tentativa de unificação entre essas línguas, a comunidade reforça o discurso das diferenças entre elas.

A comunidade tem por objetivo o “*debate sobre formação profissional, cursos, mercado, ferramentas, terminologia, remuneração, teoria...*”. É um enunciado

⁷⁴ Acesso em: 15 jul. 2009.

marcado pelo discurso acadêmico (formação profissional, cursos e teoria) que o inicia e o finaliza (talvez este seja seu objetivo principal) e pelo discurso do mercado de trabalho (mercado, ferramentas, terminologia, remuneração) localizado entre o início e o final do discurso acadêmico (talvez, seu objetivo secundário). Também podemos inferir uma busca pela junção de ambos, teoria e prática.

O uso das reticências expressa a linguagem informal com marcas textuais da oralidade, comum no meio digital, abrindo um campo de possibilidades de assuntos a serem debatidos.

Apesar do módulo principal ser um espaço destinado à descrição temática da comunidade, ele foi utilizado pelos moderadores para a apresentação de regras de conduta. A presença das condicionais e do imperativo carrega traços de um discurso autoritário, ou seja, os moderadores pretendem que todos os membros da comunidade, principalmente os novatos, leiam e obedeçam as regras ali contidas para que haja um bom funcionamento da mesma.

Dois *links* corroboram para que haja o desejado bom funcionamento da comunidade, principalmente, por parte de membros novatos, são eles, “FAQ” (*Frequent Asked Questions*), uma compilação das discussões mais freqüentes (veja Anexo G) e “*mais detalhes do funcionamento*”, as regras gerais da comunidade (Veja Anexo F).

O tópico central, todo em negrito, é dirigido aos sujeitos não-tradutores, possíveis clientes, que possam vir a freqüentar a comunidade. Ele enfatiza o discurso econômico de que tradução, apesar da não regulamentação, é uma atividade profissional que requer remuneração. O tópico seguinte, “*se precisa de traduções remuneradas, deixe sua mensagem e inclua o par de línguas*”, dá ênfase ao discurso econômico anteriormente enunciado e direciona o cliente ao local para o qual se deve dirigir (fórum) descartando a necessidade de leitura das normas gerais.

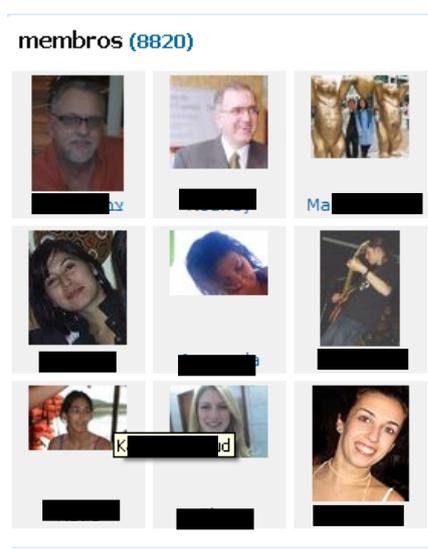
Ao enunciar “*pense duas vezes antes de postar: o apagamento de mensagens é desaconselhado pelos moderadores*”, ainda por meio de discurso autoritário, os moderadores anunciam uma tentativa de dominarem a proliferação de discursos contrários às normas da comunidade.

A localização destas informações, bem como o uso do negrito, da cor azul dos *links* e da disposição dos textos em forma de tópicos são estratégias discursivas de autoridade que colaboram para que ocorra uma leitura prévia destas informações.

O que nos chama a atenção sobre os moderadores da comunidade é seu anonimato. Todos eles utilizaram como estratégia discursiva nomes fictícios (Mod..., Moderatrix, P, !, Sr. Imoderado, :8) e perfis falsos de moderadores. Apesar dos alguns dos nomes remeterem à sua função (moderar a comunidade), são sujeitos que tomam as decisões escondidos sob o véu do anonimato a fim de não serem cobrados pelas decisões tomadas (não aceitar novos membros, apagar comentários, banir membros da comunidade). É um discurso autoritário sem face. O discurso do anonimato dos moderadores contraria o discurso da veracidade e da amizade preconizados pelo *orkut*: “a criação de perfis verdadeiros”, “rede de amigos”, “onde todo mundo conhece alguém”.

A respeito da privacidade sobre as informações contidas na comunidade, não há restrições para que não-membros naveguem pelos conteúdos e discussões promovidas. Se por um lado há a liberdade de visualização do discurso que nela circula, por outro lado, o mesmo é controlado pelos moderadores na intenção de delimitar a produção de sentidos.

3. Módulo membros - composto pelo perfil pessoal de cada membro da comunidade. Possui um *link* que possibilita a visualização de todos os membros.



Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=50302>⁷⁵

É neste espaço que a comunidade “mostra a sua cara”, como uma forma de divulgar quem são os tradutores e intérpretes brasileiros da

⁷⁵ Acesso em: 15 jul. 2009.

contemporaneidade. São diversas faces de um povo miscigenado por raças, línguas e cultura. A maioria dos perfis dos tradutores são fotos de rostos sorrindo num gesto de alegria e descontração.

Coracini (2007, p. 186-188) afirma que o tradutor se define pela tarefa e pelo trabalho e que auto-representa sua prática como: “traduzir é sentir prazer”:

Prazer na mastigação, na fermentação, na digestão, para que o texto seja penetrado ou penetre, passe pelo corpo e faça sentido provocando identificações no sujeito e permitindo-lhe prazer, gosto, gozo..., que advém da dor, do sofrimento do trabalho..., numa espécie de masoquismo. Em seguida, a ânsia de perfeição que remete à ânsia de fidelidade manifestada pelo número de leituras feitas [...], pelas consultas a dicionários [...], pela anotação dos ‘possíveis problemas’, enfim, por uma metodologia de trabalho fortemente linear que observa, diagnostica, pesquisa, prevê (problemas), busca soluções. [...] Prazer que remete ao desejo de origem do sujeito enunciator, de ser a origem de algo [...]. Euforia advinda da mistura entre esforço e reconhecimento.

Ao fazer uso de uma fotografia sorridente, o sujeito constrói uma imagem de si de alegria e contentamento, portanto, as fotos enunciam um discurso sincrético, figurado pelo verbal e não verbal, de um sujeito feliz pelo lugar que ocupa.

4 Módulo comunidades relacionadas - composto por *link* para outras comunidades com tema em comum.



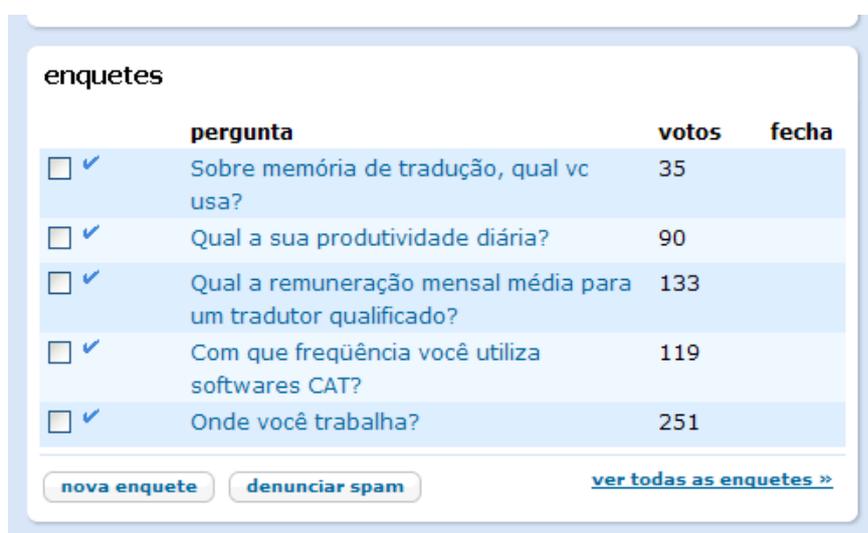
Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=50302>⁷⁶

⁷⁶ Acesso em: 15 jul. 2009.

Neste espaço o discurso da credibilidade se materializa por meio do sincretismo de imagens de outras comunidades de temas relacionados à tradução e interpretação. As comunidades em questão são numerosas, porém menores, abordam temas complementares, mas não idênticos, e, aparentemente, não representam rivalidade ou ameaça à comunidade Tradutores/Intérpretes BR. A utilização de links em *sites* é uma forma de ter a credibilidade atestada. O mesmo ocorre com a comunidade analisada que teve sua credibilidade atestada por outras comunidades, inclusive de um conceituado centro de treinamento profissional da cidade de São Paulo, a Alumni.

Vale ressaltar que são os moderadores que escolhem quais comunidades adicionar, o que funciona como um discurso autoritário que busca dominar a proliferação de discursos.

5 Módulos enquetes - composto por perguntas postadas pelos membros da comunidade cujo objetivo é colher opiniões de forma quantitativa que podem ser comentadas. Possui *links* para a criação de novos tópicos para enquete, para a denúncia de *spam* e para a visualização de todas as enquetes já realizadas.



enquetes			
	pergunta	votos	fecha
<input type="checkbox"/> ✓	Sobre memória de tradução, qual vc usa?	35	
<input type="checkbox"/> ✓	Qual a sua produtividade diária?	90	
<input type="checkbox"/> ✓	Qual a remuneração mensal média para um tradutor qualificado?	133	
<input type="checkbox"/> ✓	Com que frequência você utiliza softwares CAT?	119	
<input type="checkbox"/> ✓	Onde você trabalha?	251	

[ver todas as enquetes »](#)

Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=50302>⁷⁷

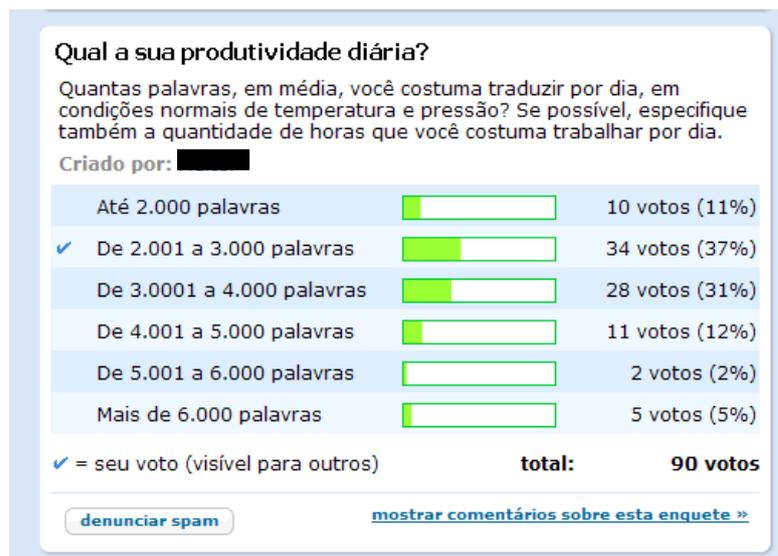
O módulo enquetes, em seu formato completo, é composto por uma página com 24 enquetes que foram realizadas no período de 29 de março de 2007 a

⁷⁷ Acesso em: 15 jul. 2009.

2 de fevereiro de 2009 organizadas em ordem cronológica de postagem. Seis delas encontram-se encerradas para votação e as demais permanecem abertas.

O resultado de uma enquete permanece visível aos membros da comunidade, mesmo quando encerrada.

Algumas vezes, é deixado à mostra no corpo da comunidade, como no exemplo a seguir:



Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=50302>⁷⁸

Analisamos o enunciado das 24 enquetes a fim de buscar os discursos circulantes neste espaço.

A maioria dos enunciados revela dois lugares discursivos: mercado de trabalho e prática profissional. Foram enunciadas questões sobre produtividade (média de palavras traduzidas por dia), remuneração (preço cobrado, salário mensal), local de trabalho (casa, empresa, agência própria), filiações (sindicatos e associações), área de atuação (tradutor, intérprete, ambos), tipos de traduções realizadas (literária, técnica, juramentada), aspectos positivos (aprendizado de línguas, satisfação profissional) e negativos (honorários não recebidos, oscilação na oferta de serviço, dores causadas pelo excesso de trabalho) da profissão e tecnologia (utilização de memória de tradução).

Em nenhum momento foi utilizado o discurso acadêmico da teoria (presente na descrição da comunidade) como embasamento para a prática

⁷⁸ Acesso em: 15 jul. 2009.

tradutória e apenas um enunciado refere-se ao nível de qualificação destes profissionais (pós-graduação, graduação, ensino médio). Se pensarmos que, até mesmo o que não é dito tem significado, os enunciados reforçam uma memória discursiva na qual “o mercado de trabalho requer pouca teoria e muita prática” ou ainda “é a prática que garante a sobrevivência do tradutor”.

Um enunciado nos chamou atenção pelo fato de ter sido a enquete mais votada: “você já visitou algum país onde se fala o idioma com o qual você trabalha?”.

71% dos membros afirmaram conhecer o país da língua estrangeira com a qual trabalham. Ao afirmar ter visitado um país estrangeiro, o tradutor cria a ilusão de *status* e maior competência linguística sobre os demais membros da comunidade. A expressiva votação confirma “o desejo da língua do outro que, ilusoriamente, é perfeita” (CORACINI, 2007, p. 193).

Ainda na enquete, dois enunciados expressaram interesse sobre a relação entre a participação dos membros e a comunidade, são eles: “Desde quando você frequenta esta comunidade” e “Você participa desta comunidade?”. Diante da exposição da frequência e da participação constrói-se o discurso do pertencimento, do fazer parte, não apenas como ouvinte, mas como membro atuante que colabora com as discussões propostas. Isso estabiliza a rede social e cria os vínculos que fortalecerão a durabilidade ou não dessa comunidade virtual. Como também pode criar o *status* por determinado grupo ser participante ativo ou não.

6 Módulo eventos - composto por uma listagem de cursos e encontros postados pelos membros da comunidade. Possui *links* para a criação de novos eventos, para a denúncia de *spam* e para a visualização de todos os eventos postados. Eventualmente, é deixado à mostra no corpo da comunidade.

Eventos

Início > Comunidades > Culturas e Comunidade > Tradutores/Intérpretes BR > Eventos

Título	Criador	Local	Cidade	Quando
<input type="checkbox"/> Rosae - I Congresso Int. de Linguist. Historica	[REDACTED]	Hotel Pestana Bahia	Salvador	em 5 dias
<input type="checkbox"/> Conferência do ProZ em São Paulo	[REDACTED]	Disal - Auditório	São Paulo	em 5 semanas
<input type="checkbox"/> X Encontro Nacional de Tradutores	[REDACTED]	UFOP	Ouro Preto (MG)	em 1 mês
<input type="checkbox"/> Aniversários	[REDACTED]	Ao redor do mundo		em 1 ano
<input type="checkbox"/> Aniversarios	[REDACTED]	Ao redor do mundo		em 1 ano

[novo evento](#) [denunciar spam](#)

Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=50302>⁷⁹

Neste espaço o discurso presencial se materializa na possibilidade da socialização sair do virtual em direção ao real, ou, para Lévy (1996, p. 16), em direção ao atual⁸⁰. É o desejo do contato face-a-face, de desvendar os simulacros presentes nos perfis dos amigos virtuais, de compartilhamento de momentos felizes (aniversários, congressos, encontros), muitas vezes chamados de *orkontros*. Além disso, serve também como forma de *marketing* e divulgação dos locais e instituições que promovem o evento.

7 Módulo fórum - composto pelos tópicos destinados à discussão por ordem de postagem. Possui *links* para a criação de novos tópicos para discussão, para a denúncia de *spam* e para a visualização de todos os tópicos postados.

fórum

tópico	postagens	última postagem
<input type="checkbox"/> Filmes que te deixaram "mal"	35	20/07/09
<input type="checkbox"/> Assombrações, Lendas Urbanas & etc	32	20/07/09
<input type="checkbox"/> Firefox não acessa Orkut	9	20/07/09
<input type="checkbox"/> OFF - Itaú	15	20/07/09
<input type="checkbox"/> Aniversários	2.189	20/07/09

[novo tópico](#) [denunciar spam](#) [ver todos os tópicos >>](#)

Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=50302>⁸¹

⁷⁹ Acesso em: 15 jul. 2009.

⁸⁰ Segundo o autor, o termo 'virtual' não pode se opor ao 'real', mas sim a 'atual'.

⁸¹ Acesso em: 15 jul. 2009.

O módulo fórum, em seu formato completo, é composto por 137 páginas com uma média de 50 tópicos por página, contendo, aproximadamente, cerca de 6.850 tópicos postados no período de 14 de junho de 2004 a 18 de julho de 2009.

Em meio à grande multiplicidade de enunciados, passamos a olhar os tópicos, em busca do trajeto temático proposto para esta dissertação: a questão da formação profissional, seja ela, acadêmica ou informal.

Como mencionado anteriormente, apesar da ausência de regulamentação, existem inúmeros cursos de formação profissional, acadêmicos ou livres, que formam tradutores para um mercado de trabalho que não exige tal formação, além disso, esta também parece ser uma preocupação da comunidade em seu enunciado de descrição (“formação profissional”, “cursos” e “teoria”).

Também já mencionado, o fato destes enunciados ocuparem uma posição de relevância (primeiro, segundo e último elementos no discurso), poderia ter o efeito de sentido de que o objetivo principal da comunidade é a discussão da formação profissional por meio de cursos (livres) e teorias (academia), colocando o mercado de trabalho em segundo plano, ou, ainda, que a comunidade busca a junção entre formação (cursos e teoria) e mercado de trabalho (prática) pois, o enunciado “mercado, ferramentas, terminologia, remuneração” encontra-se entre “formação” e “teoria”. Buscamos, no discurso dos tradutores e intérpretes postados no fórum de discussão, resposta a esta indagação.

Iniciamos nossa busca por enunciados que trouxessem a idéia de cursos contribuindo para a formação de tradutores e intérpretes. Observamos que inúmeros cursos são oferecidos aos membros da comunidade por meio do fórum. Dois discursos foram recorrentes a esta busca: o discurso publicitário e o discurso informativo. Com o intuito de ilustrar tais discursos, selecionamos os seguintes recortes:

15/04/06
Curso gratuito de português - CCAA
 Gente a faculdade do CCAA está oferecendo através das franquias do CCAA um curso de português para brasileiros. É uma excelente oportunidade para se aperfeiçoar em nossa língua. Liguem para a faculdade tel 2156-5000, e informen-se ou visite da comunidade abaixo:
<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=6482550>

15/04/06
 ... mais um telefone sem DDD ...

16/04/06
Com certeza...
 é do Rio de Janeiro. Sou professora do CCAA e a faculdade é lá, logo, DDD 21, mas não sabia deste curso nas unidades, pra mim é novidade, hehehe.

Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=50302>⁸²

No recorte acima, o enunciador que faz a divulgação de um curso de língua portuguesa gratuito utiliza o discurso publicitário como forma de *marketing* (pessoal ou institucional). Seu enunciado atesta a credibilidade de um curso o qual conhece, estudou ou ministra conteúdo.

Em enunciados de discurso publicitário, observamos que pouca discussão é gerada. Geralmente é apresentada em 3 situações diferentes: quando o enunciador busca outras informações que não foram mencionadas sobre o curso tais como preço, local, data, pré-requisitos, entre outros; quando o enunciador questiona o enunciado como forma de atestar sua participação ativa no fórum ou na comunidade, como é o caso de “*mais um telefone sem DDD*”; e, quando o enunciador contribui com alguma informação a qual resulta em *marketing* pessoal, tal como em “*sou professora do CCAA e a faculdade e lá, logo, DDD 21*”.

⁸² Acesso em: 15 jul. 2009.

<p>██████████</p> <p>Mestrado</p> <p>Alguem poderia me informar sobre a existencia de curso de mestrado na área de tradução?? Muito grato e parabéns aos membros da comunidade, que é muito útil.</p>	13/10/05
<p>██████████</p> <p>Sim, existem cursos de mestrado em tradução. Eu sei que a USP oferece. Com certeza outras oferecem também, mas quais eu não saberia informar a você.</p>	13/10/05
<p>██████████</p> <p>Tem na PUC-Rio</p> <p>http://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/proglet.html</p>	14/10/05
<p>██████████</p> <p>Mestrado da UECE</p> <p>No Ceará tem um excelente curso em Linguística Aplicada (Tradução)... fiz pela Estadual.</p>	14/10/05

Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=50302>⁸³

O fórum também é utilizado para pedidos de indicações e informações sobre cursos, principalmente pelos aspirantes a tradutor, tal qual o caso do enunciador de “*me interessei por fazer faculdade de Tradução/Intérprete*”, um sujeito inexperiente, desejante, não detentor do saber e poder.

O discurso informativo, encontrado nesses pedidos, na maioria das vezes, não gera um grande número de discussões. Os membros que respondem a tais solicitações acabam por utilizar este espaço como forma de *marketing* pessoal atestando a qualidade de cursos por eles conhecidos ou realizados, como por exemplo, nos enunciados “*eu sei que a USP oferece. Com certeza outras oferecem também, mas quais eu não saberia informar a você*” e “*no Ceará tem um excelente curso em Lingüística Aplicada (Tradução)... fiz pela Estadual*”.

Os enunciadores usam seu lugar de detentores de saber e poder para contribuir com os demais membros da comunidade sobre algo por eles conhecido.

⁸³ Acesso em: 15 jul. 2009.

18 jan

FACULDADES DE TRADUÇÃO-INTÉRPRETE-URGENTE

Pessoal.
 Gostaria da ajuda de vocês.
 Bom, estudo inglês há 1 ano, com professor particular, e me interessei por fazer Faculdade de tradução/ Intérprete, para atingir a fluência no idioma e por consequência ingressar na área.
 A minha dúvida é sobre o curso em si.
 Em São Paulo, capital, eu sei que a UNINOVE tem esse curso, como Graduação Superior, por 3 anos (6 semestres).
 Existe outra faculdade que ministre esse curso, como graduação superior de 3 anos, além da UNINOVE?
 Me ajudem, pois essa resposta é muito importante pra mim.
 Obrigado a todos.

18 jan

Dê uma olhadinha nas FAQs, tem muita resposta lá.
 Mas duvido que você consiga fluência em inglês falado numa faculdade.

18 jan

E para ser intérprete, precisa ter fluência em ambas as duas línguas duplas ao mesmo tempo.
 O curso de interpretação não dá fluência, ensina técnicas para os diversos tipos de interpretação.
 E não pense que um curso de tradução o ensinará a traduzir. Se você não souber escrever em sua língua materna, compreender o idioma de partida, não pensar e não souber pesquisar, é o curso errado.
 Os professores o ensinarão a dominar estas técnicas - não a traduzir.

Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=50302>⁸⁴

Algumas vezes, a busca por informação sobre a área gera discussões devido à inexperiência ou falta de conhecimento do aspirante a tradutor, como no exemplo que, ao formular seu pedido de informação sobre faculdades de tradução e interpretação, o enunciador expressa o desejo de “atingir a fluência no idioma” por meio de um curso universitário.

Neste momento, os tradutores experientes esclarecem os erros cometidos assumindo um lugar discursivo do saber, logo, do poder, como no enunciado “*duvido que você consiga fluência em inglês falado em uma faculdade*” ou ainda “*o curso de interpretação não dá fluência, ensina técnicas*”, entre outros enunciados deste mesmo enunciador detentor de saber acadêmico.

O direcionamento às FAQs, “*dê uma olhadinha nas FAQs, tem muita resposta lá*”, também é um recurso freqüente utilizado por membros mais antigos da comunidade que, por meio do discurso autoritário, tentam dominar a proliferação de discursos reincidentes.

Algumas propagandas de cursos geram um número expressivo de discussões o que nos remete à idéia de uma maior aceitação por parte dos membros da comunidade. Esses cursos, na maioria das vezes, se referem à memória de tradução e legendagem. O mesmo parece ocorrer com os cursos oferecidos por

⁸⁴ Acesso em: 15 jul. 2009.

profissionais de diferentes áreas do saber (direito, finanças, saúde, exportação) que ministram cursos, não de línguas, mais sobre as terminologias e especificidades de uma área específica. Podemos inferir que a aceitação se deve ao fato dos mesmos não serem cursos ministrados em faculdades de tradução, portanto, não carregam a memória discursiva da regulamentação e por seus professores serem profissionais experientes que possuem conhecimento em uma tecnologia ou campo do saber que está distante do conhecimento da grande massa de tradutores.

Fato semelhante também foi observado com os cursos de interpretação, sejam eles propagandas de cursos a serem ministrados ou pedidos de informações sobre onde encontrar cursos da referida modalidade. Imaginamos que tal interesse esteja relacionado ao número inferior de intérpretes em relação a tradutores que participam da comunidade, pois, uma enquete realizada em 29 de março de 2007 apontou o seguinte resultado: 64% dos membros que responderam a enquete são tradutores, 1% intérpretes, 23% tradutores e intérpretes e 9% nenhuma das opções anteriores.

Buscamos nos comentários postados entender quem seria o sujeito que não se enquadra em nenhuma das opções oferecidas e chegamos aos seguintes enunciados:


 Amei este enquete! Sou estudante de Tradução e Interpretação e pretendo em um breve futuro, me lançar nas duas áreas. Sempre gostei de Inglês e pretendo usar a mesma metodologia do curso com meu conhecimento de Espanhol. Esta comunidade tem me sido muito útil, pois além de aprender, ainda posso colaborar com um pouco de conhecimento que possuo. Beijos à todos!
 Nenhuma das Anteriores


 Sou estudante de Tradução, estudei Inglês a minha vida inteira e o que eu mais quero é poder viver como Tradutora-Intérprete. Tenho formação em Secretariado Executivo Bilingue, mas não me identifico com essa área. No momento, atuo como bancária em um banco do governo Federal, mas acho que não tenho o menor perfil... Gosto mesmo é de idiomas, considero a Língua Portuguesa a mais bela do mundo, e espero em breve ter a minha chance de atuar!
 Nenhuma das Anteriores

 i
 Sou formada em Português/Inglês e já lecionei as duas línguas. Mas gosto mesmo é de Tradução. Ainda não me sinto preparada para começar, pois sei que tenho muito o que aprender. Visito a comunidade todos os dias e sou grata pelas informações preciosas que vocês oferecem com tanta boa vontade. Parabéns.
 Nenhuma das Anteriores

Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=50302>⁸⁵

⁸⁵ Acesso em: 15 jul. 2009.

Apesar do pressuposto conhecimento das línguas, os estudantes-tradutores não se vêem como profissionais.

Segundo Coracini (2007, p. 201), é:

[...] o sentimento da insegurança proveniente da tensão entre uma certa teoria ou visão idealizada, para não dizer idílica do tradutor – capaz de tudo controlar, como o cientista controla o seu objeto por meio do método que aplica.

Esses sujeitos buscam na comunidade e nos membros tradutores experientes a voz de quem pratica o ofício, ainda não vivenciado e desejado por eles.

Os cursos de memória de tradução, legendagem e interpretação, possuem um elemento em comum: o discurso tecnológico envolvendo a prática tradutória. Temos aqui, sujeitos líquido-modernos que desejam o saber tecnológico a fim de serem inseridos no mercado de trabalho global.

Também encontramos diversos enunciados pedindo comparações entre instituições diferentes que oferecem cursos similares ou buscando informações sobre o melhor curso oferecido em determinada região do país. Tais enunciados são direcionados à leitura das FAQs. Acreditamos que o discurso autoritário de controle sobre o conteúdo a ser discutido ocorra pelo número de discussões já realizadas sobre determinado assunto possibilitado pelo tempo de existência da comunidade - mais de 4 anos. E, de uma forma menos ingênua, por expressarem assuntos polêmicos que envolvem a questão da regulamentação e da filiação a determinadas instituições de ensino.

Vejamos o exemplo a seguir:

The image shows a screenshot of a forum thread on Orkut. The post is from a user with a blacked-out name, dated 1 jun. The title is 'Uma ajudinha pls'. The text of the post asks for advice on becoming a translator, mentioning that they have learned several languages and translated many things, but are unsure about the profession and want to know the best schools and advice. The reply is from another user with a blacked-out name, also dated 1 jun, and suggests reading the FAQ for advice, stating that the link is in the community description.

Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=50302>⁸⁶

⁸⁶ Acesso em: 15 jul. 2009.

Os enunciados mostram que independente da orientação dos mediadores para que todos leiam as *FAQs*, muito membros não as lêem e fazem perguntas já discutidas. Em represália, utiliza-se o discurso autoritário como forma de resposta. Isso não quer dizer que as discussões não possam se desenvolver. Quando ocorrem tendem a ser partidárias e de *marketing* pessoal.

No que tange questões sobre teoria, em meio a 137 páginas de tópicos destinados à discussão, apenas 4 possuíam a palavra teoria em seu enunciado. Em três deles, os enunciadore buscavam informações sobre abordagens teóricas (conceito de invariância, teoria da legendagem e teoria da terminologia). Em um deles foi apresentada a utilização da nota de rodapé como recurso do tradutor. Com exceção do tópico sobre teoria da terminologia, postado em 01 de junho de 2009, os demais datam do ano de 2005, 2007 e 2008 e, constam de apagamentos de mensagens de membros que não mais freqüentam a comunidade ou que trocaram de perfil pessoal, impossibilitando a análise discursiva dos mesmos.

Vejamos a discussão sobre teoria da terminologia:

Teoria da terminologia -- indicações
 Alguém teria algum livro ÚTIL sobre terminologia o terminografia para indicar? Por "útil", entenda-se: um livro que ensina alguma coisa para quem quer montar um pequeno glossário técnico e está em dúvida se termos óbvios entram ou não (ex.: "carro" deve entrar em um glossário técnico de mecânica de automóveis? Ou "ator" num glossário específico de teatro?).

Estou lendo umas coisas acadêmicas mas elas são tão acadêmicas a ponto de não servirem para nada. Só ficam dizendo que "o termo é a unidade específica de um processo linguístico-pragmático representativo do conhecimento especializado no âmbito do patati patatá etc." -- mais 10 páginas de trololó para não concluir nada. Tudo sem nenhum exemplo, evidentemente.

Grato!

██████████ 1 jun

Eu tinha esse site nos meus favoritos, não sei se vai te servir.
<http://www.terminometro.info/modules/articles/accueil/index.php>
 Eu diria que carro ou ator não entram se você não tiver uma definição diferenciadora ou se não houver palavra derivada delas no teu glossário (dicionário de especialidades, é o que eu ouço por aí). Por exemplo: se você for colocar ator-mirim (com hífen), ou ator coadjuvante, eu diria que tem que ter ator.
 Ou como diria uma professora, se a palavra estiver cumprindo a função de um termo específico e não de uma palavra genérica da língua ela deveria constar.

██████████ 1 jun

Obrigado, Roseli! Isso é mais ou menos o que eu tinha concluído depois de ler as pantanosas páginas do livro que estou lendo.

Depois também vou espiar os dicionários especializados que tenho em casa e procurar os termos os mais óbvios possíveis para ver se eles constam ou não. :)

██████████ 1 jun

http://www.btb.termiunplus.gc.ca/didacticiel_tutorial/english/lesson1/index_e.html

Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=50302>⁸⁷

⁸⁷ Acesso em: 15 jul. 2009.

O enunciador pede indicação de leitura (teoria) sobre uma dificuldade por ele enfrentada (prática). Para que não haja dúvidas sobre o que ele está procurando, em seu enunciado ele exemplifica suas necessidades por meio de sua prática tradutória: “*‘Carro’ deve entrar em um glossário técnico de mecânica de automóveis? Ou ‘ator’ num glossário específico de teatro?*”, provavelmente, áreas por ele já traduzidas. Seu enunciado traz marcas da memória discursiva que opõe teoria VS prática atrelando a esta, a idéia de que o que se aprende na formação acadêmica não se aplica no mercado de trabalho. Esse discurso se contradiz quando é comparado ao discurso acadêmico do membro que postou comentário posterior: “*eu diria que*” e “*ou como diria uma professora*” fazendo um paralelo entre o discurso da prática e o da academia, e, também, ao enunciar “*Isso é mais ou menos o que eu tinha concluído depois de ler as pantanosas páginas do livro que estou lendo*”, pois, a teoria do livro se confirma nas conclusões tomadas.

Os demais membros, em um discurso colaborativo oferecem dicas de livros e *sites* que possam ajudar o tradutor solicitante a resolver seu problema.

O discurso colaborativo é encontrado em inúmeras discussões por todo o fórum e, principalmente, na página das *FAQs*. Nela encontramos compiladas discussões, por um único membro da comunidade, que priorizavam a indicação de livros, artigos, *sites* para pesquisa e obras de referência. A figura abaixo é um recorte dessas discussões:



Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=50302>⁸⁸

⁸⁸ Acesso em: 15 jul. 2009.

Ao selecionar e organizar discussões realizadas no fórum como referência de leitura para os membros da comunidade, esse sujeito assume a posição discursiva de mestre, que escolhe as melhores leituras para seus discípulos, um sujeito detentor da verdade, do saber e do poder. Um lugar discursivo almejado por qualquer profissional de tradução, não no que diz respeito à formação acadêmica, vista por alguns e pelo Ministério do Trabalho, como desnecessária, porém, o lugar de profissional reconhecido e respeitado pela comunidade, detentor da verdade e do saber.

Para finalizar, observamos que as discussões presentes no fórum da comunidade revelam certa preocupação com o vocabulário e com a estrutura dos textos, em sua maioria, bem construídos, escritos em linguagem informal, mas com pouco uso de *emoticons*⁸⁹ e abreviações. Em outras palavras, evita-se o uso do *Internetês*⁹⁰, comum em ambiente virtual. A ausência de algum sinal de acentuação ou de pontuação e até mesmo de alguma concordância verbal são comuns em textos que não passam por uma releitura ou revisão, característica comumente observada no ciberespaço, mas que não compromete as discussões propostas no fórum. Dessa forma, podemos perceber nos membros da comunidade uma preocupação com a língua, objeto de trabalho do tradutor.

4.3 EFEITOS DE SENTIDO

Para pensarmos os efeitos de sentido nos quais circulam as práticas discursivas e identitárias da comunidade *Tradutores/Intérpretes BR*, nos apoiamos em Foucault, cujo foco do estudo é o sujeito.

O sujeito, para Foucault (1987) constitui-se por meio das práticas discursivas e em sua prática não importa quem fala, mas o que diz e de que lugar diz, ou seja, sua função sujeito.

⁸⁹ Caracteres usados para simbolizar sentimentos e estados de humor em comunicações pela Internet.

⁹⁰ Linguagem utilizada na Internet por meio de abreviações, ausência de pontuação, acentuação ou regras gramaticais e uso de símbolos que expressam sentimentos e estado de humor como os *emoticons*.

Os enunciados efetivos em uma determinada formação discursiva são carregados por uma memória, possuem materialidade própria, modo de aparição e domínio e são repetíveis.

A função sujeito, seu lugar no enunciado, é vazia e pode ser ocupada por todos que preencherem certas condições ou por terem o direito de dizer o que dizem devido a seu *status*, capacidade ou função.

Observamos que a função sujeito assumida pelos moderadores da comunidade é a de tentarem dominar a proliferação de discurso, pois, por meio de um discurso autoritário, podem tomar decisões protegidos pelo anonimato de suas identidades. Segundo Foucault (1998), toda sociedade possui meios para controlar a produção discursiva por temer seus efeitos.

As comunidades digitais trouxeram novas condições de produção de discurso e uma das mais relevantes parece ser a ilusão do sujeito dizer o que quiser. Os discursos sobre tradução, antes controlados pela ordem do dizer acadêmico, passaram a ser enunciados por tradutores líquido-modernos de ambientes digitais agora controlados pela ordem do dizer mercadológico.

Assim como os moderadores, alguns membros da comunidade também tentam controlar a proliferação de discurso. Esses sujeitos são detentores de um saber (acadêmico ou da prática tradutória) que lhes conferem poder e autoridade para dizer o que dizem. Enunciam do lugar de tradutores experientes, atuantes no mercado de trabalho, alguns com formação academia, outros, cuja formação “informal” provém de suas experiências junto ao mercado de trabalho – provedores de conteúdo autorizados pelo saber, logo, pelo poder.

Do outro lado, também provedores de conteúdo, mas não autorizados pelo saber, estariam os estudantes de tradução e os aspirantes a tradutores que incluem os profissionais da área de letras.

Para Foucault (1998), verdade e poder estão mutuamente interligados pelas práticas discursivas que estabelecem relações de classes que implicam em determinadas posições políticas e ideológicas, incluindo formações discursivas atuantes entre si.

O discurso dos tradutores experientes, detentores do saber e do poder, é marcado pela segurança advinda de sua formação acadêmica ou de sua prática tradutória. Seu efeito de sentido é o dizer detentor da verdade, da experiência e da segurança. Dizer daqueles que tem competência para falar sobre tradução, para

orientar e conduzir outros sujeitos na prática tradutória. Já o discurso dos tradutores inexperientes (estudantes e aspirantes) é marcado pela insegurança talvez de uma visão idealizada sobre o que seja ser tradutor ou pela ausência da prática tradutória. Seu efeito de sentido é da indecisão, da dúvida, da ânsia pela verdade que pode ser oferecida pelos tradutores experientes, provedores de conteúdos autorizados pelo saber.

Retomamos aqui a idéia de Bauman (2003) sobre a necessidade do sujeito de pertencimento a uma comunidade, ou seja, a busca por segurança no mundo da modernidade líquida:

Para nós em particular – que vivemos em tempos implacáveis, tempos de competição e de desprezo pelos mais fracos, quando as pessoas em volta escondem o jogo e poucos se interessam em ajudar-nos, quando em resposta a nossos pedidos de ajuda ouvimos advertências para que fiquemos por nossa própria conta [...] – a palavra “comunidade” soa como música a nossos ouvidos (BAUMAN, 2003, p. 8).

Essa busca por segurança faz com que tradutores detentores do conhecimento do ambiente virtual procurem a comunidade como forma de garantia (temporária) de não serem excluídos do mercado globalizado. Cria-se nesses sujeitos a sensação de “estar lá”, de pertencimento a uma classe de profissionais com o desejo de serem reconhecidos pelo grupo e pelo mercado de trabalho. Por outro lado, perde-se a tão almejada liberdade, entendida por Bauman (2003, p. 10) como autonomia, direito à auto-afirmação e à identidade. Portanto, temos na comunidade sujeitos tradutores que têm a ilusão de serem donos de seu discurso, de serem a origem de seu dizer envoltos numa áurea de libertação de poder dizer o que quiser, onde e quando quiser. Quando, na verdade, estão presos à ordem discursiva da comunidade à qual pertencem: o discurso da experiência VS o discurso da inexperiência.

Outro discurso recorrente, entre os membros da comunidade, é o discurso publicitário marcado pela presença de outros discursos: o discurso de *marketing* institucional onde diversos cursos são divulgados pelos próprios membros da comunidade; o discurso de *marketing* pessoal, forma de autopromoção por meio de vínculos institucionais que demonstram o saber e o poder; discurso tecnológico dos cursos aparentemente mais aceitos pelo grupo (memória de tradução,

legendagem e interpretação); discurso autoritário dos membros experientes sobre os membros inexperientes.

Não podemos deixar de constatar que o discurso autoritário se sobrepõe aos demais discursos, pois a tentativa de dominar a proliferação de discursos não desejados – pelos moderadores e pelos tradutores experientes – é constante.

Muito comum na comunidade é o uso do discurso publicitário como estratégia de *marketing* pessoal, onde o sujeito, ao divulgar suas ações, habilidades, competências, qualificações, conhecimentos, faz-se existir tanto para os outros membros da comunidade, quanto para o mercado de trabalho.

Observamos um confronto de dois lugares enunciativos: formação acadêmica e mercado de trabalho que trazem a memória discursiva da teoria VS prática. Este confronto é marcado pela valoração da experiência em relação ao estudo.

Desta forma, os enunciados produzidos pelo discurso dos tradutores por toda a comunidade nos trazem a resposta para a indagação sobre qual seria o objetivo da comunidade ao ser apresenta em sua descrição como: “*Debate sobre formação profissional, cursos, mercado, ferramentas, terminologia, remuneração, teoria ...*”.

Acreditamos que a formação profissional ocupa um lugar de relevância neste enunciado e que possa ocorrer por meio de cursos (não necessariamente acadêmicos) e teorias (escondidas em meio a discussões “não-teóricas” mas que acabam por trazer explicações para problemas de prática tradutória bem como em meio aos inúmeros *links* para artigos e livros divulgados pelos próprios membros). Mas o mercado de trabalho não ocupa posição inferior, pois é ele quem direciona todos os questionamentos sobre a necessidade de formação de uma área invisível aos olhos da sociedade. Temos, então, dois lugares enunciativos que se complementam apesar dos embates partidários e ideológicos existentes. E o uso das reticências abrem espaço para inúmeras outras discussões ainda por vir.

É importante salientar que, com base na AD, o sujeito tradutor, membro da comunidade analisada, não tem controle sobre os efeitos de sentido do seu discurso, assim como, nenhum sujeito discursivo o tem, pois a evidência do sentido é uma ilusão. As possíveis intenções destacadas nesta pesquisa são fruto

do efeito de sentido que os discursos ali encontrados produziram em nós, no momento de nosso gesto interpretativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trajetos de sentidos materializam-se nos textos que circulam em uma sociedade, criando interdiscursos cuja totalidade é inapreensível. A coerência visível em cada texto particular é efeito da construção discursiva: o sujeito pode interpretar apenas alguns dos fios que se destacam das teias de sentido que invadem o campo do real social.

Maria do Rosário Gregolin, 2003b, p. 96-97.

Ao iniciarmos esta pesquisa, dois questionamentos nortearam nossas buscas: “quem é o sujeito tradutor/intérprete da contemporaneidade?” e “como ele se constitui no *orkut*?”.

Buscamos respostas a estes questionamentos refletindo sobre as práticas discursivas e identitárias destes sujeitos na comunidade Tradutores/Intérpretes BR a partir de um trajeto temático sobre formação profissional.

Diferentemente do que pensávamos, a comunidade digital não possibilitou a emergência de uma nova identidade para o tradutor e intérprete. Na verdade, houve uma mudança no lugar discursivo ocupado pelos tradutores – antes, um discurso encontrado na ordem do dizer acadêmico oriundo de artigos de periódicos e revistas especializadas sobre tradução, anais de eventos (encontros, congressos), prefácios de obras traduzidas, livros e, posterior ao advento da internet, um discurso da ordem do dizer mercadológico que emerge de *blogs*, comunidades no *orkut*, *homepages* de tradutores e de agências de tradução.

O discurso de liberdade promovido pelas novas tecnologias fez com que os tradutores da comunidade acreditassem ser livres para dizer o que quiser quando, na verdade, estão presos à ordem discursiva estabelecida pelos moderadores e tradutores experientes pertencentes à comunidade. O mesmo discurso de autoridade encontrado na ordem do dizer acadêmico (é preciso ter saber e poder para dizer) também se faz presente na comunidade na tentativa de dominar a proliferação de discursos pelo medo dos efeitos de sentidos por eles causados. Porém, este discurso autoritário emerge na comunidade de forma discreta,

mascarado pelas práticas discursivas de colaboração, de pertencimento ao grupo, de amor à língua e à profissão.

Tomamos a comunidade *Tradutores/Intérpretes BR* como um grande arquivo digital, uma vez que, os discursos ali encontrados se inscrevem no interior de uma mesma formação discursiva, pois surgiram em função de “um jogo de relações” e de “regularidades específicas” (FOUCAULT, 1987, p, 149).

Por meio da arqueologia de Foucault não buscamos encontrar nos discursos da comunidade a atividade consciente do sujeito, ou seja, sua intenção, pelo contrário, buscamos verificar as condições que propiciaram o aparecimento de um determinado enunciado, condições estas, propiciadas pelo suporte que acolhe a comunidade, o meio digital.

No arquivo digital da comunidade encontra-se um banco de dados sobre o tradutor e intérprete da modernidade líquida: local onde trabalham; queixas sobre a profissão; remuneração; produtividade; motivo da escolha profissional; grau de escolaridade; áreas de atuação; filiações a instituições de ensino e sindicatos e associações; satisfação profissional; tecnologias utilizadas, entre tantos outros dados observados.

Assim, os discursos existentes nesse arquivo mostram um sujeito profissional moderno, inserido no mundo globalizado, que sente prazer e orgulho pela profissão em meio às angustias geradas pela oscilação de serviço, baixa remuneração, ausência de regras claras sobre a profissão, dificuldades da prática tradutória, por ser um “traidor”, e principalmente, pelo desejo de visibilidade profissional.

Diante do exposto, podemos afirmar que o sujeito tradutor contemporâneo, não é novo nem velho, mas o resultado da época que vivencia, ou seja, a modernidade líquida (BAUMAN, 2001). Não é possível observar uma nova e singular identidade, mas “novas” identificações de uma identidade, desde sempre “cambiante e historicizada” (CORACINI, 2007, p. 207).

REFERÊNCIAS

AGUSTINI, C. (N)as dobraduras do dizer e (n)o não-um do sentido e do sujeito: um efeito da presença do interdiscurso no intradiscurso. In: FERREIRA, M. C. L.; INDURSK, F. **Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**. São Carlos: Clara-Luz, 2007.

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Tradução de Walter J. Evangelista e Maria L. V. de Castro. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

ARAÚJO, J. P. Tradução automática de abstracts: avaliação do potencial e das limitações de três ferramentas da *web*. In.: **Linguagem em (dis)curso**. Santa Catarina: Unisul, v. 3, n. 1, p. 69-107, 2002. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0301/03.htm>>. Acesso em: 20 fev. 2009.

ARROJO, R.; FROTA, M. P. A organização do GT de tradução e a pesquisa desenvolvida na área. In.: VII Encontro Nacional da ANPOLL, 1993, Porto Alegre. **Anais...** do VII Encontro Nacional da ANPOLL. Goiânia: UFG. v. 2. p. 1017-1018, 1993.

AUBERT, F. H. **As infidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor**. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1994.

_____. Introdução: conversas com tradutores: diálogos da prática com a teoria. In.: BENEDETTI, I. C.; SOBRAL, A. (orgs.). **Conversa com tradutores: balanços e perspectivas da tradução**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

AZENHA JUNIOR, J. **O lugar da tradução na formação em Letras: algumas reflexões**. UFSC, v. 17, p. 157-188, 2006. (Cadernos de Tradução).

BAKER, M. (org.). **Routledge encyclopedia of translation studies**. London and New York: Routledge, 1998.

BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulação**. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Antropos, 1981.

_____. **De um fragmento ao outro**. Tradução de Guilherme João de Freitas. São Paulo: Zouk, 2003.

_____. **Tela total: mito-ironias da era do virtual e da imagem**. Tradução de Juremir machado da Silva. Porto Alegre: [s.c.p.], 1997.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **Ética pós-moderna**. Tradução de Mateus Soares. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. **Modernidade e ambivalência.** Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999^a.

_____. **Globalização:** as consequências humanas. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999b.

_____. **Modernidade líquida.** Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Comunidade:** a busca por segurança no mundo atual. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **Vidas desperdiçadas.** Tradução de Carlos Aberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005^a.

_____. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005b.

_____. O indivíduo sitiado. In.:_____. **Vida líquida.** Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. **Vida líquida.** Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BELLONI, M. L. A formação na sociedade do espetáculo: gênese e atualidade do conceito. In.: **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 22, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 ago. 2008.

BENEDETTI, I. C. Prefácio. In.: BENEDETTI, I. C.; SOBRAL, A. (orgs). **Conversa com tradutores:** balanços e perspectivas da tradução. São Paulo: Parábola, 2003.

BENEDETTI, I. C.; SOBRAL, A. (orgs). **Conversa com tradutores:** balanços e perspectivas da tradução. São Paulo: Parábola, 2003.

BENTHAM, J. **O Panóptico.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I.** Tradução de Maria da Glória Novak. Campinas: Pontes, 1995.

BOSELLI, G.; SILVA, C. **Mixing computer-assisted translation and machine translation:** the good, the bad and the ugly. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/allinportuguese/Mixing-CAT-and-MT>>. Acesso em: 19 jun. 2009.

BRANDÃO, M. H. H. N. **Introdução à análise do discurso.** Campinas: UNICAMP, 1991.

CALDEIRA, Luís Alberto. **A construção da identidade virtual no orkut:** encontraram o centro da internet? *online*, 2005. Disponível em:

<<http://www.bemnanet.com.br/colunas.php?colunista=1&texto=140>>. Acesso em 14 jul. 2009.

CASCAIS, F. **Dicionário de jornalismo: as palavras dos media**. São Paulo: Verba, 2001.

CASTELLS, M. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. Tradução de Alexandra Lemos. São Paulo: Paz e terra, 1999. v. 3.

_____. **A sociedade em rede**. Tradução de Roneide Venâncio. São Paulo: Paz e Terra, 1999b.

_____. **A galáxia da internet**. Tradução de Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **Fim de milênio**. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt e Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. Tradução de Roberto Baronas. São Paulo: Contexto, 2004.

COELHO, C. N. P. **A comunicação virtual segundo Lévy e Baudrillard**. In.: XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2001, Campo Grande. INTER COM 2001. Disponível em: <http://www.infoamerica.org/documentos_pdf/baudrillard01.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2009.

CORACINI, M. J. R. F. Identidades múltiplas e sociedade do espetáculo: impacto de novas tecnologias. In.: MAGALHÃES, I.; GRIGOLLETO, M. & CORACINI, M. J. R. F. (orgs). **Práticas identitárias: língua e discurso**. São Carlos: Claraluz, 2006.

_____. **A celebração do outro: arquivo, memória e identidade - línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

_____. Concepções de leitura na pós-modernidade. In.: CARVALHO, R. C. de; PASCHOAL, L. (org.). **Leitura: múltiplos olhares**. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

CORACINI, M. J. R. F.; PEREIRA, A. E. **Discurso e sociedade: práticas em análise do discurso**. Pelotas: ALAB/ADUCAT, 2001.

COSCARELLI, C. **O fenômeno orkut**. Disponível em <http://www.universia.com.br/html/materia/materia_eeab.html>. Acesso em: 24 de abr. 2008.

COURTINE, J.-J. **A analyse du discours politique: lê discours communiste adressé aux chrétiens**. Langages 62. Paris: Larousse, 1981.

DÁVILA, SÉRGIO. **Orkut não entende seu sucesso no Brasil**. Online, 2005 Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u97858.shtml>>. Acesso em: 10 out. 2007.

DESLILE, J.; WOODSWORTH, J. (orgs.). **Os tradutores na história**. Tradução de Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1998.

DICIONÁRIO AURÉLIO. 2. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

ECKERT-HOFF, B. M. **Escritura de si e identidade**: o sujeito-professor em formação. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

ESTEVES, L. M. R. **A tradução do romance-folhetim no século XIX brasileiro**. Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, v. 42, p. 135-143, 2003.

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. São Carlos: Claraluz, 2007.

FERNBACK, J; THOMPSON, B. **Virtual Communities**: Abort, Retry, Failure? The WELL, 1995. Disponível em <<http://www.well.com/~hlr/texts/VCCivil.html>>. Acesso em: 09 abr. 2009.

FOLHA ONLINE. **Orkut não entende seu sucesso no Brasil**. 3 jul. 2005 Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u97858.shtml>>. Acesso em: 10 out. 2007.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____. *Tecnologias del yo*. In.: **Tecnologias del yo y otros textos afines**. Barcelona: Paidós Ibérica, 1991.

_____. A escrita de si. In: FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Lisboa: Vega, 1992.

_____. O sujeito e o poder. In.: DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Tradução de Andréa Daher. Consultoria de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga Sampaio. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamentos**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. Verdade e poder. In.: _____. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

_____. **Estratégia, poder-saber**. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. **A hermenêutica do sujeito.** Tradução de Márcio Alves da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Tradução de Raquel Ramallete, 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2004b.

FRAGOSO, S. **Espaço, ciberespaço, hiperespaço.** Textos de Comunicação e Cultura, n. 42, UFBA, 2000.

FROTA, M. P. **Um balanço dos estudos da tradução no Brasil.** v. XIX, p. 135-169, UFSC, 2007 (Cadernos de Tradução).

GENNARI, M. C. **Minidicionário de Informática.** 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

GIBSON, W. **Neuromancer.** Tradução de Maya Sagawa. São Paulo: Aleph, 1991.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade.** Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GLOSSÁRIO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO. Disponível em: <http://www.ait.pt/pdf/bibliografia/glossario_sociedade_informacao.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2009.

GREGOLIN, M. do R. de F. V. **Análise do discurso: os sentidos e suas movências.** In.: GREGOLIN, M. do R. de F. V.; CRUVINEL, M. de F.; KHALIL, M. G. (orgs.). **Análise do discurso: entornos do sentido.** Araraquara: UNESP, FCL, Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2001.

_____. **Análise do discurso: lugar de enfrentamentos teóricos.** In.: FERNANDES, Cleudemar A.; SANTOS, J. B. C. dos (orgs.). **Teorias linguísticas: problemáticas contemporâneas.** Uberlândia: UFU, 2003.

_____. (Org.). **Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo.** São Carlos, SP: Claraluz, 2003b.

_____. **Michel Foucault: o discurso nas tramas da história.** In.: FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. C. dos (orgs.). **Análise do discurso: unidade e dispersão.** Uberlândia: EntreMeios, 2004.

_____. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos.** São Carlos: Claraluz, 2007a.

_____ de identidades. In.: BARONAS, R. L. (org.). **Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva.** São Carlos: Pedro e João, 2007b.

GREGOLIN, M. do R. de F. V.; BARONAS, R. L. (orgs) **Análise do discurso: as materialidades do sentido.** São Carlos: Claraluz, 2003.

GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D. **Efeitos do arquivo**. A análise do discurso no lado da história. Tradução de Eni Orlandi. In: ORLANDI, E. (org.) **Gestos de leitura: da história no discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HALLEWELL, L. **O livro no Brasil**. Tradução de Maria da Penha Villalobos e Lólio Oliveira. São Paulo: T. A. Queiroz, 1995.

IANNI, O. **Metáforas da globalização**. In.: ORLANDI, E. P; LAJOLO, M.; IANNI, O. Campinas: Unicamp, 1997.

INDURSKY, F. **O sujeito e as feridas narcísicas dos linguistas**. Rio de Janeiro: EdUFF, n. 5, 1998.

JUNGBLUT, A. L. A heterogenia do mundo on-line: algumas reflexões sobre virtualização, comunicação mediada por computador e ciberespaço. In.: **Horizontes antropológicos**. ano 10, n. 21. Porto Alegre, jan./jun., p. 97-121, 2004.

KLEIMAN, Â. B.; VIEIRA, J. A. O impacto identitário das novas tecnologias da informação (Internet). In.: MAGALHÃES, I.; CORACINI, M. J.; GRIGOLETTO, M. (org.). **Práticas identitárias: língua e discurso**. São Carlos: Claraluz, 2006. v. 1, p. 117-132.

KOEPSELL, D. R. **A ontologia do ciberespaço: a filosofia, a lei e o futuro da propriedade intelectual**. Tradução de Priscila Pereira. São Paulo: Madras, 2004.

LEMOS, A. L. M. Cibercidades. In.: LEMOS, A.; PALACIOS, M. (org.). **Janelas do ciberespaço**. Comunicação e Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2000, v. 1, p. 9-38. Disponível em: <<http://unpan1.un.org/intradoc/groups/public/documents/ICIEPA/UNPAN005410.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2009.

_____. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 2. ed., Porto Alegre: Sulina. 2004.

_____. **As estruturas antropológicas do cyberespaço**. *Online* [s.d.] Disponível em: <http://br.geocities.com/esp_cultural_indigena/texto7.htm>. Acesso em: 18 jun. 2009.

_____. **Agregações eletrônicas ou comunidades virtuais?** Análise das listas facom e cibercultura. *Online* 2002. Disponível em <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/agregacao.htm>>. Acesso em: 02 jul. 2008.

LÉVY, P. **O que é virtual?**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **Cibercultura**: relatório para o Conselho da Europa no quadro do projecto “Novas tecnologias: cooperação cultural e comunicação”. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

LIESEN, M. Navegando na ciberarte: notas sobre arte e imaginário na contemporaneidade. CAOS. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, João Pessoa - PB, v. 8, n. mar., p. 74-94, 2005.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. Tradução de Mario Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MACHADO, A. **Máquina e imaginário**. 3. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

MAGALHÃES JÚNIOR, E. **Sua majestade, o intérprete**: o fascinante mundo da interpretação simultânea. São Paulo: Parábola, 2007.

MALDIDIER, D. Elementos para uma história da análise do discurso na França. Tradução de Monica Graciela Zoppi. In.: ORLANDI, E. P. **Gestos de leitura**: da história no discurso. Campinas: Unicamp, 1994.

_____. **A inquietação do discurso**: (re)ler Michel Pêcheux hoje. Tradução de Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MARCONDES-FILHO, C. Haverá vida após a Internet? In.: Revista FAMECOS, n. 16. Porto Alegre, dez. 2001.

MARSHALL, J. Governamentalidade e educação liberal. In.: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994.

MARTINS, W. **História da inteligência brasileira**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1976.

MILTON, J. (org.). *Emerging views on translation history in Brazil*. **CROP**, Revista do Curso de Língua Inglesa e Literaturas Inglesa e Norte-Americana, da FFLCH, USP, 6. ed. São Paulo: Humanitas, 2001a. v. 1.

MILTON, J. *The translations of the Brazilian Book Club*, the Clube do Livro. In.: **CROP** Revista do Curso de Língua Inglesa e Literaturas Inglesa e Norte-Americana, da FFLCH, USP, 6. ed. São Paulo: Humanitas, p. 195-245, 2001b.

_____. **O clube do livro e a tradução**. Bauru: Universidade do Sagrado Coração, 2002.

MITTMANN, S. **Notas do tradutor e processo tradutório**: análise e reflexão sob uma perspectiva discursiva. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2003.

MOMESSO, M. R. “**Técnicas de si**” na contemporaneidade: a construção do sujeito na fluidez da web 2.0. 2009. Disponível em: <http://www.mestradoemlinguistica.unifran.br/2008/producaoCientifica/ABRALIN_2009_ARTIGO_MREGINAMOMESSOOLIVEIRA.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2009.

NAVARRO-BARBOSA, P. L. O acontecimento discursivo e a construção da identidade na história. In.: SARGENTINI, V.; NAVARRO-BARBOSA, P. L. (orgs.). **Michel Foucault e os domínios da linguagem** - discurso, poder, subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004.

NOGUEIRA, M. **Orkut!**. *Revista Super Interessante*, São Paulo, ano 19, n. 9, p. 80–87, set. 2004.

NOGUEIRA, T.; TERMERO, M.; LEAL, R. Festa brasileira na rede. **Revista Época**, São Paulo, n. 326, p. 96 – 102, 16 ago. 2004.

OLIVEIRA, M. R. M. Sujeito virtual: o ser entre a simulação e a realidade. **Diálogos Pertinentes** – Revista Científica de Letras, Universidade de Franca, Franca: UNIFRAN, v.1, n.1, p. 88-101, jan./dez. 2005.

_____. Práticas de discurso e de leitura em blogs jornalísticos. In.: NASCIMENTO, E. M. F. S. (org.); OLIVEIRA, M. R. M. (org.); LOUZADA, M. S. (org.). **Processos enunciativos em diferentes linguagens**. Franca: Editora da Unifran, v. 1, p. 129-146, 2006.

_____. **Discursos, representações e gestos de leitura**: a formação do leitor entre o impresso e o digital. 2004. 230 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade Estadual “Julio de Mesquita Filho”. Araraquara.

OLIVEIRA, M. R. M.; LOUZADA, M. S. O. Jornalistas e blogueiros: cindidos nas malhas identitárias da cibermídia. In.: FIGUEIREDO, M. F.; MENDONÇA, M. C.; ABRIATA, V. L. R. (org.). **Sentidos em movimento**: identidade e argumentação. Franca: Editora Unifran, v. 3, p. 199-215, 2008.

ORLANDI, E. P. **O que é linguística?** São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. **Análise de discurso**. Princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2005.

PAES, J. P. **Tradução**: a ponte necessária. Aspectos e problemas da arte de traduzir. São Paulo: Ática, 1990.

PAGANO, A. (org.). **Metodologias de pesquisa em tradução**. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001a.

PAGANO, A. As pesquisas historiográficas em tradução. In.: A. Pagano (org.) **Metodologias de pesquisa em tradução**. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001b.

PAGANO, A.; VASCONCELLOS, M. L. **Estudos da tradução no Brasil**: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990. DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 19, p.1-25, 2003.

PAGANO, A.; MAGALHÃES, C.; ALVES, F. **Traduzir com autonomia**: estratégias para o tradutor em formação. São Paulo: Contexto, 2000.

PAGURA, R. J. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. **DELTA** - Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 19, n. Especial, p. 209-236, 2003.

PAVEAU, M. A. Reencontrar a memória: percurso epistemológico e histórico. In.: FERREIRA, M. C. L.; INDURSK, F. **Análise do discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Clara-Luz, 2007.

_____. **Reencontrar a memória**: percurso epistemológico e histórico. In.: II Seminário de Estudos em Análise do Discurso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<http://www.discurso.ufrgs.br/sead2/simposio8.html>>. Acesso em: 22 mar. 2008.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso** – uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de E. P. Orlandi et al. Campinas: UNICAMP, 1988.

_____. **O discurso** – estrutura ou acontecimento. Tradução de E. P. Orlandi. Campinas: Pontes, 1990a.

_____. Análise automática do discurso. In.: GADET, F.; HAK, T. (orgs). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethania Mariani [et al.]. Campinas: Unicamp, 1990b.

_____. Remontons de Foucault a Spinoza. In.: MALDIDIER, D. **L'inquiétude du discours**. Textes de Michel Pêcheux. Paris : Éditions des Cendres, p. 245-260, 1990c.

_____. A análise do discurso: três épocas. Tradução de Jonas Romualdo. In.: GADET, F.; HARK, T. (orgs.) **Por uma análise automática do discurso**. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: UNICAMP, 1993.

_____. Papel da memória. Tradução de José Horta Nunes. In.: **Papel da memória**. ACHARD, P. et. al. Campinas: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. Tradução de Péricles Cunha. In.: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethania S. Mariani et al. Campinas: UNICAMP, 1997.

PELIZARO, C. T.; OLIVEIRA, M. R. M. Mundo coca-cola zero: discursos e identidades inesperadas. **Diálogos Pertinentes**, v. 4, p. 135-154, 2008.

RABAÇA, C.; BARBOSA, G. G. **Dicionário de comunicação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

RAMAL, A. C. **Educação na cibercultura**: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

REVEL, J. **Foucault: conceitos essenciais**. Tradução de Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

RHEINGOLD, H. **La comunidad virtual: una sociedad sin fronteras**. Gedisa: Colección Límites de La Ciencia. Barcelona, 1996.

ROCHA, D. da S. **A tradução e a lei**. In.: RÓNAI, P. (et al.). A tradução técnica e seus problemas. São Paulo: Álamo, 1984.

ROBINSON, D. (org.). **Western translation theory: from Herodotus to Nietzsche**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2002.

ROLIM, L. M. B. J. **Práticas de tradução no Ocidente: uma retrospectiva histórica**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2006.

ROMERO, S. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

RONÁI, P. **Escola de tradutores**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/INL, 1987.

ROUSSEAU, René-Lucien. **A linguagem das cores**. 9.ed. Tradução de J Constantino Riemma. São Paulo: Editora Pensamento, 2002.

SARGENTINI, V. M. O. A descontinuidade da história: a emergência dos sujeitos no arquivo. In.: SARGENTINI, V.; NAVARRO-BARBOSA, P. L. (orgs.). **Michel Foucault e os domínios da linguagem** - discurso, poder, subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004.

SCHELP, D. Nos laços (fracos) da internet. **Revista Veja**, São Paulo, n. 27, 8 jul. 2009.

SOBRAL, A. **Dizer o “mesmo” a outros: ensaios sobre tradução**. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2008.

TEIXEIRA, T. M. L. **Análise do discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem de sentido no discurso**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

TURKLE, S. Parallel lives: working on identity in virtual space. In.: GRODIN, D.; LINDOLF, T. R. (eds.). **Constructing the self in a mediated world**. Londres: Sage, 1996.

WYLER, L. **Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003^a.

_____. Que censura? In.: **Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**. Especial Trabalhos de Tradução, p. 109-116, v. 19, 2003^b.

GLOSSÁRIO DE TERMOS DA INFORMÁTICA E INTERNET

Anti-vírus = Softwares que detectam e eliminam vírus de computador.

Bit = Menor unidade utilizada para medir quantidade de informação. Um *bit* é expresso pelo algarismo 0 ou 1.

Byte = Conjunto de 8 *bits*.

Blog = Também conhecido por *weblog*, é uma página da *web* cujas atualizações, chamadas de *posts*, são organizadas cronologicamente como um diário.

Bluetooth = Tecnologia para envio e recebimento de arquivos por ondas de rádio, sem a necessidade de fios.

Boletim eletrônico = Também chamado de *newsletter*, é uma forma de mensagem eletrônica recebida pelo usuário, via internet, após efetuar seu cadastramento em algum *site*, geralmente sobre um determinado assunto.

Buddy Poke - Boneco em formato 3D criado pelo usuário do *orkut* que possibilita a escolha de roupas, características físicas (pele, cabelo, dos olhos, bigode, barba, entre outras), humor e interação com bonecos de outros usuários tais como: beijar, paquerar, mandar flores, abraçar, entre outras formas de interação.

Cartão de memória = Dispositivo de armazenamento de dados com memória *flash* utilizado em videogames, câmeras digitais, telefones celulares, computadores entre outros aparelhos eletrônicos.

CD = Abreviação de *Compact Disc*, (disco compacto em inglês), é um dos mais populares meios de armazenamento de dados digitais.

Ciberpoeta = Poeta pós-moderno que utiliza o espaço virtual como forma de manifestação artística.

Ciberpunk = Movimento literário no gênero da ficção científica, criado nos Estados Unidos, que une altas tecnologias e caos urbano, sendo considerado como uma narrativa tipicamente pós-moderna.

Chat = *Internet Relay Chat* (IRC), ou apenas *chat*, é um protocolo de comunicação que permite a troca de arquivos e conversas em grupo ou privada. Muito popular no fim dos anos 1990, o *chat* decaiu e foi substituído por mensageiros instantâneos como o *MSN* e *sites* como o *orkut*.

CMC = Comunicação Mediada por Computadores é aquela que liga dois indivíduos através da transmissão de dados em uma rede de computadores. Dentre as mais conhecidas está o *e-mail*, os fóruns de discussão, os canais de notícias, a recente telefonia, etc. Seu principal expoente hoje é a Internet.

Comunicação síncrona = Forma de comunicação que exige a participação simultânea de todos os envolvidos, entre elas o *chat*, a videoconferência e alguns ambientes de realidade virtual como os *MUDs* e os *MOOs*.

Comunicação assíncrona = Forma de comunicação que não exige a participação em tempo real dos envolvidos, entre elas os correios eletrônicos (*e-mails*), os fóruns ou listas de discussão, os boletins eletrônicos (*newsletter*), as comunidades virtuais e o *orkut*.

Comunidade moderada = Comunidade cujo conteúdo é controlado por um dono ou mediador e não permite a postagem de mensagens anônimas.

Comunidade virtual = São redes de interesse que possibilitam a socialização por meio do debate de temas em fóruns de discussão.

Cracker = Sujeito que pratica ilegalmente a quebra (*cracking*) de um sistema de segurança de programas, redes e computadores alheios.

Disco rígido = Também conhecido como *HD (hard disk)*. É a parte do computador onde são armazenados os dados.

Disquete = Disco removível para armazenamento de dados no computador.

DVD = Abreviatura de *Digital Video Disk*. É um disco óptico para armazenar sons, imagens e/ou informações digitais.

E-commerce = Comércio eletrônico ou ainda comércio virtual.

E-mail = Método que permite compor, enviar e receber mensagens por meio de sistemas eletrônicos de comunicação. O termo *e-mail* é aplicado tanto aos sistemas que utilizam a Internet e são baseados no protocolo SMTP, como aqueles sistemas conhecidos como *intranets*, que permitem a troca de mensagens dentro de uma empresa ou organização.

Facebook = Maior rede digital de relacionamento *do mundo*.

Fakes = Termo usado para denominar contas ou perfis falsos usados na internet.

FAQs = *Frequently Asked Questions* (em português, "perguntas mais frequentes"). É uma compilação das perguntas mais frequentes acerca de um determinado assunto.

Fórum de discussão = Páginas de Internet destinada a promover debates por meio de mensagens publicadas, abordando uma mesma questão.

Fotolog = Também conhecido por *fotoblog* ou *flog*. É um registro publicado na World Web semelhante ao *blog* mas com predominância de fotos ao invés de texto. A palavra é uma abreviação de "*photo*" (foto) e "*blog*" (diário).

Google = Nome da empresa que criou e mantém o maior site de busca da internet, o Google Search. O serviço foi criado a partir de um projeto de doutorado dos então estudantes Larry Page e Sergey Brin da Universidade de Stanford em 1996.

Hacker = Usuário ou programador com grande conhecimento sobre o funcionamento de computadores e sistemas de rede. A palavra *hacker*, em inglês, é sinônimo de *expert*, alguém com conhecimentos profundos sobre um determinado assunto. Com o tempo, o termo passou a ser erroneamente confundido com *cracker*, sujeito que pratica ilegalmente a quebra (*cracking*) de um sistema de segurança de programas, redes e computadores alheios.

Home page = Página inicial de um *site* da internet.

Home banking = Serviço que permite ao cliente do banco consultar e manipular contas bancárias via internet.

ICQ = Programa de comunicação instantânea pela Internet. A sigla é um acrônimo baseado na pronúncia das letras em inglês (*I Seek You*), em português, "Eu procuro você".

Internauta = Usuário da Internet.

Internet = Rede mundial de computadores que permite o acesso a informações e transferência de dados e mensagens por meio de um protocolo comum.

IRC = Sigla de *Internet Relay Chat*. Um protocolo de comunicação utilizado na Internet basicamente para bate-papo (*chat*) e troca de arquivos, permitindo a conversa em grupo ou privada.

Karma = Recurso do *orkut* onde o usuário pode distribuir elogios a outros usuários do *orkut*.

Layout = Diagramação, esboço, desenho.

Link = Termo em inglês que significa "ligação". Formado por texto ou imagem que, num documento de hipertexto, leva a outros documentos e *sites*. Geralmente, vem destacado na página.

Lista de discussão = Ferramenta da Internet que permite a um grupo de pessoas a troca de mensagens entre os membros de um grupo.

Mangá = Palavra usada para designar as histórias em quadrinhos japonesas que se destacam por seus traços estilizados e, na grande maioria das vezes, totalmente em branco e preto. A leitura difere-se da ocidental sendo feita da direita para a esquerda.

Mediador = Em comunidades moderadas, o mediador ou moderador é o encarregado de analisar o conteúdo das mensagens a serem postadas e de tomar qualquer tipo de decisão, desde aceitar a adesão de novos membros até mesmo bani-los da comunidade.

Moderada (comunidade) = Comunidade cujo conteúdo é controlado por um mediador ou moderador e não permite a postagem de mensagens anônimas.

Moderador = Em comunidades moderadas, o moderador é o encarregado de analisar o conteúdo das mensagens a serem postadas e de tomar qualquer tipo de decisão, desde aceitar a adesão de novos membros até mesmo bani-los da comunidade.

Monitores múltiplos = Dois ou mais monitores conectados a um único computador permitindo a visualização de programas diferentes em cada tela.

MOOs = Sigla de *Multi-User Object Oriented Environment*. É um sistema de acesso multi-usuário, programável, interativo, para criação de ambientes em realidade virtual baseada em texto, visando jogos, conferências, bate-papo *on-line* e outras atividades que requerem comunicação em tempo real.

MSN = Abreviação de *Messenger* (em português, mensageiro). É um programa de mensagens instantâneas criado pela Microsoft Corporation que permite ao usuário da Internet se relacionar com outro que tenha o mesmo programa em tempo real, podendo ter uma lista de amigos virtuais e acompanhar quando eles entram e saem da rede.

MUDs = Sigla de *Multi-User Dungeon*. É uma modalidade de jogo de RPG via Internet em tempo real e modo texto.

OCR = Sigla de *Optical Character Recognition* (Reconhecimento óptico de caracteres). São *softwares* que permitem a leitura de textos digitalizados por um *scanner*, transformando-os em documentos em arquivo de texto editável.

Online = Estado em que um computador está conectado a outro computador ou servidor através de uma rede.

Orkut = Rede digital de socialização filiada ao Google. Criada em 24 de janeiro de 2004 com o objetivo de ajudar seus membros a criar novas amizades e manter relacionamentos. Seu nome é originado em seu criador, o projetista chefe *Orkut Buyukkokten*, engenheiro turco do Google.

Pager = Aparelho receptor de mensagens transmitidas por radiofrequência.

Pendrive = Disco removível de armazenamento constituído por uma memória *flash*.

Podcast = Também chamado de *podcasting*. São arquivos de áudio, vídeo e fotos que podem ser acessados pela internet. A palavra "*podcasting*" é uma junção de *iPod* (um aparelho que toca arquivos digitais em MP3/MP4) e *broadcasting* (transmissão de rádio ou TV).

Polls = Enquetes realizadas nas comunidades virtuais do *orkut* com o intuito de colher opiniões dos membros de forma quantitativa.

Processador de texto = Programa de computador utilizado para a criação de documentos simples a arquivos profissionais.

RFID = Abreviação de *Radio-Frequency Identification* que em português significa Identificação por Rádio Frequência.

RPG = *Role Playing Games* (em português, "jogo de interpretação de papéis"). É um forma de jogo em que os jogadores assumem os papéis de personagens e criam narrativas colaborativamente.

Scanner = Periférico de entrada responsável pela digitalização de imagens, fotos e textos impressos para o computador.

Scrap = Recados postados pelos membros do *orkut* na página de recados (*scrapbook*).

Scrapbook = Página de recados do *orkut*.

Second Life = Ambiente virtual e tridimensional que simula em alguns aspectos a vida real e social do ser humano. Desenvolvido em 2003 pela empresa Linden Lab. Pode ser considerado um jogo, um mero simulador, um comércio virtual ou uma rede social. Seu nome significa, em português, "segunda vida" ou "vida paralela".

Skype = Empresa de comunicação via Internet que permite comunicação de voz e vídeo grátis entre os usuários do *software*.

Site = Também chamado de *website*. Conjunto de páginas da *Web* acessíveis pelo protocolo HTTP (Hypertext Transfer Protocol, que em português significa Protocolo de Transferência de Hipertexto) na Internet.

Spam – Também chamado de lixo eletrônico. Mensagens não desejadas geralmente em forma de propaganda ou mensagens de correio eletrônico não solicitadas.

Streaming = Tecnologia para envio de áudio e vídeo pela Internet. Em português significa fluxo contínuo.

Testemunho = Recurso do *orkut* utilizado para a postagem de depoimentos sobre amigos.

Twitter = Rede digital de socialização. A segunda mais popular no Brasil depois do *orkut*.

Videoconferência = Discussão que permite o contacto visual e sonoro entre pessoas que estão em lugares diferentes, dando a sensação de que os interlocutores encontram-se no mesmo local. Permite não só a comunicação entre um grupo, mas também a comunicação pessoa-a-pessoa.

Videologs = Também chamado de *Videoblog* ou *Vlog*, é uma variante dos *blogs* cujo conteúdo principal consiste em vídeos. Os vídeos são exibidos diretamente em uma página, sem a necessidade de se fazer download do arquivo.

Web = Abreviatura de WWW (*World Wide Web*) conhecida em português por Rede Mundial de Computadores.

Webcam = Câmera de vídeo que capta imagens, transferindo-as de modo quase instantâneo ao computador, podendo ser utilizada em uma grande gama de aplicativos tais como videoconferência, editores de vídeo, editores de imagem, monitoramento de ambientes, entre outros.

Website = Ou simplesmente *site*. Conjunto de páginas da *Web* acessíveis pelo protocolo HTTP (*Hypertext Transfer Protocol*), que em português significa Protocolo de Transferência de Hipertexto) na Internet.

Wi-Fi = Abreviatura de *Wireless Fidelity*. Tecnologia de rede que permite o acesso sem fio à internet e à comunicação entre computadores.

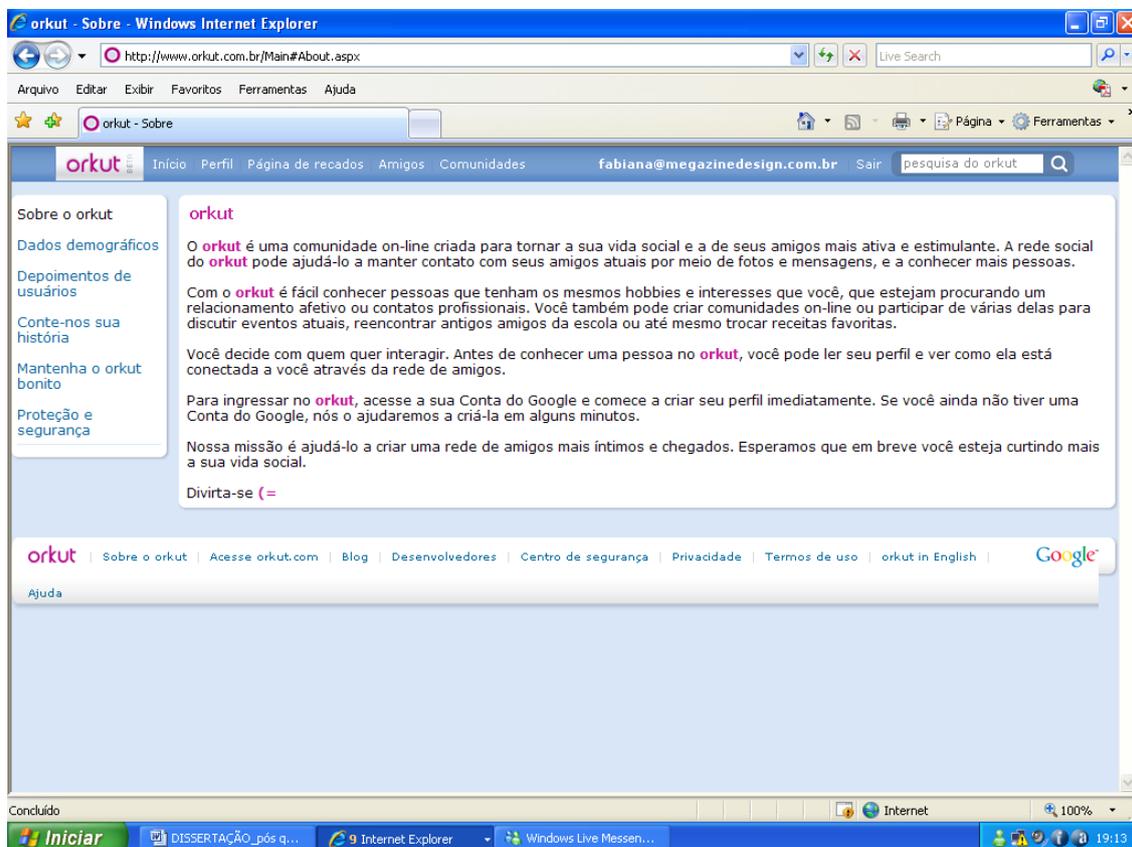
Youtube = Site que permite que seus usuários carreguem, assistam e compartilhem vídeos em formato digital.

Zipdrive = Sistema de disco removível semelhante ao disquete.

ANEXOS

ANEXO A

PÁGINA DE APRESENTAÇÃO DO ORKUT



ANEXO B

PÁGINA DE PERFIL DE USUÁRIO DO ORKUT

The screenshot shows the Orkut user profile for Fabiana Parpinelli G Fernandes. The browser window is titled "orkut - Meu perfil - Windows Internet Explorer" and the address bar shows "http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?uid=13359141180977324919". The profile header includes the user's name, a "Defina seu status aqui" field, and a "Quem vê meu perfil assim?" dropdown set to "só eu". The profile information section lists: "quem sou eu: Precisaria de mais 10 vidas para dar conta de tudo o que quero fazer...", "Para me add, deixe um scrap - é a idade, sabe???", "MSN: fabianaparpinelli@hotmail.com", "idade: 38", "aniversário: 16 fevereiro", "local: Brasil", and "relacionamento: casado(a)". The "meus amigos (200)" section shows a grid of friend avatars, including Drili, Eh uma menina!, Bruna, Talita, t6 rafa t6, EBONY SOUL, Kathleen R., Luciana, and Judy. The "minhas fotos recentes (73)" section displays a row of six photo thumbnails. The left sidebar contains navigation links for "perfil", "recados", "fotos", "vídeos", "depoimentos", "eventos", "Apps", "listas", "mensagens", "atualizações", "configurações", and "spam". The bottom of the browser window shows the Windows taskbar with the "Iniciar" button and several open applications.

This screenshot shows the "meus depoimentos" (my testimonials) section of the Orkut profile. The browser window is the same as in the previous screenshot. The "meus depoimentos" section contains three testimonials, each with a small profile picture of the user and their text:

- Antonieta:** "You are great, Fabi. Did you know?! As my teacher you was teaching me not only to be a good translator, but also to be a good person, a respectable professional. Thank you. (Please, forgive me, my vocabulary is very poor yet! But I'll improve it soon!!!). Kisses a lot"
- Vanessa:** "Oi Bi... obrigada pelo que vc disse e, também te acho uma grande irmã, zelosa mãe de 2 garotinhos que AMO DEMAIS, ótima amiga, grande profissional, Beijos... TE AMO MUITO, VÁ!"
- D@nizinh@:** "A Fabi é uma excelente teacher e, acima de tudo, uma grande amiga. Me ensinou a ver minha futura profissão com outros olhos (valeu por isso, tá?). Bom, é isso ae, uma pessoa maravilhosa! Saudades, Fabi. Grande bjo!"

 Below the testimonials is a "ver todos os depoimentos" link. To the right, the "minhas comunidades (46)" section is visible, showing a grid of community thumbnails such as "OS ÚLTIMOS DE 4 DA UNIFRAN (12)", "Planeta Tradução (119)", "UNIFRAN: MODA (128)", "Cultura Inglesa - Franca/SP (361)", "Tradução Literária (807)", and "16 de Fevereiro (634)". The footer of the browser window shows the Orkut logo, navigation links, and the Google logo. The Windows taskbar at the bottom is also visible.

ANEXO C

PÁGINA DE COMUNIDADE DO ORKUT

orkut - Tradutores/Intérpretes BR - Windows Internet Explorer

http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=50302

orkut - Tradutores/Intérpretes BR

Tradutores/Intérpretes BR
Início > Comunidades > Culturas e Comunidade > Tradutores/Intérpretes BR

descrição: Comunidade para tradutores e intérpretes brasileiros. Debate sobre formação profissional, cursos, mercado, ferramentas, terminologia, remuneração, teoria...

- Ingrese na lista da comunidade para emergências:
<http://groups.google.com/group/tradint-br>

- Se você acaba de chegar, antes de fazer uma pergunta veja se a **FAQ** não contém a resposta que você quer:
<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=50302&tid=2479527470873797655>

- **Não solicite serviços grátis. Essa proibição engloba todo e qualquer tipo de serviço não-remunerado, inclusive os voluntários.**

- Se precisa de traduções **remuneradas**, deixe sua mensagem e inclua o par de línguas.

- Se for tradutor e estiver procurando serviço, ingresse na comunidade, participe dos debates, **mas não ofereça seus serviços.**

- Pense duas vezes antes de postar: o apagamento de mensagens é desaconselhado pelos moderadores.

- **Mais detalhes do funcionamento:**
<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?>

membros (8184)

Cida, Marcela, Mariana, Masailuo, Bernardo, xpatix, Aleida, Roberta

comunidades relacionadas

Interpretação Simultânea, Alumni- tradução /inter, Tradução Literária (649)

orkut - Tradutores/Intérpretes BR - Windows Internet Explorer

http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=50302

orkut - Tradutores/Intérpretes BR

idioma: **Português (Brasil)**

categoria: Culturas e Comunidade

dono: Mod. . .

moderadores: Moderatrix, P, I, Sr. Imoderado, :8

tipo: moderada

privacidade do conteúdo: aberta para não-membros

fórum: não-anônimo

local: Brasil

criado em: 30 de abril de 2004

membros: 8.184

fórum

tópico	postagens	última postagem
<input type="checkbox"/> Bureautranslations.com	70	02/03/09
<input type="checkbox"/> Promessas que não cumpri	17	02/03/09
<input type="checkbox"/> Onde foi parar...?	2	02/03/09
<input type="checkbox"/> OFF TOPIC - uma ajuda simples...	82	02/03/09
<input type="checkbox"/> Seriadods!	292	02/03/09

[novo tópico](#) [denunciar spam](#) [ver todos os tópicos >>](#)

Qual a remuneração mensal média para um tradutor qualificado?
Sem vínculo empregatício
Criado por: Lucio

orkut - Tradutores/Intérpretes BR - Windows Internet Explorer

http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=50302

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

orkut - Tradutores/Intérpretes BR

Entre R\$ 1.500,00 e R\$ 2.000,00 5 votos (6%)

Entre R\$ 2.000,00 à R\$ 2.500,00 7 votos (8%)

Entre R\$ 2.500,00 e R\$ 3.000,00 9 votos (11%)

Entre R\$ 3.000,00 e R\$ 4.000,00 15 votos (18%)

Entre R\$ 4.000,00 e R\$ 5.000,00 9 votos (11%)

Entre R\$ 5.000,00 e R\$ 6.000,00 10 votos (12%)

Acima de R\$ 6.000,00 20 votos (25%)

= seu voto (visível para outros) **total: 79 votos**

[denunciar spam](#) [mostrar comentários sobre esta enquete >>](#)

enquetes

<input type="checkbox"/>	pergunta	votos	fecha
<input checked="" type="checkbox"/>	Qual a sua produtividade diária?	57	
<input checked="" type="checkbox"/>	Qual a remuneração mensal média para um tradutor qualificado?	79	
<input checked="" type="checkbox"/>	Com que frequência você utiliza softwares CAT?	87	
<input checked="" type="checkbox"/>	Onde você trabalha?	186	
<input checked="" type="checkbox"/>	O que te incomoda na profissão?	153	

[nova enquete](#) [denunciar spam](#) [ver todas as enquetes >>](#)

eventos

titulo	local	cidade	quando
<input type="checkbox"/>			

Internet 100%

Iniciar DISSERTAÇÃO_pós q... 9 Internet Explorer Windows Live Messen... 18:47

orkut - Tradutores/Intérpretes BR - Windows Internet Explorer

http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=50302

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

orkut - Tradutores/Intérpretes BR

enquetes

<input type="checkbox"/>	pergunta	votos	fecha
<input checked="" type="checkbox"/>	Qual a sua produtividade diária?	57	
<input checked="" type="checkbox"/>	Qual a remuneração mensal média para um tradutor qualificado?	79	
<input checked="" type="checkbox"/>	Com que frequência você utiliza softwares CAT?	87	
<input checked="" type="checkbox"/>	Onde você trabalha?	186	
<input checked="" type="checkbox"/>	O que te incomoda na profissão?	153	

[nova enquete](#) [denunciar spam](#) [ver todas as enquetes >>](#)

eventos

titulo	local	cidade	quando
<input type="checkbox"/>	Curso de Tradução para Legendagem - INGLÊS	BRASILLIS IDIOMAS - IPANEMA	RIO DE JANEIRO em 4 dias
<input type="checkbox"/>	Pós-graduações em tradução de espanhol e de inglês	Vários	Várias capitais em 1 semana
<input type="checkbox"/>	Conference ... Legi-Linguistics ... Poland	Polônia	Poznan em 4 meses

[novo evento](#) [denunciar spam](#) [ver todos os eventos >>](#)

orkut | Sobre o orkut | Acesse orkut.com | Blog | Desenvolvedores | Centro de segurança | Privacidade | Termos de uso | orkut in English | Google

Ajuda

Internet 100%

Iniciar DISSERTAÇÃO_pós q... 9 Internet Explorer Windows Live Messen... 18:48

ANEXO D

RESULTADO DE PESQUISA SOBRE “TRADUÇÃO”

orkut - Pesquisar - Windows Internet Explorer

http://www.orkut.com.br/Main#UniversalSearch.aspx?searchFor=C&q=tradu%C3%A7%C3%A3o

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

orkut - Pesquisar

Fabiana Parpinelli G Fernandes
feminino, casado(a)
Brasil

perfil editar
recados
fotos
vídeos
depoimentos
eventos

Apps editar
adicionar apps
listas
mensagens
atualizações
configurações
spam

Resultados de pesquisa para tradução *refinar os resultados*

Resultados 1 - 12 de 892 1 2 3 4 5 >

publicidade

AMK Translation Services
Empresa de **Traduções**: Qualidade e Agilidade (11) 3569-9636
www.AMKtraducoes.com.br

Anúncios Google

Resultados da minha rede de amigos:

Não fale mal da tradução!
Categoria: Escolas e Cursos (1.093)
Local: Brasil
Todo mundo fala mal de tradução... reclama das legendas dos filmes, da dublagem, dos livros...mas o que você sabe sobre tradução? Só falar mal é muito fácil, né? e não ajuda em nada!!O objetivo dessa...

Tradução Literária
Categoria: Artes e Entretenimento (807)
Local: Brasil
Janeiro 2009, atualizando sem mudar muito ...
Comunidade dedicada à tradução "de livros". Continuo com dúvidas sobre o que seja "literatura". E atualmente tenho certeza de que pouquíssima gente t...

Legendagem e Tradução
Categoria: Artes e Entretenimento (796)
Local: Brasil
Grupo dedicado à legendagem profissional, abrangendo aspectos linguísticos, técnicos e comerciais.
Tópicos: Legendagem, tradução, tecnologia, mercado de trabalho.

categorias mais usadas:
Música
Jogos
Artes e Entretenimento
Escolas e Cursos

tópicos

filtrar por local:
Brasil
Outros países

filtrar por idioma:
Português (Brasil)

18:51

orkut - Pesquisar - Windows Internet Explorer

http://www.orkut.com.br/Main#UniversalSearch.aspx?searchFor=C&q=tradu%C3%A7%C3%A3o

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

orkut - Pesquisar

Tradução Jurídica
Categoria: Negócios (649)
Local: Brasil
Um local destinado a pessoas que compartilham um interesse na área de tradução jurídica, que pode ser usado para trocar informações, tirar dúvidas e fazer contatos de trabalho.
Precisando de Tradu...

Tradução: Inglês/Português
Categoria: Culturas e Comunidade (484)
Local: Brasil
Comunidade para a troca de experiências tradutórias e ajuda com traduções do Inglês para o Português e vice-versa. Assuntos relacionados a tradução sobre esses dois idiomas. Aqui vamos levar a Traduçã...

TRADUÇÃO UNESP S. J. RIO PRETO
Categoria: Alunos e Escolas (431)
Local: Brasil
"Comunidade de alunos, ex-alunos, professores e ex-professores do curso de Tradução da Unesp/Ibilce de São José do Rio Preto".
NOSSO HINO...
"(...)CERVEJA, MACONHA E HOMEM EM EXTINÇÃO,
UNESP, RIO P...

Estudos da Tradução
Categoria: Escolas e Cursos (250)
Local: Brasil
Estudos da Tradução é um campo disciplinar já consolidado e abrangente.
Nesta comunidade, discutem-se aspectos teóricos e práticos da tradução.
The foundation [of translation] is laid by carefu...

Planeta Tradução
Categoria: Cursos (110)

18:51

ANEXO E

RESULTADO DE PESQUISA SOBRE “TRADUTOR” E “TRADUTORES”

orkut - Pesquisar - Windows Internet Explorer
 http://www.orkut.com.br/Main#UniversalSearch.aspx?searchFor=C&q=tradutor

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

orkut - Pesquisar

Resultados de pesquisa para tradutor
 Início > Pesquisar

todos os resultados usuários comunidades tópicos

Pesquisar novamente: tradutor
 filtro de segurança ativado

Resultados de pesquisa para tradutor

Resultados 1 - 12 de 130 1 2 3 4 5 >

Resultados em meu país (Brasil):

Quero ser tradutor/intérprete
 Categoria: Pessoas (757)
 Local: Brasil
 Você que sonha em ser tradutor/intérprete, ser um daqueles que ficam repetindo e traduzindo simultaneamente tudo o que alguém fala para outra pessoa, ou até mesmo ficar traduzindo livros para outras l...

Tradutor não é dicionário!
 Categoria: Outros (687)
 Local: Brasil
 Esta comunidade foi criada com intuito de valorizar a área da tradução e eliminar o preconceito que ronda esse trabalho.
 - Você não aguenta mais o fato de ser requisitado constantemente por pessoas p...

Tradutor por formação
 Categoria: Escolas e Cursos (508)
 Local: Brasil
 Pra você que não gastou seu tempo a toa fazendo uma Faculdade de Tradução e que não admite que pessoas que não são formadas riemem seu empree...

filtrar por tipo:
 todos os resultados
 usuários
 comunidades
 categorias mais usadas:
 Alunos e Escolas
 Escolas e Cursos
 Outros
 Computadores e Internet
 tópicos

filtrar por local:
 Brasil
 Outros países

filtrar por idioma:
 Português (Brasil)

publicidade
Tradutor
 Envie seu currículo para mais de 140 mil vagas. 7 dias grátis!
 EmpregoCerto.UOL.com.br
 AMK Translation Services
 Empresa de Traduções: Qualidade e

Iniciar DISSERTAÇÃO_pós q... 9 Internet Explorer Windows Live Messen... Internet 100% 20:11

orkut - Pesquisar - Windows Internet Explorer
 http://www.orkut.com.br/Main#UniversalSearch.aspx?searchFor=C&q=tradutores&loc=C

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

orkut - Pesquisar

Resultados de pesquisa para tradutores
 Início > Pesquisar

todos os resultados usuários comunidades tópicos

Pesquisar novamente: tradutores
 filtro de segurança ativado

Resultados de pesquisa para tradutores
 Brasil - remover filtros

Resultados 1 - 12 de 61 1 2 3 4 5 >

Resultados da minha rede de amigos:

Tradutores/Intérpretes BR
 Categoria: Culturas e Comunidade (8.184)
 Local: Brasil
 Comunidade para tradutores e intérpretes brasileiros. Debate sobre formação profissional, cursos, mercado, ferramentas, terminologia, remuneração, teoria...
 - Ingrese na lista da comunidade para e...

Tradutores/Intérpretes
 Categoria: Negócios (1.990)
 Local: Brasil
 comunidade de profissionais nas áreas de tradução e interpretação, para troca de experiências, comunicados e eventos na área e oferta de trabalhos.

peça seu orçamento sem compromisso: [/...]

filtrar por tipo:
 todos os resultados
 usuários
 comunidades
 categorias mais usadas:
 Negócios
 Alunos e Escolas
 Culturas e Comunidade
 Escolas e Cursos
 tópicos

filtrar por local:
 Brasil
 Outros países

filtrar por idioma:
 Português (Brasil)

Iniciar DISSERTAÇÃO_pós q... 9 Internet Explorer Windows Live Messen... Internet 100% 20:13

ANEXO F

PÁGINA DE REGRAS DA COMUNIDADE TRADUTORES/INTÉRPRETES BR

orkut - Mensagens - Windows Internet Explorer

http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=50302&tid=2492145893692772980

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

orkut - Mensagens

Regras desta comunidade

Início > Comunidades > Culturas e Comunidade > Tradutores/Intérpretes BR > Fórum: > Mensagens

mostrando 1-5 de 5 primeira < anterior próxima > última

Pablo 19 jan

Ingresso na comunidade:
É expressamente vedado o ingresso nesta comunidade de spammers, perfis falsos e perfis de organizações. Os moderadores da comunidade avaliam cada perfil que solicita o ingresso e se julgarem que se trata de um perfil inadequado rejeitarão a solicitação. O critério é altamente subjetivo em muitos casos, de modo que se você crê que deveria ser aceito, por favor deixe uma mensagem ao dono da comunidade. Particularmente, se o seu perfil não tem amigos ou tem muito poucos, se não apresenta um mínimo de informações pessoais e/ou se não tem recados, é possível que você não seja aceito sem deixar um recado ao dono. Se o seu perfil está bloqueado e os moderadores não puderem vê-lo também é provável que a sua solicitação não seja aceita.

Calotes
Não denuncie calotes aqui. Para fazer isso, use os fóruns adequados, como as listas PP Brasil, PP e WPPF. Antes de aceitar trabalhos oferecidos pela comunidade, leia o tópico "Como se proteger de calotes": <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=50302>

PP Brasil: http://tech.groups.yahoo.com/group/pp_brasil/
PP: <http://www.paymentpractices.net/>
WPPF: <http://tech.groups.yahoo.com/group/WPPF/>

Qualquer tópico que os moderadores julguem que causa problemas ao bom funcionamento da comunidade ou à boa convivência poderá ser apagado, com ou sem aviso.

Pablo 19 jan

Regras desta comunidade

Solicitação de serviços de tradução:
Você pode solicitar serviços de tradução aqui. Ao solicitar serviços, por favor dê detalhes sobre o assunto, línguas envolvidas, volume e caráter do serviço (pontual, regular, contrato, CLT...). É gentileza avisar quando já tenha contratado um profissional. Em tópicos abertos para solicitar serviços de

Concluído

Windows taskbar: Iniciar, dissertação revisad..., mestrado, Maria Angela.pdf, orkut - Mensagens, http://www.unifran...

orkut - Mensagens - Windows Internet Explorer

http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=50302&tid=2492145893692772980

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

orkut - Mensagens

tradução se pede a todos os membros da comunidade que mantenham de modo especialmente atento um tom cortês e respeitoso. Particularmente, pede-se não hostilizar de modo nenhum a quem solicitar serviços de tradução remunerados. Qualquer problema entre prestadores de serviço e clientes, potenciais ou efetivos, deverão ser resolvidos fora deste espaço.

Oferta de serviços de tradução:
Não é permitido oferecer serviços de tradução nesta comunidade. Lembre-se de que teoricamente todos aqui somos tradutores e/ou intérpretes, então raramente somos clientes de serviços de tradução (e quando somos, geralmente temos parcerias mais ou menos estáveis). Tópicos que ofereçam serviços de tradução serão sumariamente apagados.

Solicitação de traduções gratuitas:
Esta é uma comunidade de tradutores, profissionais que vivem da tradução. Pedir uma tradução gratuita aqui é como ir no médico e pedir uma consulta de graça. Se você pedir uma tradução gratuita e for ignorado ou até mesmo alguém lhe explicar que não é possível, por favor seja compreensivo.

Consultas referentes a textos:
Consultas terminológicas certamente são permitidas. O pessoal da comunidade costuma colaborar com colegas tradutores em apuros. De todos modos, se você não recebeu ajuda, não se aborrece, por favor. Ao fazer uma consulta, não se esqueça de informar o contexto, seja o texto ao redor ou informação sobre o tipo de texto, área, e qualquer outro dado que seja relevante para o significado. Também é de bom tom, e prática recomendada, voltar depois da consulta para dizer qual foi a escolha feita, especialmente se você recebeu ajuda.

Pablo 19 jan

Anúncios de produtos ou serviços:
Estão expressamente proibidos os anúncios de produtos e serviços não relacionados com a tradução, inclusive cursos de línguas. Produtos e serviços que tenham como público alvo especificamente os tradutores (e a critério dos moderadores) só poderão ser oferecidos neste tópico: <http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=50302&tid=2492145638142218868> Obs.: Cursos e eventos tradutórios que acontecem eventualmente não são considerados produtos nem serviços, e sim eventos. Se alguém vender licenças de CATs, equipamentos portáteis de interpretação simultânea, se alguém oferecer consultoria remunerada de algum tipo específica para tradutores ou intérpretes etc., deve fazê-lo naquele tópico. Cursos de CAT, de legendagem, de qualquer coisa que seja para tradutores e intérpretes podem ser organizados na seção de eventos, mas como essa seção é meio invisível não há nada contra que se crie um tópico para o curso tal, para a palestra qual, ou o que seja, até porque facilita as perguntas que as pessoas queiram fazer.

Windows taskbar: Iniciar, dissertação revisad..., mestrado, Maria Angela.pdf, orkut - Mensagens, http://www.unifran..., 100%, 06:35

ANEXO G

PÁGINA DE FAQ (FREQUENT ASKED QUESTIONS)

orkut - Mensagens - Windows Internet Explorer

http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=50302&tid=2479527470873797655

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

orkut - Mensagens

FAQ

Início > Comunidades > Culturas e Comunidade > Tradutores/Intérpretes BR > Fórum: > Mensagens

mostrando 1-10 de 25 primeira | < anterior | próxima | > última

03/08/06

Brielen

FAQ

- *Para tradutores novatos e candidatos a tradutor
<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=50302&tid=4974910>
- *Instituições que oferecem o curso
<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=50302&tid=4773149>
- *Aspirante à tradutora
<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=50302&tid=6988001>
- *Como começar
<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=50302&tid=11874494>
- *Esclarecimentos sobre interpretação simultânea
<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=50302&tid=8717882>
- *Quais são as dicas para se conseguir trabalho?
<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=50302&tid=3044965>
- *Alguém me dá uma ajuda aí
<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=50302&tid=13551949>
- *Viver de tradução
<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=50302&tid=11739238>
- *Regulamentação
<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=50302&tid=8102984>
- *Sugestão aos iniciantes
<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=50302&tid=7655080>
- *Tradução x versão
<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=50302&tid=12988227>

Tradutores/Intérpretes BR (8.184 membros)

- fórum
- enquetes
- eventos
- membros
- ver perfil

Internet 100% 18:56

orkut - Mensagens - Windows Internet Explorer

http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=50302&tid=2479527470873797655

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

orkut - Mensagens

- *Tradução x versão
<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=50302&tid=12988227>
- *Ser Tradutor
<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=50302&tid=9081004>
- *Quem tem curso superior de tradução
<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=50302&tid=9081004>
- *Como não começar
<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=50302&tid=7689022>
- *Para iniciantes
<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=50302&tid=18524652>
- *Faculdade
<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=50302&tid=2435129917190937524>
- *Por favor, recomendem cursos
<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=50302&tid=137455>
- *Como Cobrar (formas e clientes diferentes):
<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=50302&tid=2442939084723452879>
- *Exame da ATA:
<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=50302&tid=2444838757336875988>
- *Documentos formatados (mencionam o Wordfast):
<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=50302&tid=2441612478833505339>
- *Precisando aumentar o preço:
<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=50302&tid=2443898099367725413>
- *Deixar em inglês ou traduzir:
<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=50302&tid=2440514590703766061>

* Val *

Glossários

- * Links para glossários em geral, sobre vários assuntos
<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=50302&tid=18366789>

21/08/06

Internet 100% 18:56

ANEXO H

PÁGINA DE AVISO DE PRIVACIDADE DO ORKUT

http://www.orkut.com/html/pt-BR/privacy.orkut.html?rev=5 - Windows Internet Explorer

http://www.orkut.com/html/pt-BR/privacy.orkut.html?rev=5

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

http://www.orkut.com/html/pt-BR/privacy.orkut.html...

Aviso de privacidade do orkut

18 de fevereiro de 2009

A [Política de Privacidade do Google](#) descreve como tratamos as informações pessoais quando você utiliza os produtos e serviços do Google, incluindo as informações fornecidas por você ao utilizar o orkut. Além disso, descrevemos a seguir nossas práticas de privacidade adicionais específicas do orkut. Se você estiver usando o Google Talk juntamente com o orkut, consulte o [Aviso de privacidade do Google Talk](#) para obter informações sobre nossas práticas de privacidade específicas do Google Talk.

Informações pessoais

- Você precisa de uma [Conta do Google](#) para usar o orkut. Ao se inscrever no Google, solicitaremos algumas informações pessoais para criar uma Conta do Google, incluindo seu endereço de e-mail e uma senha, que será usada para proteger sua conta contra acessos não-autorizados. A Conta do Google permite que você acesse muitos dos nossos serviços que exigem inscrição.
- Como membro do orkut, você pode criar um perfil ou uma comunidade do orkut que inclua informações pessoais, como sexo, idade, profissão, hobbies e interesses, além de outros conteúdos, tais como fotos. Estas informações podem ser acessadas e visualizadas por outros membros do orkut, conforme determinado por suas configurações de privacidade.
- Quando você convida novos membros a participarem da sua rede ou envia mensagens pelo serviço do orkut, o Google coleta e armazena as informações associadas às mensagens, incluindo os endereços de e-mail e o conteúdo.
- Quando você envia e recebe mensagens SMS para ou do site do orkut, o Google coleta e armazena informações associadas a essas mensagens, como o número do telefone, a operadora de celular associada ao número do telefone, o conteúdo da mensagem e a data e a hora da transação.

Usos e compartilhamento de informações

- O Google armazena e processa suas informações pessoais e o conteúdo de suas mensagens para fornecer à sua conta do orkut acesso e permissão de uso dos serviços do orkut, além das finalidades descritas na Política de Privacidade do Google. As informações do seu perfil são exibidas de acordo com as preferências definidas na conta.
- Quando você envia mensagens pelo orkut, o seu nome e endereço de e-mail aparecem na mensagem. Também usamos o seu nome e endereço de e-mail para notificar você sobre novos membros, mensagens ou outras informações, como convites para entrar na rede de um amigo, um novo depoimento ou classificações de "fã" e avisos de paquera.
- Se você convidar outra pessoa a participar do orkut, nós usaremos o nome e o endereço de e-mail que você fornecer para entrar em contato com ela e, caso necessário, para lembrar à pessoa que ela foi convidada a participar do orkut. Os convidados poderão optar por não receber outros convites do orkut.
- Amigos ou outras pessoas que saibam seu endereço de e-mail podem usá-lo para procurar se você tem um perfil do orkut registrado com esse endereço de e-mail e qual perfil do orkut foi criado com o mesmo.
- Quando você envia e recebe mensagens SMS para ou do site do orkut, o Google usa os dados coletados para operar, desenvolver e aperfeiçoar nossos serviços. Os fornecedores terceirizados do Google também podem coletar dados sobre o seu uso de SMS com a finalidade de fornecerem o serviço. Além disso, sua operadora de celular coleta dados sobre seu uso das mensagens SMS. As práticas dessas empresas são governadas por suas próprias políticas de privacidade.

Internet 100%

Iniciar DISSERTAÇÃO_pós q... 9 Internet Explorer Windows Live Messen... 18:39

http://www.orkut.com/html/pt-BR/privacy.orkut.html?rev=5 - Windows Internet Explorer

http://www.orkut.com/html/pt-BR/privacy.orkut.html?rev=5

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

http://www.orkut.com/html/pt-BR/privacy.orkut.html...

- O Orkut permite que desenvolvedores terceiros enviem aplicativos ao diretório de aplicativos do orkut. Você pode optar por usar um aplicativo adicionando-o ao seu perfil. Se você adicionar um aplicativo ao seu perfil, esse aplicativo poderá coletar informações do seu perfil ou outras informações de suas atividades no orkut e compartilhá-las com outros usuários. Consulte nossos [Termos de uso de aplicativos](#) para obter detalhes sobre o compartilhamento de dados quando você adiciona um aplicativo.
- Quando um dos seus amigos do orkut adiciona um aplicativo à página de perfil, seu nome de usuário público, URL e foto do perfil serão compartilhados com o desenvolvedor do aplicativo e com outros usuários e visualizadores do aplicativo, mesmo que você não tenha adicionado esse aplicativo ao seu perfil.

Anúncios veiculados por terceiros no orkut

- **Anúncios veiculados no orkut fora dos aplicativos:** O Google usa a tecnologia do [Google AdSense](#) para veicular anúncios no site do orkut. A maioria dos anúncios que você vê no orkut (fora dos aplicativos) são veiculados pelo Google através do Google AdSense. Porém, o Google também permite que os anunciantes optem por usar um servidor de anúncios de terceiros para veicular anúncios por meio do Google AdSense. Servidores de anúncios de terceiros poderão usar cookies ou beacons da web para reconhecer o seu computador com a finalidade de acompanhar o conteúdo de publicidade ou de medir a eficácia do anúncio. Uma lista desses servidores de terceiros está disponível [aqui](#), juntamente com outros links dos sites desses servidores, os quais fornecem informações sobre como optar por não usar os cookies deles, se esse tipo de funcionalidade estiver ativada no servidor de anúncio.
- **Anúncios veiculados em aplicativos:** desenvolvedores de aplicativos poderão optar por usar um servidor de anúncios de terceiros para veicular anúncios nos aplicativos do desenvolvedor no site do orkut. Servidores de anúncios desse tipo poderão usar cookies ou beacons da web para reconhecer o seu computador com a finalidade de acompanhar o conteúdo de publicidade ou medir a eficácia do anúncio. Recomendamos que você entre em contato com os desenvolvedores do aplicativo para obter mais informações sobre quais servidores os desenvolvedores usam ou se eles estão buscando informações sobre como desativar os cookies para esses tipos de servidores de anúncios (se esse tipo de funcionalidade estiver disponível nos servidores de anúncios).

Suas opções como usuário

- O Google fornece diversas ferramentas para restringir as pessoas que podem ver o seu perfil e outras informações pessoais. Ao criar seu perfil, procure o ícone "chave", que permite restringir a visualização de determinadas informações apenas para você mesmo, para os seus amigos, para os amigos dos amigos, ou disponibilizar as informações para todos os membros do orkut.
- Você pode atualizar o seu perfil a qualquer momento. Basta clicar no botão "editar", nas configurações do perfil.
- As mensagens que você recebe do orkut podem ser enviadas para o seu endereço de e-mail principal ou para a sua caixa de entrada do orkut, dependendo das preferências que você definir na página "minhas configurações".
- Você pode encerrar sua conta a qualquer momento. Para saber como, [clique aqui](#). Se você encerrar sua conta, seu perfil, incluindo quaisquer mensagens contidas na sua caixa de entrada, será removido do site e excluído dos servidores do orkut. Devido à maneira como a manutenção deste serviço é feita, essa exclusão pode não ser imediata, e cópias residuais dos dados do seu perfil poderão permanecer em dispositivos de backup.

Mais informações

O Google adere aos princípios de privacidade do US Safe Harbor. Para obter mais informações sobre a estrutura do Safe Harbor ou nosso registro, consulte o [site do Department of Commerce \(Departamento de Comércio dos Estados Unidos\)](#).

Internet 100%

Iniciar DISSERTAÇÃO_pós q... 9 Internet Explorer Windows Live Messen... 18:39

ANEXO I

CBO (CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES)

Ministério do Trabalho e Emprego

Classificação Brasileira de Ocupações

Portal do Trabalho e Emprego

Sexta-feira, 17 de Julho de 2009

Mapa do Portal | Links

Buscas

- Descrição
- Histórico de Ocupações
- Características de Trabalho
- Áreas de Atividade
- Competências Pessoais
- Recursos de Trabalho
- Participantes da Descrição
- Relatório da Família
- Relatório Tabela de Atividades
- Conversão
- Fale com a CBO

Esplanada dos Ministérios
Bloco F - CEP: 70059-900
Brasília - DF

Telefone: (61) 3317-6000

2614 :: Filólogos, tradutores, intérpretes e afins

Títulos

2614-05 - Filólogo
Crítico textual, Filólogo dicionarista

2614-10 - Intérprete
Intérprete comercial, Intérprete de comunicação eletrônica, Intérprete de conferência, Intérprete simultâneo, Tradutor simultâneo

2614-15 - Linguísta
Lexicógrafo, Lexicólogo, Linguísta dicionarista, Terminógrafo, Terminólogo, Vocabularista

2614-20 - Tradutor
Tradutor de textos eletrônicos, Tradutor de textos escritos, Tradutor público juramentado

2614-25 - Intérprete de língua de sinais
Guia-intérprete, Intérprete de libras, Intérprete educacional, Tradutor de libras, Tradutor-intérprete de libras

CBO - Busca por Título

Esplanada dos Ministérios
Bloco F - CEP: 70059-900
Brasília - DF

Telefone: (61) 3317-6000

Filólogos, tradutores, intérpretes e afins 2614 Família

Trabalham em serviços especializados de eventos, congressos e seminários, de atividades empresariais variadas, da administração pública, em empresas, universidades, fundações e outras instituições, de caráter público ou privado. A maioria dos tradutores e intérpretes trabalha como autônomos, seja de forma individual ou em grupos, por projetos, podendo desenvolver suas atividades também à distância. Os filólogos trabalham de forma individual, predominantemente como empregados. Os profissionais podem trabalhar em horários irregulares e, em algumas atividades, estar sujeitos a permanências prolongadas em posições desconfortáveis, a ruídos intensos, bem como a trabalhos sob pressão de prazos.

As ocupações da família requerem formações diferenciadas: o superior completo para filólogos e linguístas e o ensino médio ou o diploma de técnico para tradutores e intérpretes. O desenvolvimento pleno das atividades demanda experiência superior a cinco anos.

Condições de Trabalho	Formação/Experiência
2614	2614

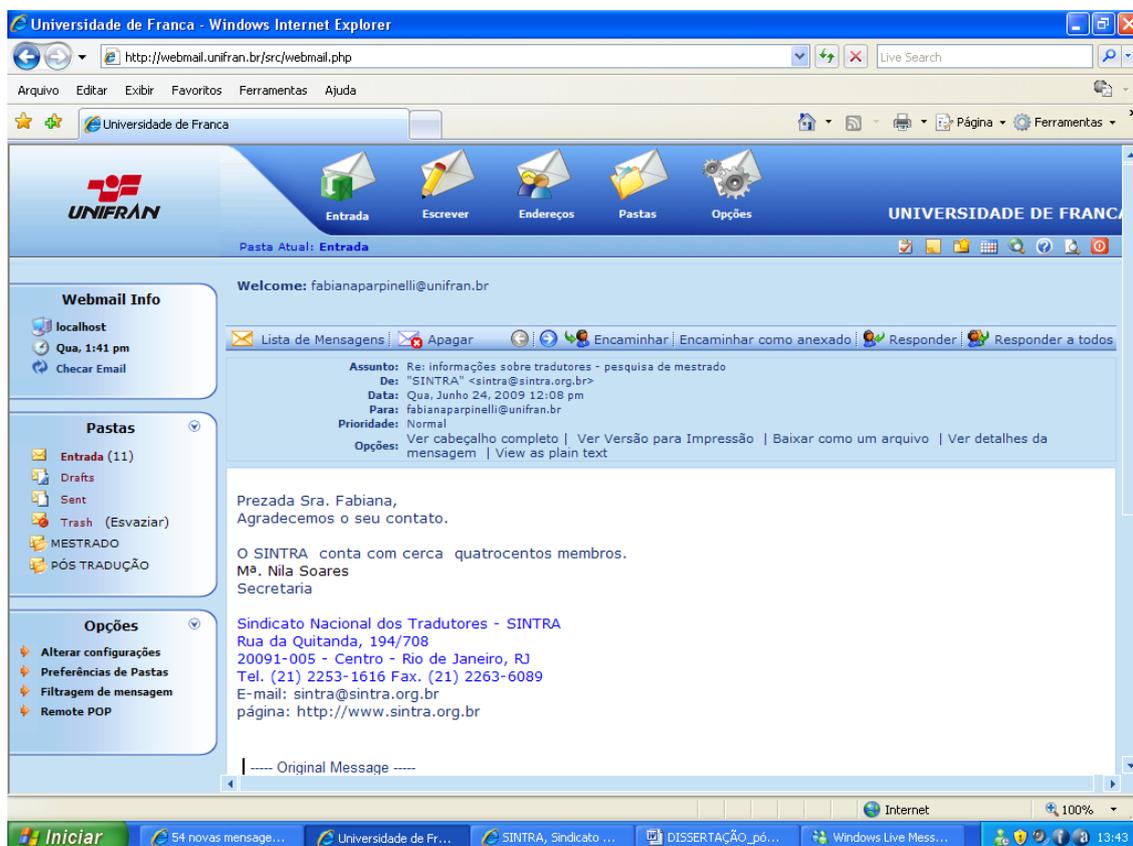
Clicando-se em cada resultado é possível acessar as informações da família correspondente.

(*) Para tipos diferentes de Sinônimo e Ocupação o código que aparece é o da família ocupacional correspondente.

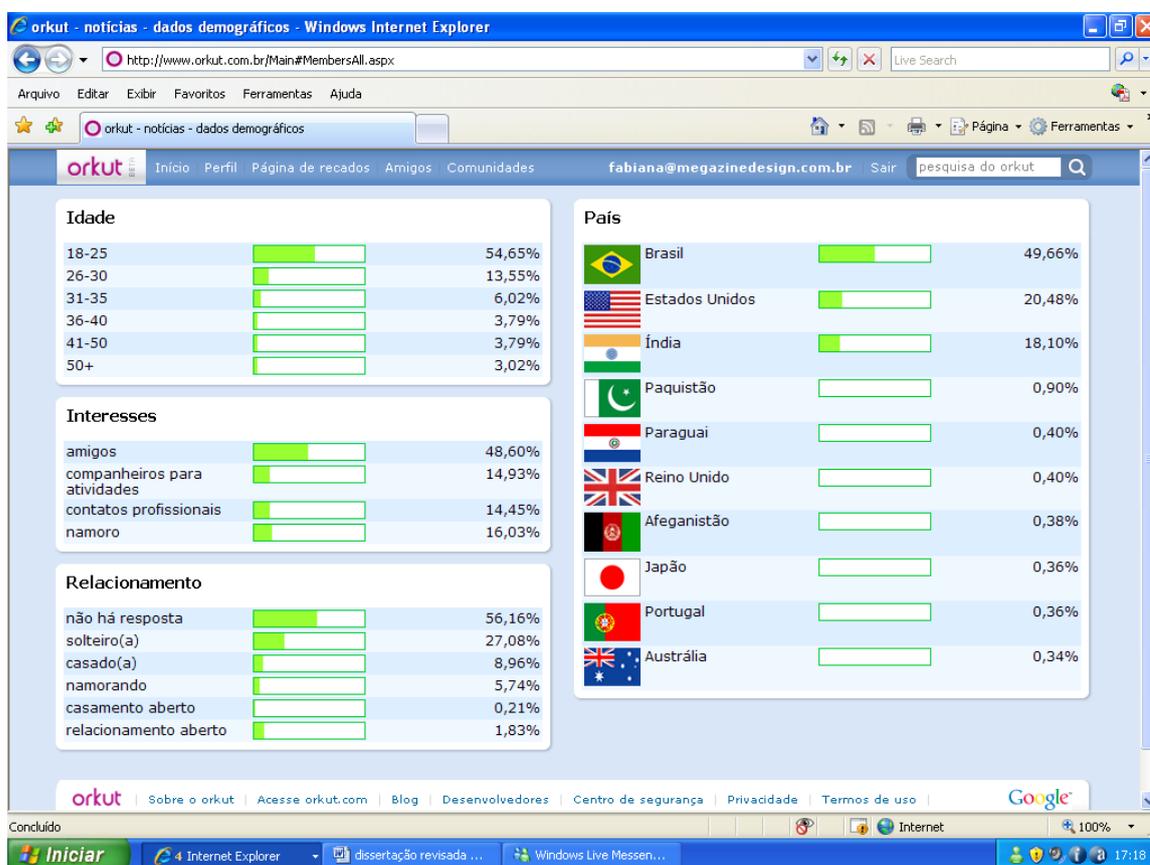
(**) A coluna Histórico refere-se a ocupações que em algum momento tiveram seus códigos modificados.

ANEXO J

E-MAIL DO SINTRA SOBRE NÚMERO DE TRADUTORES FILIADOS



ANEXO K DADOS DEMOGRÁFICOS DO ORKUT



Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)